

*“Caso” Aurélio Trindade
foi o incidente mais recente*

Governo-FA's: “febre” sobe

A não confirmação do general Aurélio Trindade como comandante da RMN foi muito mal recebida pelo Exército, onde aquele oficial goza de grande prestígio. Os militares consideram a atitude do governo — que detém a maioria no CSDN — como «francamente hostil» e «um nitido desejo de confrontação». A proposta de nomeação de Aurélio Trindade apenas formalmente é de Garcia dos Santos. A escolha pertenceu ao conselho Superior do Exército. A clivagem entre governo e militares é total

e na reunião do CSDN até Lemos Ferreira, ao contrário do noticiado, votou a favor da nomeação. Na 5.ª feira decorrerá, em Abrantes uma reunião de comandos do Exército. Marcada embora há dois meses a actual situação confere-lhe importância singular. Entretanto os capitães de Abril recusaram jantar com o Primeiro-Ministro que, a propósito das comemorações do 25 de Abril, tentou, agora, uma aproximação (crónica de Pedro Cid na pág. 5)

Capitães de Abril recusaram jantar com Primeiro-Ministro



Ozal: o líder do partido da «Mãe Pátria»

*Eleições
na Turquia*

**Turgut
Ozal
bate
candidato
dos
militares**

Págs. centrais

Hoje



Savimbi contestado

*Convulsões
no seio
da UNITA*

**Savimbi
manda
prender
o n.º 2 da
organização**

Pág. 24

Cercado em Baudaui promete resistir até ao último homem **Aproxima-se o fim de Arafat?**

Escalada militar americana no Líbano parece iminente

Págs. centrais



Em cima: Yasser Arafat: as últimas horas de um líder?
Ao lado: combatente palestino num tanque soviético T-54 durante uma pausa nos combates em Tripoli

Em vésperas da cimeira ibérica

**Espanhóis temem
“satelização” de Portugal
pelos Estados Unidos**

Crónica de Fernando Jauregui na Pág. 11

O “DL”
acompanha o
Rallye
SAGRES
EUROPA com
o patrocínio.



**Mário Murteira**

A evolução dos acontecimentos internacionais nos últimos tempos tem conduzido a uma situação semelhante à verificada na chamada «guerra fria», no pós-guerra e na década dos anos 50. Tempo de «diplomacia à beira do abismo», na política externa americana, e da sucessão de conflitos e tensões, sobretudo na Europa e na Ásia, algumas vezes conduzindo a guerras locais, ou à sua iminência.

A instilação de novas gerações de mísseis na Europa e o novo e vigoroso surto do movimento pacifista na Europa e na América do Norte, o agravamento da situação no Médio Oriente, a invasão de Granada pelos EUA, são os factos mais evidentes que denunciam o preocupante adensamento do clima internacional. Ao mesmo tempo, a crise económica mundial parece em vias de relativa superação nos EUA, mas persiste noutros capitalismos desenvolvidos e, sobretudo, fustiga duramente os capitalismos periféricos do chamado Terceiro Mundo. Programas de «estabilização» e austeridade, ditados pelo FMI, impõem ou pretendem impor condições restritivas da actividade económica por todo o lado, do México à Costa do Marfim ou a Portugal.

Neste contexto sombrio, a África Austral tende a ficar para segundo plano nos noticiários e comentários políticos, mas trata-se de outro «baril de pólvora» — com algumas

analogias ao Médio Oriente — que, pelas tendências actuais, mais tarde ou mais cedo assumirá o relevo duma questão central da cena internacional.

Realizou-se recentemente em Bona uma «mesa-redonda» sobre Angola organizada pela Fundação Friedrich Ebert (ligada ao Partido Social-Democrata Alemão) em que a problemática angolana foi referida com alguma profundidade e sob diversos ângulos, predominantemente económicos e políticos. Entre os participantes, encontravam-se uma qualificada representação angolana, chefiada pelo embaixador Luis de Almeida, o prof. Aquino de Bragança e investigadores e políticos de diversas nacionalidades, entre eles Melo Antunes, sociólogos norte-americanos e alemães, o director do Instituto de Estudos Estratégicos de Pretória, além do autor destas linhas. Note-se, aliás, que a comunicação de Melo Antunes foi das mais significativas e positivas apresentadas no Encontro, tendo constituído matéria nuclear do debate.

Não é aqui o lugar apropriado para uma análise profunda das comunicações e intervenções dos participantes, e da problemática abordada. Em todo o caso, algumas ideias ressaltaram claramente do debate verificado, embora não fosse intenção dos organizadores chegar a conclusões consensuais sobre temática tão delicada e complexa.

A primeira ideia que retive-

mos é a inexistência de saídas pacíficas viáveis a curto prazo, para a problemática da África Austral. Quer os EUA quer a República da África do Sul, embora com matizes diferentes, insistem em posições inaceitáveis para a República Popular de Angola. Como se sabe, as questões nucleares em causa respeitam à independência da Namíbia, à retirada das tropas sul-africanas de Angola e cessação do seu apoio à UNITA e à retirada das tropas cubanas daquele país. Em nenhuma delas, no processo de negociação em curso, parecem vislumbrar-se progressos significativos.

A segunda ideia confirma o estreito relacionamento entre a maior agressividade da política sul-africana e a orientação da política externa da América de Reagan. Tal como no Médio Oriente a política israelita dos últimos tempos é incompreensível sem esse relacionamento, também nessa região africana o flagrante desrespeito pelas mais elementares regras da convivência internacional pelos aliados dos EUA só é possível com a cumplicidade tácita ou implícita da superpotência que mais se identifica com esses interesses.

Uma consequência destes factos — Granada também é um bom exemplo disso — é a tendência para conflitos e tensões regionais assumirem rapidamente implicações mundiais e se projectarem no confronto Leste-Oeste. Antes de Reagan, e depois do Vietname, a tendência histórica

parecia ir precisamente no sentido contrário, mais propício ao desanuviamento internacional.

Um outro ponto importante tem a ver com a questão de saber quem ganha e quem perde com o protelamento das soluções viáveis na África Austral. É evidente que a África do Sul — quer em Angola quer em Moçambique — joga a fundo na deterioração da situação económica e social desses países, agravada deliberadamente pelos movimentos subversivos que contam com o seu apoio logístico e militar. Também não é arriscado afirmar que Reagan veria com simpatia movimentos ou grupos desse tipo ocuparem as posições da FRELIMO ou do MPLA/PT nos governos de Moçambique ou de Angola. E não encontraria talvez dificuldades em explicar a substituição de tropas cubanas por norte-americanas, no segundo daqueles países, se o novo regime não fosse capaz de aguentar-se por si, agora não por ameaça externa mas por insuficiente apoio social interno.

Este curso de acontecimentos é assim preocupante para aqueles que desejariam ver respeitados por todo o lado, a Leste e a Oeste, a Norte e a Sul, o direito dos povos à autodeterminação e os princípios da Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados e ambicionam a progressiva normalização dos principais focos de tensão internacional e a retoma da co-

existência pacífica entre Estados dotados de diversos regimes económicos, sociais e políticos. Nesta perspectiva, e mais agudamente no caso de Angola, cremos que uma política externa coerente, realista e independente, por parte de Portugal, poderia contribuir apreciavelmente para a pacificação da África Austral. Portugal seria, então, a «ponte» de que tanto se tem falado, entre a Europa e a África, num sentido positivo e não como flor de retórica.

Pelo contrário, se a política externa portuguesa se assume, no essencial, como figurante instrumental e secundário do confronto Leste-Oeste, em nome de qualquer «atlantismo» estrelado pela bandeira norte-americana, não só se perde mais uma oportunidade histórica de relacionamento amistoso e progressivo como a África e o Terceiro Mundo (coisa que não sendo «alternativa» à adesão à CEE, poderia pelo menos dar-lhe uma conotação específica mais próxima dos nossos interesses no próprio contexto europeu) como também se permite, por acção ou omissão, o agravamento duma situação potencialmente explosiva na África Austral.

Em particular, e especificamente no quadro das difíceis condições que caracterizam o actual contexto angolano, a cooperação técnico-económica de origem portuguesa poderá desempenhar papel apreciável no sentido de evitar maior deterioração do

sistema produtivo da RPA.

É bom não esquecer que Angola sofre não apenas das incertezas duma situação político-militar resultante da vizinhança agressiva da República da África do Sul, mas também das vicissitudes dolorosas duma colonização e duma descolonização em que Portugal foi parte decisiva. Isto além das dificuldades — não desprezíveis! — características dum país subdesenvolvido, de independência recente, num contexto agudo de crise económica internacional.

Naturalmente que erros graves terão sido cometidos pelas autoridades angolanas, depois da independência, na condução da sua política económica. Isso tem vindo a ser, nalguma medida, reconhecido pelos próprios dirigentes da RPA e no encontro de Bona o facto também não foi ignorado. Mas o processo de estruturação dum estado e de amadurecimento dos seus quadros dirigentes, a todos os níveis, é longo, mesmo em condições normais de existência duma sociedade independente.

Afinal, neste país com os seus longos oito séculos de história, quem poderá, de boa-fé, pela sua própria experiência, ignorar esse longo trajecto que vai da independência política à estruturação do Estado soberano, capaz de configurar e dirigir os destinos da sociedade nacional, bem coesa e identificada em projecto próprio?

Crónica de Economia Política

Angola no confronto Leste-Oeste

A destruição do ensino técnico

António Brotas (*)

actual ministro da Educação é autor de dezenas de textos publicados na imprensa diária e é director de uma revista que, embora de cariz marcadamente literário, não deixa de abordar assuntos diversos que vão até questões puramente técnicas.

Não tenho conhecimento de que nesses textos tenha, alguma vez, publicado algo relacionado com problemas do ensino técnico. Se assim não é seria conveniente que, de uma maneira ou de outra, assinalasse os textos em que tratou do assunto, para podermos estar um pouco mais esclarecidos sobre o seu pensamento que, a avaliar pelo que tem dito nas suas recentes e muitas entrevistas (e no debate televisivo do dia 2), é o de quem não se dá conta de que só a sua impreparação o pode fazer acreditar na validade do relançamento do ensino técnico e profissional que se anuncia. Ensino lançado à revelia de todas as estruturas do Ministério, preparado por uma equipa sem qualquer espécie de qualificação, sabor dos contactos mais superficiais estabelecidos no decorrer de umas quantas passagens pelo país.

O ensino português está mau, mesmo muito mau, mas não se melhora com improvisos como oeste, lançado pela equipa do ministro Seabra.

Uma coisa, no entanto, o ministro (e qualquer um) sabe: o ensino português está tão mau que uma qualquer iniciativa, por

pior e mais errada que seja, acabará sempre por não se notar como uma coisa particularmente má no meio das que já existem. Isto, conjugado com o nunca se fazer uma avaliação dos custos, materiais e humanos, e aqui há que contar com as gerações de alunos sacrificados, faz com que os ministros da Educação julguem poder, e de facto possam, actuar com a maior das impunidades.

Apanhada no ar a ideia generalizada de que tinha sido um erro acabar com o ensino técnico, o ministro considerou que lhe bastava avançar com um primeiro arremedo de projecto para se poder vangloriar de facto de ser o restaurador do referido ensino. Ou tem a mais irreal noção dos problemas educativos, ou é com a impunidade atrás referida que conta o ministro Seabra. Infelizmente, não está, nem minimamente, informado sobre como as coisas se passaram no domínio que pretende reestruturar.

Em particular, ao afirmar na televisão que o ensino técnico português foi destruído em 1975, o ministro (certamente por ignorância e não digo má-fé, embora a intenção política também seja evidente) está a contribuir para a desinformação generalizada.

Numa certa medida interveniente nos acontecimentos, penso poder (e dever) dar algumas informações que poderão ser úteis a quem se interesse pelo assunto. É manifesto, que não é com um simples artigo de jornal que posso contrabalançar a imensa influência de uma in-

formação errada dada pela televisão. Mas aproveito para chamar a atenção das Associações de Pais que, a avaliar pelos seus textos e intervenções dos seus representantes, estão também mal informadas, e não fora esta lacuna uma influência mais benéfica sobre os acontecimentos poderiam ter tido.

Vejam, resumidamente, o que se passou.

Em Portugal havia um ensino liceal que dava acesso à Universidade, e um ensino técnico, com alguma validade e uma tradição antiga (fomos o primeiro país do mundo com aulas de Comércio) que estava marcado pelo facto de ser um ensino destinado a classes subordinadas, e a manterem-se subordinadas, ferrete que o anterior regime acentuou nas três primeiras décadas da sua existência.

Na década de 60, a situação evoluiu num bom sentido. Foi criado o tronco comum do Ensino Preparatório e houve, na generalidade, uma melhoria dos cursos técnicos que se expandiram e, sem de todo perderem o ferrete antigo, se revelaram em muitos casos adaptados às necessidades de mercado de trabalho e, ainda, aos próprios interesses da progressão escolar de várias crianças.

No início da década de 70, houve uma experiência, hoje quase esquecida, que convém recordar. O sector do Ensino Preparatório revelou-se, dentro do Ministério, o sector mais dinâmico e inovador. Não sei com que artes convenceu o ministro a iniciar, em 64 escolas, uma experiência de lançamento do 3.º e

4.º anos do ensino preparatório (7.º e 8.º anos de escolaridade) dependentes das estruturas administrativas do Preparatório.

Quando surgiu o 25 de Abril, havia, assim, a nível do 7.º e 8.º anos, três tipos de ensino: liceal, técnico e preparatório. Este último, porventura o mais válido e inovador, mais virado para o desenvolvimento das crianças do que propriamente para a aquisição de conhecimentos e com disciplinas de aprendizagem como «Trabalhos Oficiais», era considerado pelas correntes mais conservadoras do Ministério uma experiência elitista a eliminar.

Um dos primeiros grandes problemas que se pôs no Ministério, depois do 25 de Abril, foi o pôs de pôr termos a esta experiência, ou de a continuar com um 5.º ano. No Verão de 74 (ministério Magalhães Godinho) prevaleceu a decisão, certamente acertada, de criar o 5.º ano. O GEP, de que eu era então director, foi encarregue de coordenar e apoiar a criação deste 5.º ano nas 64 escolas. Várias equipas de professores e de técnicos se empenharam com calor nesta tarefa. Mas, mais importante que o interesse dos técnicos e que o desenrolar da própria experiência, sucedeu algo que inicialmente ninguém previa.

Nas terras pequenas, só com escolas preparatórias, os pais das crianças que frequentavam o 2.º ano, viram a possibilidade dos seus filhos terem mais três anos de escolaridade. Cairam com pedidos sobre o Ministério mas, mais do que isso, eles pró-

prios movimentavam as autarquias e as influências locais para resolver assim os problemas, a começar pelo das salas de aula. O prolongamento do Preparatório até ao 5.º ano criou, assim, as condições para uma explosão do sistema escolar português. Nasceram escolas integradas nas comunidades que, simultaneamente, eram apoiadas pelas estruturas mais dinâmicas e inovadoras do Ministério. (Não sei se os actuais membros das Comissões de Pais são hoje capazes de sonhar com condições como as que então surgiram). Estava, talvez, a ser inventada a escola portuguesa, pelo menos a que interessava às terras pequenas. A experiência, no entanto, foi submergida.

Em 1974-75, começou a ser defendida no Ministério a unificação do 7.º, 8.º, e 9.º anos de escolaridade.

Havia uma motivação manifestamente política (democrática diga-se) que tinha que ver com o desejo de pôr fim à dicotomia, já um pouco atenuada mas que ainda existia, entre o ensino técnico e o liceal. O 3.º, 4.º e 5.º anos do Preparatório com as suas disciplinas de «Trabalhos Oficiais» eram apontados como o modelo a seguir. O ensino propriamente profissional deveria, em seguida, e muito seriamente, ser desenvolvido ao nível do 10.º ano de escolaridade.

Como director do GEP, combati esta unificação que me parecia prematura por dois motivos: porque iria submergir, como veio a suceder, a experiência recém-iniciada do prolonga-

mento do Preparatório, e porque iria interromper o ensino profissional ao nível do 7.º, 8.º e 9.º antes de podermos convenientemente desenvolver o ensino ao nível do 10.º. Não consegui convencer, e a decisão de unificar o 7.º, 8.º e 9.º foi, de facto, tomada em 1975 (como agora diz o ministro Seabra). Mas os governos sucederam-se. O 7.º ano foi unificado em 75-76, o 8.º em 76-77, o 9.º em 77-78. Esta unificação tomou uma feição muito mais liceal do que inicialmente se previra. Mas, muito pior, **sem que ninguém aparentemente o decidisse** e inteiramente ao contrário do que inicialmente fora previsto, o 10.º ano foi unificado em 78-79 e o 11.º em 79-80. Assim é que foi destruído, **em 78 e 79, e não em 75**, o sector mais importante e significativo do nosso ensino técnico e profissional, o sector que há agora a pretensão de reconstruir.

As Associações de Pais, empenhadas em condenar a unificação de 75, deixaram passar sem um conteúdo a unificação, muito mais grave, de 78 que, com um mínimo de atenção, poderiam talvez ter evitado.

E quanto aos ministros, vimos recentemente numa sessão no Porto, o ministro Seabra clamar contra a destruição do ensino técnico «pela fúria gonçalvista» em 75, tendo ao seu lado o antigo ministro Valente de Oliveira um dos responsáveis (sem o saber) pela destruição, muito mais grave, de 78 e 79.

(*) Professor do IST.

política de A a Z

Situat e defender
o projecto de Abril

MEMÓRIA de vida de homem pelo próprio escrita, e em sua vida publicada, é sempre «depoimento inacabado». À espera que o completasse e a desafiar-lhe a generosidade de juízos e de amizades que a vida o levou a rectificar e a reavaliar, o volume «Depoimento Inacabado», concluído em Junho de 1974, editado em Maio de 1975, dá-nos um retrato do Autor e é como que a antecipação, com os largos desenvolvimentos que o volume consentia, de o discurso que proferiu na festa cívica do seu 75.º aniversário. Tal como em Junho de 1974, no dia 4 de Novembro de 1983, revendo/revivendo o seu passado, citando um poeta de sua eleição, Vasco da Gama Fernandes, definiu-se: «Se de mim há-de ficar / Alguma recordação / Restem somente as três letras / Dum que disse: Não!»

E, citados os versos de João Brito Câmara, Vasco da Gama Fernandes explica — no seu «Depoimento Inacabado» — desde quando e a que coisas disse não. Não resistimos a transcrever essa página: «Desde que comecei a discernir, não a qualquer ditadura, sistema político que desconhece ou persegue as liberdades públicas e torna impunes crimes ou perfídias; não a sobrançeria dos privilegiados para quem a Nação é a coutada ou a granja enriquecidas, facção minoritária face à miséria, à frustração ou ao subdesenvolvimento; não a uma economia monopolista dirigida ou supervisionada por cliques sem escrúpulos, paredes meias com o meu povo carecido, absorto e sem soluções concretas; não a uma sociologia que minimiza o valor do homem e se volta, gregariamente, para a tribo, onde os chefes, despoticamente, põem e dispõem; não a um ensino retrógrado, tendencioso, anticientífico; não a um sistema de segurança social que não acautela nem a saúde, nem a velhice, nem o acidente; não, agora mais do que nunca, às guerras que são desencadeadas pelas forças da reacção ou persistem em desprezar as realidades contemporâneas do mundo em que vivemos; não a uma política internacional de costas voltadas para o mundo que tems de viver e sofrer; não a todas as tiranias, a todas as violências, a todas as segregações, a todas as injustiças.»

Este auto-retrato moral e cívico, porque corresponde à imagem que nos é transmitida pela vida do republicano, do democrata, do antifascista Vasco da Gama Fernandes, explica que à sua volta se tenham congregado cidadãos dos mais diferentes quadrantes e de diversas gerações, num convívio-homenagem que transcendeu, com significado mas sem surpresa, a comemoração do seu aniversário. Disse-o bem Ernesto Melo Antunes: «Nada justificaria o carácter público desta festa, deste convívio que se pretende simultaneamente uma homenagem, se não fossem as qualidades singulares do Homem e do Cidadão homenageado, qualidades essas que muitos de nós identificamos com o que de melhor produziu toda uma geração dedicada a lutas cívicas, políticas e culturais da maior importância para o futuro da Pátria. O dr. Vasco da Gama Fernandes é, de toda essa geração, uma referência de valor inestimável».

Referência de virtudes republicanas e de resistência antifascista. E se, como acentuou Melo Antunes, as «virtudes republicanas» não esgotam «o quadro de referências ideológicas, políticas e intelectuais que formaram os ho-

mens de gerações mais recentes, não é menos certo que o republicanismo é, em Portugal, a fonte inspiradora dos mais nobres ideais da Liberdade, da Democracia e da Justiça». E não será por acaso que os republicanos verdadeiros, que os democratas verdadeiros, que os antifascistas verdadeiros, não esquecem o significado histórico e popular do «5 de Outubro de 1910» e ligam, como marcos de uma mesma estrada de progresso social e de aprofundamento democrático, a Revolução republicana e a Revolução antifascista e anticolonialista de Abril de 1974.

E foi o 25 de Abril que constituiu referência política predominante na reunião de democratas a que presidiu Vasco da Gama Fernandes e à qual o cidadão António Ramalho Eanes se dignou estar presente. Não podia ser outra a razão que ali levou cidadãos tão diferentes e tão idênticamente preocupados.

Vasco da Gama Fernandes em vários lugares deixou escrito e dito que o 25 de Abril constituiu a maior alegria da sua vida como cidadão. Alegria toldada, nos dias que estamos vivendo, por nuvens transportadoras de invernia restauracionistas, pelas abdições, as desfigurações, as cedências, as intrigas que murcharam cravos, amareleceram as verdes esperanças, imprimiram cor outoniça à Primavera de Abril.

O 25 de Abril, citamos novamente o belo texto lido, em nome da «Associação 25 de Abril», pelo tenente-coronel Melo Antunes, era «um projecto de esquerda, portanto popular, democrático, patriótico, antifascista, anticolonialista e anticapitalista». Esse projecto está ameaçado por recuperações, regressos, restauracionismos. Da sua execução, os melhores de Abril, foram, arditamente, afastados. O «cerco» ao Presidente da República montado por «políticos» e por «disposições legais». A «Democracia» domesticada na sua força revolucionária, esvaziada da sua autenticidade participativa e do seu conteúdo social progressista. Os «militares de Abril» reduzidos a uma «referência sentimental» que incomoda o Poder. A «Revolução de Abril» sujeita a um processo de apropriação e de deformação.

A crise política e moral da sociedade portuguesa vem sobrepor-se à crise económica e financeira. E é mais grave.

O «carreirismo» e a «corrupção» andam à solta. A política de promoções, de recrutamentos, de nomeações, de reestruturações é, em si, corruptora. É factor de corrupção política e moral. Perdeu-se, na conquista dos cargos públicos e no assalto às Administrações, Gerências, Direcções, as noções comuns de responsabilidade cívica e de pudor. Os partidos instalados no Poder partilham os poderes, partidariamente.

A situação é crítica. Mas não são raros, em Portugal, os que compreendem que esta situação de crise contém perigos para a Liberdade e para a Democracia. O projecto do 25 de Abril deverá ser retomado.

Reunidos à volta do «resistente» Vasco da Gama Fernandes — desse homem que soube ao longo da vida dizer «Não!» — muitos cidadãos quiseram afirmar que as diferentes posições metafísicas e ideológicas, como já acentuara António Sérgio, não devem, nem podem, impedir que os homens comuniquem lealmente, solidariamente, nos trabalhos concretos de recuperação e desenvolvimento nacionais.

Supomos que o cidadão António Ramalho Eanes, que teve a grandeza de ir abraçar o seu amigo Vasco da Gama Fernandes, levou essa mensagem patriótica ao Presidente da República.

ponto a ponto



DE acordo com uma fonte socialista, **Mário Soares** deverá encontrar-se dentro de dias com o líder do Partido Socialista Progressista do Líbano, Walid Jumblatt. O encontro esteve para se efectuar no passado sábado, mas Jumblatt, que tencionava discutir com Soares a situação no Líbano antes da próxima reunião da Internacional Socialista sobre o Médio Oriente, pediu o adiamento.

O Secretariado da Federação de Bragança do PS lamenta em comunicado que «sejam organizados e concluídos processos de negociação à revelia das populações entre as câmaras municipais da área da linha férrea do Sabor e a CP».

«Importa que todos os responsáveis políticos se reúnam e conjuntamente tracem o caminho a seguir, relegando para segundo lugar o que os divide em face daquilo que os une» — lê-se no comunicado socialista.



OS comunistas açorianos consideraram negativas as especulações sobre a potencial candidatura de Mota Amaral à Presidência da República.

Um documento aprovado em plenário da Organização Regional do PCP realizado sábado e domingo em Ponta Delgada afirma ser negativa tal especulação «em termos de defesa da democracia e de poder deitar areia para os olhos sobre a actual situação política».

O documento critica a política laboral do Governo central e o apoio a ela dado pelo Governo regional e, alegadamente, pelo PS-Açores.

Considera, na sequência, que o Governo PS/PSD, o Governo regional e o PS-Açores «constituem um monobloco em termos de orientação política».

Intitulado «Defender os interesses populares, a democracia e a paz», o documento denuncia o que classifica de «imposto de roubo do décimo terceiro mês como mais uma manifestação deste monobloco político contra os interesses dos trabalhadores».

ÁLVARO Barreto, ministro do Comércio e Turismo, começou ontem uma visita oficial de cinco dias a dois países da CEE. Na República Federal da Alemanha, aquele ministro encontrará-se-á com o titular da pasta da Economia, com quem tratará de problemas relacionados com comércio externo.



O Terceiro Encontro de Mulheres do distrito de Setúbal analisou o problema da «degradação rápida das condições de vida e de trabalho».

Outras questões debatidas no Encontro, que se realizou na colectividade Penicheiros (Barreiro) por iniciativa do Movimento Democrático de Mulheres e União dos Sindicatos de Setúbal, foram o desemprego, «a repressão» no interior das empresas e a política do Governo PS-PSD.

As participantes no encontro — mais de 500 — aprovaram uma carta aberta ao Governo em que se insurgem contra o que consideram «o roubo do décimo terceiro mês».

A secretária de Estado da Segurança Social, **Leonor Beleza**, afirmou em Vila Flor, Bragança, que «o Governo não pode nem deve fazer tudo no âmbito da Segurança Social».

«Tem que contar com a colaboração das instituições particulares de protecção à infância e à terceira idade», acrescentou.

Leonor Beleza, que se encontra desde sexta-feira de visita ao distrito bragantino, deslocou-se sábado à Casa de Trabalho-Patronato de Santo António, em Bragança, instituição de educação para jovens carenciados de ambiente familiar normal.

Inaugurou ao fim da manhã um jardim de infância em Alfândega da Fé e da parte da tarde visitou o lar de idosos de Vila Flor e inaugurou um novo jardim de infância, orçado em cerca de vinte milhões de escudos.



O investigador do Instituto Botânico de Coimbra, Jorge de Paiva, dirigiu sábado colóquios sobre Ecologia e Ambiente na Lousã e em Coimbra.

O especialista focou tópicos relacionados com florestação, espécies exóticas e flora portuguesa, incêndios e conservação da Natureza.

O colóquio da Lousã teve lugar nos Paços do Concelho e foi promovido pelo semanário local «O Trevim», enquanto o realizado em Coimbra se realizou na sede do núcleo local do grupo de investigação e divulgação científica, por iniciativa deste organismo.

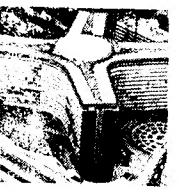
UMA manifestação contra a entrada de Portugal e da Espanha no Mercado Comum foi convocada para o dia 30 deste mês na cidade de Montpellier, no sul da França.

A manifestação, anunciada em Perpignan pelo presidente da Federação Nacional de Agricultores, da região Alpes-Mediterrâneo-Córsega, Jules Labalíe, destina-se a «demonstrar às autoridades a união dos Agricultores do Mediterrâneo frente a ameaça espanhola e portuguesa».

Por outro lado, a Federação Regional dirigirá uma petição ao presidente da República francesa, François Mitterrand, no sentido de que «detenha o processo de adesão de Espanha e de Portugal ao Mercado Comum» — acrescentou Jules Labalíe.



O ministro da Indústria e Energia, **Veiga Simão**, que se encontra em Londres a convite do governo britânico, disse à partida que «não existe qualquer tipo de pressão por parte do governo de Madrid no que respeita à instalação de centrais nucleares espanholas junto à fronteira», acrescentando que «Portugal tem o seu plano energético que vai ser apresentado ao Parlamento, combatendo depois aos deputados pronunciarem-se sobre a opção nuclear».



O espesso manto da verdade

Helena Cida de Moura

Poder-se-ia pensar, que a ida dum Partido Socialista para o Poder, com a forte representatividade que o voto do Povo Português lhe conferiu, no Portugal Democrático, tivesse tido como consequência imediata um certo desanuviamento nas tensões sociais existentes, uma abertura ao diálogo mais encorajadora dos esforços necessários, uma circulação da dinâmica social, mais livremente expressa. Nada disso aconteceu. A AD que nos sufocou durante 3 anos continua a sobrecarregar os nossos dias com a mesma mediocridade mental, enquanto o governo, da responsabilidade do Partido Socialista, segue os métodos tecnocratas-assépticos, tendo a crise como anteparo.

É do altar sagrado do Poder que ele dita os seus conceitos, as suas medidas e expõe ao público a lepra que nos cobre todo o corpo. O governo, esse está imune e totalmente alheio a que tal praga tenha caído sobre nós pobres pebedores da crise.

Mercê das decisões de despedimento, do abultamento do nível de vida, do aumento de toda a espécie de transportes, da crescente dificuldade de habitação, o português médio sente-se oprimido, no discurso do Poder. Se por acaso é trabalhador assalariado e por mais forte

razão do sector nacionalizado do Estado, o seu enorme complexo de culpa tende a alterar profundamente a sua integração social e profissional. Ele é quase o inimigo público n.º 1.

O trabalhador sente-se julgado e classificado, e a sua liberdade ameaçada. Porque a liberdade cívica para aquele que trabalha não tem sentido sem a segurança no emprego. A liberdade é o seu estatuto, é a sua dignidade profissional, é o cumprimento dos seus deveres para com a família e para com os seus companheiros de trabalho.

Num momento em que era necessário dinamizar o país, um

governo da responsabilidade do Partido Socialista esquece a força indispensável da participação social tenta neutralizar a força de trabalho nacional.

De tal modo é grave este posicionamento do Governo perante os portugueses que, de facto, não se chega a saber, se a política que está a ser implementada é ditada pela Carta de Intenções assinada com o FMI, ou se a Carta de Intenções do FMI serve as intenções do Governo.

De facto é com alvoroço de menino bem comportado que na Carta de Intenções, revelada ao país, o Governo narra as suas virtudes: «desvalorização efec-

tiva do escudo de 12%, um substancial aumento dos preços duma vasta gama de produtos subsidiados, incluindo: pão, óleos, rações para animais, leite, açúcar, adubos e produtos petrolíferos».

O próprio primeiro-ministro em Congresso do seu partido afirmou com orgulho que as medidas restritivas foram da iniciativa do Governo e anteriores às conversações com o FMI. Deixemos pois descansado o FMI, talvez ele nem exigisse tanto!

Mas o Partido Socialista não ignora esse sim, que por detrás

Continua na pág. 19

ASSEMBLEIA DISTRITAL DE SETÚBAL

M O Ç Ã O

Como é do conhecimento geral a Assembleia Distrital é um Órgão Autárquico de constituição transitória, que se extingue com a criação das Regiões Administrativas.

A criação destas Regiões é uma necessidade imperativa, pois proporcionará melhores condições para o desenvolvimento harmonioso do País, a partir da adequada planificação e programação dos sectores económicos, indústria, turismo, etc.

Esta planificação criaria com bases sólidas, as estruturas necessárias de molde a que os agentes intervenientes na produção da riqueza, não vivessem, como actualmente acontece, em permanente sobressalto, vítimas do desemprego, da falta de pagamento de salários, etc.

Sendo indelmentável o que se acaba de afirmar, não deixa de causar surpresa a acção negativa dos sucessivos governos, (e dos Partidos que os compõem na Assembleia da República), que mantendo uma óptica centralizadora, não se debruçam sobre a matéria, havendo como se sabe projecto de decreto lei que pode desbloquear a situação e criar formas de gestão, (Central e Local), mais consentâneas com a realidade portuguesa.

Esta Assembleia, cuja manutenção é reflexo da inoperância do Poder Central, sendo composta, à excepção do Senhor Presidente, por eleitos para os Órgãos de Poder Local, não pode deixar passar em claro a gravíssima e inquietante situação social do Distrito, devendo por isso, dela fazer pública denúncia.

SECTOR METALÚRGICO

Cooperadora — O mês de Setembro está por pagar. Não têm trabalho. **Tecnitoole e Tecnizado** — Contratados a prazo que aderiram à greve pelo CCTVMM, receberam carta informando da não renovação dos seus contratos. Trabalhadores saíram à rua e estão em luta contra as horas extras e o desempenho de funções de outras profissões.

Imperex — Em atraso três meses e meio de salários. **Ima** — Foram pagos 8 contos do mês de Setembro. Falta o restante e o subsídio de férias.

Sadina — O patrão não vai à empresa. Não têm trabalho. O mês de Setembro e o subsídio de férias por pagar.

Tiir — Só foram pagos 4 contos do mês de Setembro. Em dívida também o subsídio de férias.

Ficol — Está encerrada com os trabalhadores em casa, não sendo pagos os salários desde Julho. Foi pedido em nome do pessoal, por um Administrador, um empréstimo para a viabilização da empresa.

Sorefame — Recebem os salários em prestações, tendo sido pagos 20 contos do mês de Setembro.

Lurgel — O patronato retém 10% dos vencimentos.

A. Supico — Estão por pagar os salários de Setembro. Em dívida também o subsídio de férias aos trabalhadores que tiveram férias depois de Abril. A empresa está a ser descapitalizada e não há controlo. A gestão está a ser feita pelos ingleses.

Lisnave — No dia 21.10.83, foi pago aos trabalhadores 24% sobre o crédito em relação aos 3 meses em atraso. Há falta de trabalho. O refeitório pode vir a fechar e os transportes estão em causa. A Administração tenta fazer despedimentos e nalguns casos já conseguiu, através de reformas antecipadas e licenças remuneradas. Acrescente-se que tem em perspectiva despedir mais 2094 trabalhadores.

S.R.N. — Foi pago o mês de Setembro. Foram pagos 5 contos por conta do subsídio de férias e existem ainda retroactivos por pagar.

H. Parry & Son — Foram pagos 10 contos do mês de Agosto. O restante e Setembro encontram-se totalmente em dívida. Foram pagos os subsídios de férias.

C.P.P. — Estão em dívida os salários da parte do mês de Abril até Outubro. O subsídio de férias não foi pago.

E.N.I. — Em dívida parte dos salários de Setembro e os complementares de Agosto e Setembro.

Em dívida também os subsídios de férias aos trabalhadores que as gozaram a partir de 16.9.83.

Casa Capucho — Os salários são pagos em prestações. Há dívidas aos trabalhadores referentes aos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro. Prevista penhora pelos Fiscais das Contribuições e Impostos por falta de pagamento do Imposto de Transacção.

Setenave — Situação salarial regularizada, existindo o espectro do desemprego para cerca de 6000 trabalhadores, se for levada a efeito a resolução do Conselho de Ministros 42/83.

António Alves Ferreira — Estão em dívida os salários de Setembro, subsídio de férias, retroactivos e deslocações.

Mompur — Estão em dívida os salários de Agosto e Setembro a cerca de 80% dos trabalhadores. As ajudas de custo estão a ser pagas em prestações.

SECTOR QUÍMICO

Alvamar — Empresa com salários em atraso, do mês de Agosto só receberam 10 contos. Está pendente o pagamento de retroactivos 82/83, subsídio de férias de 83 e subsídio de Natal de 81.

Sunnerbo — Falta receber os meses de Agosto e Setembro, retroactivos de 83 e subsídio de férias de 83. De momento a empresa fez chegar às mãos dos trabalhadores um documento, que dá possibilidades de irem para casa motivado pela paragem da empresa (falta de matéria-prima), é a aplicação do Dec. Lei dos despedimentos antecipadamente.

Facopla — Empresa parada há 14 meses. Falta de matéria-prima, corte de energia. Dívidas: 40 mil contos às Finanças, Fundo de Desemprego e Previdência. 50 mil contos à Banca. 70 mil contos aos fornecedores. 15 mil contos aos trabalhadores.

Sereia — Continua parada havendo dívidas aos trabalhadores.

SECTOR CORTICEIRO

Socorquerx — Completamente parada desde Novembro/82 e salários em atraso desde essa data.

SECTOR DAS CARNES

Companhia/Tóbon — Encerrada desde Outubro/82 e não paga salários. **Socar** — Nesta empresa trabalham cerca de 130 trabalhadores dos quais 60% contratados a prazo. Alguns deles estão há 6 anos nesta situação.

SECTOR CERÂMICO

Precol — Foram pagos 7 contos do mês de Setembro. **NOVOBRA** — Pagos 70% de Junho, 50% em Julho, falta pagar o mês de Agosto e subsídio de férias. Os trabalhadores estão em greve indeterminada, havendo já intervenção da GNR no sentido de deixar sair os materiais.

Neocerâmica — Encerramento da empresa. Estes trabalhadores foram transferidos para a Previgal não pagando os retroactivos e despedindo os contratados a prazo.

SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Vargas Palma — Pagou 3 contos do mês de Setembro. **Compar** — Falta pagar o subsídio de férias. **Móveis Baia** — A empresa foi encerrada. **Gomes Ferreira** — Perspectiva-se o seu encerramento estando por pagar os meses de Julho, Agosto e Setembro e subsídio de férias. **Fersel** — Pagou 7 contos de Setembro. **Mendel** — Desde Julho que os trabalhadores estão em casa.

SECTOR DO COMÉRCIO

Saul F. Lopes — 2 meses de salários em atraso. **Decoradora Almadense** — Salários em atraso. **Ferrovários** — Foram pagos 25 contos a cada trabalhador em 13.10.83 referentes ao mês de Setembro.

SECTOR TÊXTIL

Lundberg — 7 meses de salários em atraso. **Vansul** — 2 meses de salários em atraso. **Francos** — 3 meses de salários em atraso. **Levitex** — 3 meses de salários em atraso. **Malhas Sameiro** — 5 meses de salários em atraso. **Lander** — Salários em atraso.

SECTOR DA REFORMA AGRÁRIA

Em 1976, existiam 86 UCP's, ocupando uma área de 100 mil hectares, que proporcionavam 4 mil postos de trabalho permanente.

Desde então, os Governos Constitucionais destruíram 36 UCP's, lançando no desemprego mais de 2 mil trabalhadores. Através da imposição, arbitrária e ilegal, de reservas e leilões às UCP's Coqueiros, 3 de Outubro e Flor do Alentejo foram vítimas da sanha destruidora dos inimigos do povo português. Na última, 12 trabalhadores estão no desemprego, enquanto nos Coqueiros, o Ministério entregou ao agrário as culturas em estado de colheita, roubando assim todo o resultado da exploração agrícola, que se estima em mais de 2 mil contos.

O Governo manifesta-se diariamente com novas reservas e leilões, enquanto persiste em ignorar os sucessivos acordãos do Supremo Tribunal Administrativo, já transitados em julgado, que reconhecem a razão das UCP's e dos seus trabalhadores. Veja-se o que aconteceu na Cooperativa 3 de Outubro, onde o Governo em vez de acatar a deliberação do STA, mandou demarcar nova reserva.

Paralelamente no sector Corticeiro, mantendo a lei roubo da cortiça, o Governo impede que cerca de mil milhões de arrobas sejam comercializadas, do que resulta este paradoxo:

Portugal, o maior produtor mundial deste produto, procede a importações para dar resposta à procura interna.

Na área das herdades nacionalizadas de Palma, Comporta e Barroquinha, as promessas feitas pelo Governo de distribuição de terras aos trabalhadores continuam por concretizar.

No sector da Reforma Agrária, como em toda a agricultura, o agravamento dos preços dos factores de produção, os baixos preços dos produtos agrícolas e o corte de crédito, arruinaram as pequenas e médias explorações, agravaram o desemprego e forçaram o País à importação.

Bem procuram os trabalhadores o diálogo, mas o Governo é surdo. O Ministério respectivo não ouve as Associações representativas dos trabalhadores, teimando em só comunicar a imposição das reservas e leilões na véspera de as executar.

No caso da legislação sobre a cortiça (elaborada contra os pareceres dos sectores produtivos e de transformação), o Governo nem deu resposta ao pedido do encontro de 7 de Maio último.

Numa situação extremamente grave em que é urgente fazer o País sair da crise e proceder às culturas de Outono e Inverno, o Governo actua na desestabilização impedindo as culturas e causando o desemprego.

Senhor Presidente Senhores Membros da Assembleia Distrital

À triste realidade, que acabamos de recordar, (traduzida em milhares de desempregados no Distrito de Setúbal e 15 mil trabalhadores com os salários em atraso), há ainda a acrescentar a aprovada «Lay Off», em estrangeiro para baralhar as questões, mas na verdade uma autêntica lei de despedimentos, o roubo de parte do 13.º mês aos trabalhadores, e o recente conhecimento da carta de intenções do Governo perante o FMI.

O quadro é negro. Milhares de famílias já passam fome. Pessoas andam ao papel e procurando nos caixotes do lixo materiais que lhes possam proporcionar uns míseros escudos. Muitas famílias têm vindo a atenuar estas dificuldades porque as cooperativas de consumo lhes têm vendido os alimentos a crédito.

Mas tal situação não se poderá manter por manifesta insuficiência financeira das cooperativas.

E neste quadro negro o que faz o Governo?! Afirma, consecutivamente, que é uma questão de tempo, que é preciso realizar uma política de austeridade, que é preciso paciência, que é preciso trabalhar, etc., etc.

Será que os governantes portugueses não têm olhos e ouvidos para verem e ouvirem o que se passa nos países onde o FMI entrou com as suas garras capitalistas e fascistas?!

O Brasil, a Argentina, o México, o Chile e o que já aconteceu em Portugal não são já provas mais do que suficientes para demonstrar a necessidade de mudar o rumo, começar a ouvir os trabalhadores e abandonar o enfeudamento ao imperialismo?

Qualquer país do Mundo só pode dar as condições necessárias ao seu povo através da criação da riqueza.

A riqueza obtém-se através do trabalho e contrariamente às afirmações do Governo para a saída da crise, existem alternativas à sua política.

A CGTP/IN apresentou recentemente um caderno reivindicativo de 22 pontos e um plano de emergência contra o desemprego, bem como propostas concretas para a resolução dos problemas nacionais. O Governo continua a ignorá-lo, persistindo num caminho que levará o nosso país ao desastre, colocando a economia portuguesa na total dependência de interesses estrangeiros.

Mas, Senhor Presidente, Senhores Membros da Assembleia Distrital: o posicionamento dos trabalhadores portugueses, a sua luta, a sua história perante a sociedade egoísta, mercantil, brutal e repressiva que foi a sociedade portuguesa durante o fascismo (e que em parte o ainda é, nesta pausa do 25 de Abril, para acerto de contas entre os velhos e os novos senhores do passado), o posicionamento dos trabalhadores, dizia, a sua determinação, a sua coragem, a sua competência saberá a curto prazo dar resposta certa aos que procuram por todos os meios roubar-lhes aquilo a que têm direito.

Assembleia Distrital de Setúbal, 24 de Outubro de 1983

comunicação social

Hipertensão

E os nossos chefes de Redacção?

Um chefe de Redacção americano em cada três sofre de insónias, de cansaço, de hipertensão, de excesso de peso, de perturbações na vista, etc., tudo isto atribuído ao «stress» considerado inevitável na profissão. (E um chefe de Redacção português...?)

Tais são os resultados de um estudo efectuado junto de 544 jornalistas com função de chefes de Redacção e de 358 subchefes de Redacção, segundo o que foi revelado recentemente numa conferência de Imprensa em Washington.

(E um subchefe de Redacção português...?)

Os estudos confirmam, sem agravamento embora, os resultados de um primeiro estudo semelhante, feito há perto de quatro anos.

(E entre nós, há quantos anos foi semelhante estudo feito...?)

Os chefes de Redacção consultados atribuem o «stress» às pressões da urgência que acompanham a actividade nestes casos, mas também ao constante receio (ou angústia) de que as informações trazidas pelos jornalistas de base nem sempre sejam exactas e possam dar lugar a ulteriores complicações (desmentidos, etc.), bem como à dificuldade de um verdadeiro relaxe quando não estão de serviço nas Redacções.

(E os nossos repórteres trazem notícias angustiantes para os chefes de Redacção...?)

O relator do estudo conclui todavia não ser evidente que a proporção de pessoas com «stress» seja mais elevada no grupo hierárquico dos chefes do que entre os quadros superiores de qualquer empresa.

(Que tal sirva de consolo a nós jornalistas, chefes ou não chefes...)

“Media” no Instituto de Defesa Nacional

O Instituto da Defesa Nacional propõe-se levar a efeito, de 14 a 18 de Novembro, um seminário subordinado ao tema «A Comunicação Social e a Defesa Nacional».

Para o referido seminário, além de entidades oficiais e personalidades ou organismos ligados ao sector, são também convidados a participar representantes de outros órgãos de Comunicação Social.

Do programa: Dia 14, segunda-feira, «A Comunicação Social em tempo de paz e em tempo de guerra/Segurança nacional e defesa nacional», das 9 e 30 às 11 horas, por Mário António da Mota Mesquita; e «Liberdade de informação e segurança nacional», das 11 e 30 às 13, por Marcelo Rebelo de Sousa.

Dia 15: «A Comunicação Social e a formação cívica dos cidadãos», das 9 e 30 às 11, pelo prof. Armando Rocha Trindade; e «A Comunicação Social como veículo da promoção do espírito de defesa», das 11 e 30 às 13, por José Luís do Amaral Nunes.

Nos dias 16 e 17, das 9 e 30 às 13, estão programados trabalhos em grupos.

Finalmente, no dia 18, sexta-feira, das 9 e 30 às 13 horas, proceder-se-á à apresentação de conclusões pelos grupos de trabalho seguida de debate, bem como à leitura de comunicações escritas eventualmente apresentadas por participantes no seminário, caso haja disponibilidade de tempo.

Casa da Imprensa — AG dia 9

A assembleia geral extraordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (associação de socorros mútuos), Casa da Imprensa, realiza-se, em segunda convocação, no próximo dia 9 (depois de amanhã), pelas 15 horas, e não às 16 horas como foi indicado nos avisos convocatórios do dia 18 do passado mês de Outubro.

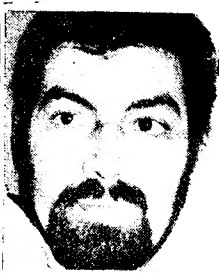
Se por falta de número legal de sócios a assembleia não puder reunir-se às 15 horas do dia 9, funcionará uma hora depois, em terceira convocação, com qualquer número de presenças.



CONCURSO
RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal
Lic. TV Nº _____

PEDRO CID



Por inabilidade de Mota Pinto

Governo desestabiliza Exército

«O Exército não vai entender este gesto do Conselho Superior de Defesa Nacional de não confirmação do general Aurélio Trindade como Comandante da Região Militar do Norte, tanto mais que se trata de um chefe militar prestigiado, até agora director da Arma de Infantaria, cujos efectivos somam metade deste ramo das Forças Armadas» a advertência foi feita após a decisão do Governo (que detem a maioria no CSDN) de não confirmar a nomeação de Aurélio dos Santos, embora com o pretexto de que a entidade proponente (o Chefe do Estado-Maior do Exército) não tem a confiança política do Executivo desde que há dois meses foi proposta a sua exoneração ao Presidente da República. Só que, Garcia dos Santos foi o proponente formal. A escolha foi feita pelo Conselho Superior do Exército.

A votação marcou claramente uma fronteira entre civis e militares. Estes votaram todos pela confirmação, incluindo (ao contrário do que foi posto a correr na Imprensa de sábado e domingo) o general Lemos Ferreira, Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, e que alguns círculos político-militares apontam como sério candidato ao lugar de Melo Egidio, como Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Também votaram pela confirmação os ministros da República dos Açores e da Madeira que são igualmente militares.

Nos meios castrenses, mesmo os de conotação política mais conservadora, entende-se que a decisão governamental «é francamente hostil» para com as Forças Armadas e marca um nítido desejo de confrontação. E explicam: «O ministro da Defesa Nacional presidiu na quarta-feira anterior à reunião do CSDN, a uma sessão do Conselho Superior Militar que reuniu todos os Chefes de Estado-Maior. Nessa ocasião o prof. Mota Pinto não deixou perceber minimamente a disposição do Governo, nem o fez antes, durante o processo de escolha, apesar dos contactos regulares que mantém com os Chefes Militares e nomeadamente com o general Garcia dos Santos». E os mesmos círculos militares admitem a eventualidade de ter sido retirada a proposta se o Executivo tivesse indiciado a sua decisão.

De resto as relações entre o ministro da Defesa Nacional e os Chefes Militares têm decorrido com toda a normalidade e colaboração institucional, ainda que, objectivamente, o prof. Mota Pinto não goze de prestígio pessoal no seio das Forças Armadas, sobretudo pela inabilidade na gestão corrente dos assuntos militares, e incapacidade de decidir matérias da sua competência.

Quando há dias regressou do Canadá, o prof.

Mota Pinto mandou que o seu gabinete oficiasse aos Chefes de Estado-Maior da hora de chegada, à Lisboa. E foi por isso que compareceram em força todos os Chefes militares. Por convocação expressa do ministro...

Comandos do Exército vão reunir-se

Vai decorrer em Abrantes, nesta próxima quinta-feira, uma reunião dos comandos do Exército, a que preside o general Garcia dos Santos. A situação decorrente da decisão do CSDN confere subitamente a esta reunião uma importância singular, que noutras circunstâncias não teria, até porque foi marcada com a antecedência de dois meses. Importa assinalar a existência de uma inquietação visível nas fileiras, ao nível dos comandos, quer por aquilo que é designado «tentativa de governamentalizar as Forças Armadas», quer pela situação concreta do País. É que os militares começam a sentir, ao nível da sua «bolsa», mas sobretudo nas perspectivas escassas ou mesmo nulas no domínio profissional, os efeitos da austeridade.

Nos próximos dias vão desenvolver-se contactos com vista a uma tomada de posição que clarifique as coisas. Sabemos que este fim-de-semana foi sobretudo de reflexão. Objectivamente o «caso» Aurélio Trindade é um elemento novo. Uma prova de força entre o Governo, que deseja exonerar Garcia dos Santos, e o Presidente da República, que, embora oficial e publicamente ainda não se tenha pronunciado, entende injustificada a exoneração nos termos e com os fundamentos invocados. Tudo com o Exército de permeio...

O «caso» Garcia dos Santos tem, aliás, dado azo a diversas movimentações e a iniciativas, algumas das quais bem intencionais do ponto de vista de concertação institucional, mas estranhas num contexto de análise política geral. Por exemplo, há algumas semanas atrás, o Presidente da República e o eng.º Eurico de Melo tiveram uma longa conversa sobre o assunto (e talvez sobre a situação política). Aprazaram outro encontro «se tal viesse a ser necessário», só que entretanto, Eurico de Melo demitiu-se, deseja afastar-se da vida política e mantém suspensos os seus pedidos de demissão. O encontro entre os dois homens é aqui divulgado pela primeira vez, porque se insere no desenvolvimento do «caso» Garcia dos Santos. Mas terá tido outro significado político? A resposta obviamente não se enquadra aqui.

O tempo escasseia

Na visita que fez à exposição do Exército, em finais de Julho passado, e no «quente» da decisão governamental de propor a exoneração de Garcia dos Santos, o Presidente da República sublinhou que tinha do seu cargo a noção correcta, em função daquilo que entendia ser o interesse nacional. Queria dizer com isso que apesar das ligações pessoais a Garcia dos Santos, o Presidente ultrapassaria essas ligações «se houvesse razões para isso».

Do ponto de vista presidencial parece que não houve as tais razões. Por outro lado, no acto de posse de Garcia dos Santos, em Janeiro de 1981, Eanes sublinhou que era seu entendimento que o mandato dos Chefes de Estado Maior deveria ser de três anos. O actual CEME tem um perfil militar adequado à função, é respeitado, produziu obra válida, tem capacidade de decisão, actuou, em momentos politicamente delicados, sem hesitação. Além de que é o único chefe militar que colaborou activa e decisivamente no 25 de Abril e, depois, no 25 de Novembro. E até agora continua por explicar claramente, qual é ou quais são, os fundamentos do Governo para retirar a confiança política a Garcia dos Santos. O que está em jogo é efectivamente a componente política. E ao destacá-la (presumivelmente porque não deseja à frente do Exército alguém tão intimamente ligado a Belém) do modo como o faz, o Executivo gera, de imediato, instabilidade nas Forças Armadas. Até porque na Lei de Defesa Nacional se consagra que «O Governo pode a todo o momento propor a exoneração de qualquer Chefe do Estado-Maior». Tudo isto faz com que os militares reflitam sobre o significado exacto do «rigoroso apartidarismo» das Forças Armadas.

Ciente de tudo isto, pela razão adicional de que também é militar, o Presidente da República congelou a sua decisão. E pelos dados que possuímos, nunca Mário Soares e Eanes falaram profundamente sobre este tema. O assunto foi, porém, discutido na reunião de sexta-feira passada do Conselho Superior de Defesa Nacional durante hora e meia. Perante o silêncio total dos militares e as dissertações dos diversos membros do Governo e do Presidente da República. Do que ali foi dito, temos muita pena, mas ninguém nos quis adiantar, sequer uma vírgula. Apenas registámos, a opinião, de um lado e do outro, de que «a discussão em torno do «caso» Garcia dos Santos não tinha sido conclusiva».

As diferentes partes envolvidas, mas em particular o Governo, não dispõem de grande campo

de manobra para alterar a situação. Até porque o fim do ano aproxima-se e até Fevereiro é um pulo. E é no segundo mês do próximo ano que Melo Egidio passa à reserva, abandonando por isso o seu actual posto.

As diversas saídas

Depois do que fica exposto, parece ser lícito afirmar que existem cinco saídas: a primeira seria a demissão de Garcia dos Santos por causa de ter sido rejeitada a confirmação de Aurélio Trindade no comando da Região Militar Norte. Se em condições normais, era o que sucederia, nas presentes circunstâncias, parece difícil que venha a acontecer.

O Governo tem duas saídas, ambas delicadas: o ministro da Defesa pode retirar as competências delegadas no Chefe-do-Estado-Maior-do-Exército, de natureza administrativa e financeira. Seria uma situação humilhante, com reflexos provavelmente incontornáveis no seio do Exército.

Tem sido referido com insistência que o Executivo se propõe rever a Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas. Se levar a cabo essa tarefa legislativa merecerá o apreço do Presidente da República que vetou a Lei (e vale a pena ler as razões na fundamentação que enviou ao Parlamento) e só a promulgou pelo imperativo dos dois terços obtidos em nova votação parlamentar. Mas ainda aqui, tal revisão da Lei é sempre morosa e não terá eficácia útil (a ser apresentada nos próximos dias) senão lá para princípios de 1984. Para se aplicar a Garcia dos Santos é, seguramente, demasiado tarde.

Ora, não sendo de admitir uma antecipação imediata na mudança das chefias militares (o que seria penoso para Melo Egidio) e acreditando-se que o Presidente da República mantém a proposta de exoneração congelada, restam as duas últimas saídas: o general Garcia dos Santos continuará a ser o Chefe do Estado-Maior do Exército até ao momento da passagem à reserva do general Melo Egidio, altura em que será feita uma verdadeira mexida nas chefias dos Estados-Maiores, abrangendo, certamente todos os ramos; ou, o actual CEME cessa funções no momento em que completar três anos de mandato, o que ocorrerá ao longo de Janeiro de 1984. Nessa altura, assumirá interinamente o comando do Exército o actual vice-chefe do Estado-Maior até que se desencadeiem os mecanismos para a escolha do novo CEME.

“Apesar de alguns erros...”

Política económica restritiva conta com o apoio da ASDI

— expressa o seu Conselho Nacional

O Conselho Nacional da ASDI, que reuniu em Lisboa, considerou que, «perante a gravidade da situação actual, o Governo não teria outras alternativas senão a de pôr em prática uma política económica como a que tem sido adoptada».

«Apesar de alguns erros» — diz o comunicado da reunião do Conselho — «designadamente no chamado pacote fiscal, qualquer Governo responsável e sério seria obrigado a tomar medidas restritivas e impopulares, pelo que nos recusamos a entrar no coro demagógico dos que criticam sem nos dizer que fariam em condições concretas similares».

A ASDI entende, todavia, ser indispensável a adopção de «medidas complementares de incidência qualitativa e estrutural», tais como a reforma do Estado e da Administração Pública «no sentido da desburocratização e da autêntica descentralização política e administrativa», revisão da política agrícola e «harmonização de uma política económica integrada e coerente».

Entre aquelas medidas refere também a «adopção de uma reforma fiscal e de uma política de rendimentos que garanta uma maior igualdade na repartição dos recursos e dos sacrifícios da austeridade», «combate eficaz e moralizador da fraude e da corrupção» e «reforço do diálogo social».

O conselho manifestou a sua «preocupação e discordância» em relação ao critério adoptado na Constituição das comissões para a comemoração do X Aniversário do 25 de Abril e a esperança de que na próxima Cimeira Ibérica possam ser colocados com «franqueza e abertura» os problemas de interesse mútuo e ultrapassados os diferendos existentes.

Expressou igualmente o seu apoio ao «esforço do Governo» no sentido de acelerar o processo de integração de Portugal na CEE.

No domínio das relações internacionais, o conselho analisou o problema de Timor-Leste, considerando tratar-se de «um verdadeiro genocídio que exige medidas imediatas e realistas de Portugal, comunidade interna-

cional e de todos os democratas e pessoas de boa vontade do mundo».

Condenou a intervenção norte-americana em Granada, bem como «a política de cada uma das superpotências de dominação nas respectivas áreas de influência, perante a passividade mais ou menos flagrante da outra, que levou à invasão do Afeganistão e da Checoslováquia».

Manifestou, por outro lado, esperança em que haja resultados positivos nas conversações de Genebra sobre a redução de armamento nuclear e discordância relativamente a «qualquer perspectiva desarmamentista unilateral que esqueça que no Leste os mísseis SS-20 já estão instalados e que continuam a ameaçar a Europa e o Mundo».

No tocante a aspectos de organização, o Conselho Nacional da ASDI nomeou uma comissão organizadora do segundo congresso ordinário, que terá lugar em 1984 e ratificou o programa de actividade para o ano de 1983-84.

Vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa no Funchal

Garcia dos Santos não deve estar em funções

«O Governo entende que o Presidente da República se deve pronunciar rapidamente sobre a proposta de substituição do Chefe do Estado-Maior do Exército». Esta opinião foi emitida pelo ministro da Defesa Nacional, no Funchal, onde se deslocou numa visita duplamente oficial e partidária.

Para Mota Pinto, «não deve estar em funções um chefe militar que não tenha a confiança de uma das partes cuja vontade é necessária neste processo».

Instado a revelar se o Governo tencionava ou não alterar a lei de Defesa Nacional, Mota Pinto recordou que a actual Lei foi aprovada no Parlamento por maioria de dois terços, embora admitisse que o diploma consagra soluções «que não são as mais adequadas a uma gestão e a uma superintendência democrática, tradicional e eficiente das Forças Armadas».

Mota Pinto recusou-se a prestar mais declarações sobre este tema com a alegação de que «as Forças Arma-

das são um elemento fundamental na sociedade portuguesa e não devem alimentar com abundância de declarações toda a atmosfera que as envolve».

Recorda-se que Mota Pinto esteve este fim-de-semana no Funchal na qualidade de líder máximo dos social-democratas para assistir ao Congresso do PSD Madeira. Hoje iniciou uma visita oficial àquela Região Autónoma, na qualidade de vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa.

Capitães de Abril recusam jantar com o primeiro-ministro

A direcção da Associação 25 de Abril recusou um convite para jantar com o Primeiro-Ministro, sob pretexto de que não fazia sentido um encontro nessas circunstâncias, dadas as divergências profundas que separam a Associação do dr. Mário Soares.

A primeira manifestação pública dessas divergências ocorreu no passado dia 9 de Julho quando o Primeiro-Ministro não compareceu à cerimónia das condecorações

dos capitães de Abril com a Ordem da Liberdade. Mais tarde, Mário Soares não só não compareceu na sessão que assinalou o décimo aniversário do início do Movimento dos Capitães, como fez com que também ali não estivesse o presidente da Assembleia da República.

A situação que era já de pré-ruptura, agudizou-se ainda mais quando o Governo, ao nomear as comissões de Honra e Executiva para as celebrações do X Aniversário do

25 de Abril, não convidou ninguém do extinto Conselho da Revolução ou da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas.

Ao recusarem o convite para jantar com Mário Soares, os membros da Associação do 25 de Abril não fecharam todas as portas. Mandaram dizer a Mário Soares que, em audiência formal, estão disponíveis para discutir todos os temas que for útil e oportuno abordar.

Até ao Congresso e "para não agravar tensões"...

Grupo dos '44' apoiará actual direcção do PSD

«O grupo dos «44» apoiará pelo menos até ao próximo Congresso a actual direcção do PSD», apurou esta manhã o «DL» junto de personalidade integrante daquela «sensibilidade» social-democrata. Segundo a mesma fonte, a razão da atitude radica no desejo dos «44» não quererem «agravar as tensões dentro do PSD».

As informações recolhidas, pelo «DL» contrariam rumores apontando para uma aproximação recente entre o grupo dos «44» e o de Marcelo Rebelo de Sousa/Pedro Santana Lopes, no sentido de uma acção conjunta para derrubar a actual direcção do PSD.

De acordo com a fonte acima referida, o grupo dos «44» — lembre-se que Viana Baptista e Luís Fontoura são apontados como as figuras de proa desta «sensibilidade» —, «não entrará em qualquer disputa do poder partidário, nem agora nem no próximo Congresso».

Para os «44» esta posição não significa qualquer alheamento em relação à situação tensa que se vive no partido, nem apoio à actual direcção. «Entendemos apenas, com esta posição, nada fazer para destruir o PSD. Por isso, manter-nos-emos à margem até ao próximo Congresso. Nessa altura tomaremos posição», asseguram.

«Troika» que suporta «ónus do falhanço»

Afirmam ainda, «também não corresponder à verdade»

notícias dando como certa uma aproximação entre o grupo e o actual vice-presidente do PSD, Mota Pinto. Os «44» não vêm, segundo nos certifica o nosso interlocutor, «quaisquer possibilidades de aproximação» a uma «fórmula» contra a qual se apresentaram no Congresso de Montechoro. A explicação desta atitude tem como suporte o sentimento de que os «44» não são responsáveis pela «derrocada», da troika que dirige o PSD e por que pensam, «caber aos criadores dessas fórmula suportar o ónus do falhanço».

Os «44» consideram igualmente «impensável» a eventualidade do grupo poder vir a integrar «qualquer próxima Comissão Política do PSD». Na óptica do grupo, «a actual Comissão Política ou outra que venha a ser constituída nos mesmos moldes, dificilmente poderá conduzir o partido ao «rassemblement» tão necessário.

Nem contra nem a favor...

Ao que apurámos, o único

cenário possível que poderia levar os «44» a integrar uma Comissão Política do PSD seria aquele que contemplasse «sem qualquer excepção, todas as sensibilidades actualmente nele existentes». Mesmo assim e ao que julgamos saber, há quem nem esta tese defenda no seio dos «44», uma vez que ela poderia prejudicar a imagem de marca que o grupo pretende ter de si — «grupo de reflexão, sem vocação para a disputa do poder».

Até ao próximo Congresso do PSD (Fevereiro?), o grupo dos «44» prepara-se, pois, para ser fiel ao seu lema: «nem contra nem a favor, apenas a favor do partido». Lema baseado na convicção de que Mota Pinto «foi eleito democraticamente, consequentemente há que o aceitar».

E enquanto aguardam o Congresso, os «44» manter-se-ão numa «rigorosa» equidistância de todas as «linhas» do PSD, inclusive daquela a que se lhes atribui uma forte ligação — à sensibilidade, Pinto Balsemão — Mota Amaral.

Isso não os impede de estarem, de acordo com as informações veiculadas pelo nosso interlocutor, «preocupados» com o futuro imediato do PSD.

Preocupação que assenta numa «liderança fraca e confusa»; num partido «sem nenhuma iniciativa»; em «estruturas que não funcionam» e «desavenças entre membros de troika saída de Montechoro».

Manuel Anta

Encontro de democratas-cristãos

CDS e PDP reuniram em Badajoz

Os partidos Democrático Popular (PDP) espanhol e Centro Democrático Social (CDS) portugueses, acordaram em Badajoz constituir uma comissão interpartidária visando estudos concretos, tanto bilaterais como multilaterais, das relações luso-espanholas.

A decisão consta de um comunicado final sobre os trabalhos do I Encontro Ibérico da Democracia-Cristã, que reuniu durante dois dias, em Badajoz, as duas forças políticas com assento parlamentar.

A comissão reunirá periodicamente, tendo-se também acordado que os dirigentes do PDP e CDS se avistaram de novo no II Encontro Luso-Espanhol da Democracia-Cristã, a realizar em Portugal, em 1984.

O comunicado, em cinco pontos, refere que os dois partidos expressaram o desejo comum de que os actuais «governos socialistas de ambos os países não prossigam na legislação contra a vida humana e contra a liberdade, em Espanha, assim como as intenções continuadas de limitar o acesso aos meios de Comunicação Social».

Acrescenta desejarem que Portugal e Espanha consigam a sua integração o mais rapida-

mente possível na CEE, «tendo sempre em conta as diferenças técnicas e económicas decorrentes das problemáticas específicas de cada um dos países».

O terceiro ponto manifesta a intenção do PDP e CDS em colaborar estreitamente «para serem também artífices da unidade europeia iniciada pelo país do europeísmo contemporâneo, Adenauer, De Gasperi e Schumann, de acordo com o espírito humanista cristão».

Depois de sublinharem a utilidade da integração na Europa no âmbito da política geral, apontam que ela deverá trazer benefícios «também no quadro de realizações para minorar as diferenças existentes, mediante programas regionais de âmbito sectorial».

No ponto cinco os dois partidos «reafirmam a necessidade de respeitar o direito a livre comunicação, posta em causa com as taxas de fronteira impostas pelo Governo português».

Nesse contexto, consideram «regressiva a política socialista, que atenta contra o desenvolvimento da economia local, especialmente o turismo».

O comunicado tem as assinaturas de Lucas Pires, pelo CDS, e de Óscar Alzaga, pelo PDP.

No seu IV Congresso PSR aposta em iniciativas pacifistas

O Congresso do Partido Socialista Revolucionário (PSR) aprovou, como uma das «tarefas essenciais» a luta contra a política do Governo e o acordo com o FMI.

Reunido em Lisboa durante o fim-de-semana, o Congresso do PSR contou com a presença de 80 delegados, que aprovaram a resolução de balanço do trabalho do partido e as teses que indicavam as tarefas e o sistema de organização.

«O balanço valoriza positivamente a intervenção do PSR, nomeadamente a sua luta em defesa das empresas nacionalizadas, pelos presos do PRP, a intervenção eleitoral com a frente UDP-PSR e a defesa coerente dos interesses da juventude e das mulheres», lê-se na nota distribuída aos órgãos de Comunicação Social.

Uma das «tarefas essenciais» aprovadas consiste em o PSR colaborar no desenvolvimento de mobilizações massivas contra a guerra e o nuclear, criando organismos que lhe dêem corpo e que permitam representar um movimento realmente democrático, abrangendo diversas correntes de opinião, sem a intransigência e violência que o PCP escandalosamente imprime às marchas da Paz».

O objectivo central imediato destas mobilizações deve ser a palavra de ordem «Trabalho sim, Bases não» e a oposição coerente ao militarismo», refere a nota.

PSD/Madeira

IV Congresso sob o lema «da mudança sem risco»

O IV Congresso Regional do Partido Social Democrata madeirense, que domingo terminou no Funchal, confirmou a liderança de Alberto João Jardim, a pouco mais de um ano das eleições regionais de 1984.

Em termos globais, foi um congresso pacífico, com apenas duas moções em discussão, uma das quais profundamente política e definidora das grandes linhas de actuação dos sociais-democratas e do Governo Regional da Madeira, durante os próximos dois anos.

A partir do momento em que Jardim anunciou a sua disponibilidade para aceitar a presidência da Comissão Política Regional do PSD por mais dois anos e a recandidatura à presidência do Governo Regional no próximo acto eleitoral, depois de um «compasso de espera» que criou expectativas e gerou polémica e especulação, estava definitivamente aberto caminho para um Congresso pacífico, sem sobresaltos e de afirmação dos princípios da social-democracia.

A aprovação por unanimidade das duas moções e a eleição dos novos órgãos directivos do partido, com reduzidas alterações em relação aos cessantes e onde é evidente uma presença de representantes do Poder Local, dos órgãos do Governo próprio e deputados à Assembleia da República, proporcionaram ao actual líder do PSD um congresso calmo, sem qualquer tipo de «sensibilidades institucionalizadas».

Uma única excepção

Para muitos observadores, a única excepção terá sido a intervenção proferida sábado pelo deputado regional, Jaime Ramos, toda ela canalizada para a crítica à Secretaria Regional do Equipamento Social, ocupada por Caldas de Oliveira, uma personalidade que não raras vezes faz questão de salientar a sua independência, conceito que na óptica do congressista não deve existir, na medida em que todos «devem remar no mesmo barco» e sujeitos à disciplina partidária.

Em declarações prestadas domingo à RDP/Madeira, Caldas de Oliveira admitiu a possibilidade

de colocar o seu lugar à disposição do presidente do Governo «e apenas é a ele que tenho de prestar quaisquer esclarecimentos ou satisfações».

No entanto, fontes apartidárias contactadas pela ANOP admitiram também que João Jardim, que tem vindo a insistir na necessidade de manter o actual elenco governativo até pelo menos as eleições de Outubro do próximo ano, venha a encontrar, uma vez mais, uma «saída» para a situação entretanto gerada, já que não se tem escusado em manifestar a sua solidariedade pessoal aos seus colaboradores mais directos (secretários regionais) sobretudo em momento «menos fáceis».

Em conversa mantida ontem com os jornalistas, Jardim não quis comentar o assunto, mas deixou a indicação de que «não se pode estar a fazer remodelações num Governo apenas porque num Congresso uma pessoa falou contra outra».

Recusa do «bloco central» na Madeira.

Em termos políticos, a declaração mais importante, para além da aceitação da recandidatura de Jardim («sabendo que terei de pagar sob vários aspectos da minha vida privada, profissional e até política um preço bastante duro por ter aceitado»), terá sido inevitavelmente a recusa à constituição do «bloco central» na Madeira.

Sintomático, por exemplo, o facto de na leitura final das suas moções aprovadas, a passagem que defendia a participação do PSD nas eleições de 1984 (não em coligações, mas isoladamente) ter sido repetida e delirantemente aplaudida, facto que não terá passado despercebido às delegações do PS, CDS e do próprio PCP presentes na sua máxima força.

A tese do «isolacionismo» através da rejeição do «bloco central» defendida na moção de que era primeiro subscritor o próprio Alberto João Jardim parece ter vindo a ser reacção provocada nos cerca de 400 congressistas que durante dois dias participaram nos trabalhos do Congresso, e pese embora o facto do diri-

gente socialista madeirense Jardim Fernandes em declarações à ANOP ter insistido no princípio de que um acordo «ainda não está posto de parte».

Por outro lado, foram reafirmadas posições já conhecidas, porque veiculadas pelo dirigente social-democrata, algumas das quais constantes da moção de orientação política aprovada: solidariedade ao Governo da República, mas sem ser incondicional, relacionamento normal com os órgãos de soberania, avanço nas conquistas autonómicas, dinamização da actividade partidária através da militância e basismo, etc.

Um «primeiro aviso» dos militantes

Não passou também despercebida a passagem do discurso final de João Jardim, entendida por muitos observadores e congressistas, como um «primeiro aviso» a alguns: «Não podem falar de militância partidária aqueles que só aparecem para fazer pedidos ou nos dias em que se fazem as festas das vitórias eleitorais, porque ou se está num partido ou não se está».

Este Congresso deixou também duas certezas: o presidente do Governo Regional vai passar a intervir mais directamente, a partir de 1984, na vida política nacional e o PSD madeirense vai pretender contribuir para a mudança do sistema político constitucional «por não servir ao País e sacrificar Portugal».

Finalmente, refira-se que a liderança de Carlos Mota Pinto acabou sendo reforçada, quando João Jardim se insurgiu contra os vários grupos e sensibilidades existentes no seio do PSD (os 44), os balsemistas e o grupo de Lisboa.

Enfim, um congresso pacífico que decorreu sob o lema da «mudança sem risco», mas que em termos partidários acabou por não mudar fosse o que fosse, antes manteve a estrutura directiva mais ou menos idêntica à anterior.

Luís Filipe Malheiro
ANOP/«DL»

Sociais-democratas contra PCP

Governo de Salvação Nacional é manobra antidemocrática

Os sociais-democratas rejeitam a formação de um Governo de Salvação Nacional proposto pelo Partido Comunista Português em recente conferência de imprensa.

Em comunicado, a Comissão Política do PSD, insurge-se contra as teses advogadas pelo PCP, de formação urgente de um Governo de Salvação Nacional com a participação dos comunistas e de constituição de novos partidos diferentes do PS e do PSD actualmente existentes.

«O PCP começa por considerar que o actual Governo do PS e do PSD, corresponde à escolha da maioria absoluta do povo por-

tuguês, não é democrático, pois democrático para o PCP é apenas um governo com os comunistas. Revela assim o PCP o desprezo em que tem o sufrágio e a democracia sempre que se tornam obstáculo aos fins que visa» — diz o comunicado, acrescentando que a pretensão do Partido Comunista de participar no Governo visa «continuar a obra de infiltração na máquina do Estado e de destruição das estruturas agrárias e industriais que se iniciou após o 11 de Março».

Por outro lado, refere a Comissão Política do PSD que «a constituição de novos partidos, dóceis ao comunismo, formados por

franjas dissidentes do PS e do PSD e por alguns actuais independentes», proposta pelo PCP, requereria a realização de novas eleições. «Será ainda preciso que o Presidente da República se disponha a fazer o jogo do PC, dissolvendo esta Assembleia da República e formando por sua iniciativa, o tal Governo de Salvação Nacional, com a participação dos comunistas».

O comunicado do PSD acentua que os partidos democráticos se não deixarão enganar por essas manobras divisórias, e que o «Presidente da República não se deixará enredar na teia antidemocrática do PCP».

MDP acusa Governo de ser factor de «instabilidade social»

«O Governo é o factor primeiro da instabilidade social», conclui o MDP/CDE no final de uma reunião do seu Secretariado Nacional, realizada este fim-de-semana. Para o MDP/CDE «o agravamento das condições económicas e sociais óbvia à ultrapassagem das actuais dificuldades», resultando daí «o natural acréscimo do descontentamento generalizado».

«A política governamental, que onera de modo extrema-

mente pesado os trabalhadores, os sectores mais desfavorecidos da população e as camadas médias, é permissiva perante a corrupção, ao mesmo tempo que revela incapacidade para resolver os problemas que lhe são colocados», diz o MDP/CDE no comunicado final da reunião, acrescentando: «É legítimo prever que se acentuem as já manifestas dificuldades a nível da coligação e seus partidos que reduz o prazo para a constituição de uma alternativa democrática

que venha de facto a enfrentar e a resolver os problemas nacionais».

O comunicado do Secretariado Nacional diz ainda:

«O governo PS/PSD não constitui um fatalismo nem uma alternativa à política da AD. Para o MDP/CDE cumpre estruturar uma alternativa que repercuta um bloco social em crescimento que assumia de novo de uma forma ampla e consequente o espírito de Abril».

no telefone com

Carlos Sousa

(Hospital de Beja)

“Estamos sem anestesistas.

A urgência pode fechar”

O Hospital de Beja vive uma situação insólita: desde o dia 28 do mês passado que está sem anestesistas, pelo que não é possível, ali, fazer qualquer intervenção cirúrgica. Os responsáveis do Hospital encaram neste momento a hipótese de encerrar o Serviço de Urgências, de tal modo é grave a situação.

Ao telefone com o dr. Carlos Sousa, membro da Direcção Médica do Hospital, abordamos a questão.

“Em Julho último os dois anestesistas que trabalhavam aqui no hospital saíram. Por motivos diferentes mas saíram” — começou Carlos Sousa. “A seguir atravessamos um período difícil, é certo, mas lá fomos remediando a situação: todos os meses eram destacados dois médicos anestesistas, que vinham dos hospitais civis. Só que a partir do passado dia 28 deixaram de vir...”

“Porquê?”

“A Comissão Coordenadora dos Hospitais Civis disse que não tinha pessoal disponível. Eles também têm dificuldades e não podiam continuar a assegurar os dois anestesistas. Mas a verdade é que nós aqui no Hospital de Beja somos alheios às dificuldades da Direcção-Geral dos Hospitais Civis ou à incapacidade que o Ministério da Saúde possa ter para destacar anestesistas para onde não os há e são precisos”.

“Que efeitos tem a falta de anestesistas aí em Beja?”

“Desde o dia 28 que deixamos de prestar assistência a todos os casos cirúrgicos, em especial na área da obstetrícia, com os graves problemas para a população que daí decorrem. Não podemos fazer, por exemplo, cesarianas, e temos que mandar os doentes para Lisboa, que fica a 180 km de distância, correndo o risco de, nalguns casos, os doentes não estarem em condições de aguentar tal viagem”. “Qual é o movimento do Hospital de Beja?”

“Por ano fazemos cerca de 2500 intervenções cirúrgicas; temos 1700 partos; atendemos 44 500 doentes na urgência. Refiro-me a números de 1982. Temos 314 camas e 135 médicos. É um hospital que funciona bem mas que sem os anestesistas vê as suas possibilidades extraordinariamente reduzidas”.

“Ouvir dizer que pensam fechar a urgência. É verdade?”

“Estamos na verdade em riscos de ter que fechar a urgência. Não podemos continuar a trabalhar nestes moldes”.

“Que diligências já fizeram para solucionar o problema? Qual a posição do Ministério da Saúde?”

“Sou apenas membro da Direcção Médica, que tem como função gerir o pessoal médico. Os contactos exteriores são feitos pelo Conselho de Gerência do Hospital. Sei que têm sido feitas numerosas diligências e alertados todas as autoridades que têm a ver com o assunto. Nomeadamente junto do gabinete do ministro da Saúde, que empurra para a Direcção Geral dos Hospitais, que por sua vez diz que o gabinete do ministro não lhe dá os meios necessários para a deslocação dos anestesistas. Ora, sabe-se que há meios legais para que os médicos possam ser destacados. O Estatuto dos Médicos é claro nesse aspecto.

Não percebemos como é que o gabinete do ministro consegue encarar com tanta passividade — espantosa passividade — um problema tão grave como este”.

“O ministro diz que há médicos a mais e no caso dos policlínicos até os quer mandar para África...”

“Exacto. Aproveitando essa ideia nós até sugerimos que o ministro, uma vez que há muitos alemães aqui em Beja, peça às autoridades da RFA para enviarem para cá cooperantes médicos. Isto é: exportaríamos médicos para África e importaríamos médicos da RFA. Seria interessante e seria uma solução. Porque sem médicos anestesistas é que o Hospital não pode funcionar convenientemente”.

Ribeiro Cardoso

Congresso da APAVT propõe Confederação Nacional do Turismo

PORTO, 7 — Os mais de seiscentos congressistas participantes no IX Congresso da Associação Portuguesa de Agências de Viagem e Turismo (APAVT) aprovaram as resoluções finais das secções especializadas e que apontam para “o prosseguimento do processo de regionalização turística enformado pelos princípios de regionalização e desenvolvimento regional”.

A constituição da Confederação Nacional do Turismo, “integrando as associações e uniões empresariais do sector interessadas no desenvolvimento turístico”, foi também reconhecida e aprovada.

A elaboração de legislação regulamentadora dos transportes terrestres e a sua fiscalização foi outro ponto aceite. Propondo-se que essa legislação saia do empenhamento conjunto das Secretarias de Estado dos Transportes Terrestres e do Turismo, “em estreita colaboração com a APAVT”.

A “dinamização do Conselho

Nacional do Turismo”, a “suspensão nas companhias aéreas da prática da venda directa” e a reprivatização de todas as “participações financeiras ainda detidas pela Enatur” mereceram também a aprovação dos congressistas.

O plenário também desejou que fosse rapidamente iniciada a construção do “Instituto Superior de Hotelaria e Turismo”, considerado elemento indispensável à formação de quadros para o sector.

A “consciencialização dos órgãos regionais e locais das empresas de turismo para a importância da informação turística como forma de ampliar a sua capacidade de atracção de renovados fluxos turísticos” foi uma das recomendações do congresso.

A “abolição imediata” da taxa de saída da fronteira, para todos os nacionais, também foi a última resolução aprovada pelos participantes neste IX Congresso da APAVT, que ontem terminou em Viana do Castelo.

Bate-se pela revogação de medidas governamentais

ANTRAM ameaça parar transportes rodoviários

O Conselho Directivo da Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias (ANTRAM) poderá decretar para um dia deste mês uma “paralisação total da indústria”, conforme determinou no sábado a sua assembleia geral.

A referida medida força está condicionada aos resultados de uma entrevista dos dirigentes da ANTRAM com o secretário de Estado dos Transportes, marcada para a próxima quarta-feira, às 17 horas.

Caso as exigências aprovadas na assembleia geral não sejam atendidas, o conselho executivo ficou com plenos poderes para promover aquela tomada de força no prazo de trinta dias, refere um comunicado em que estão incluídas as conclusões da reunião de sábado.

A ANTRAM exige do Governo a anulação dos alvarás e licenças concedidas aos transportadores clandestinos ao abrigo do Decreto-Lei 359/82, de 6 de Setembro, e a criação de dispositi-

vos legais que facilitem a concentração de empresas e consequente concentração de dotações de carga na titularidade de uma só empresa.

Pretende, por outro lado, entre outras medidas do Governo, o “aligeiramento da fiscalidade, nomeadamente quanto ao imposto de Transacções na parte tocante ao equipamento e respectivos acessórios”, fixação de um regime especial no que respeita ao problema de crédito e a “imediata isenção” do paga-

mento da taxa de mil escudos imposta às tripulações dos camiões em serviço de transporte internacional rodoviário de mercadorias.

Um dos intervenientes na assembleia geral de sábado foi José Lara, da TIR Portuguesa do Porto, que salientou a capacidade da indústria transportadora privada para bloquear todas as fronteiras terrestres do País, à espera de que sejam satisfeitas as pretensões saídas do consenso dos industriais.

Só para os que trabalham a terra

Gasóleo a preço especial está nos planos do Governo

O projecto designado “gasóleo verde” vai para a frente — afirmou o ministro Soares da Costa em Albufeira, numa reunião que teve com centena e meia de agricultores inscritos no PSD algarvio.

O projecto tem em vista o fornecimento de gasóleo a preços especiais para utilização no sec-

tor agrícola, de facto, não contemplando os milhares de portugueses que a pretexto da agricultura rolam com veículos a gasóleo isentos da respectiva trimestral. A Espanha, aliás, procedeu já assim há muitos anos: gasóleo a preços especiais só para a agricultura, e não para os “meninos” se passearem por Lisboa

ou irem aos toiros. Um controlo rigoroso junto das bombas com “gasóleo verde” garante o respeito por tal forma.

Um dos obstáculos em Portugal — ao que alega o Governo — à concretização do projecto tem sido a insuficiência de postos abastecedores disponíveis,

admitindo-se a hipótese de virem a ser aproveitadas bombas de gasóleo normal para o seu fornecimento. É muito provável que já no próximo ano o sistema passe a ser aplicado, não havendo mais gasóleo para carros que não apoiem a agricultura e, infringindo a lei, não pagam a respectiva taxa de circulação.

para além do ano

2000

para
comunicar
PORTUGAL

A Companhia Portuguesa
Rádio Marconi projecta realidades novas.

para além do ano 2000

A Marconi desenvolver-se-á ainda mais utilizando técnicas, equipamentos e serviços que já hoje estuda e planeia para o público do segundo milénio.

para além do ano 2000

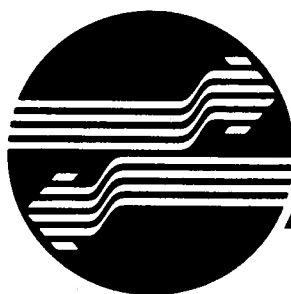
Ao abrir-se um grande espaço de futuro, a Marconi fará crescer ainda mais a sua implantação terrena e espacial.

para além do ano 2000

Todos os meios e sistemas de telecomunicações, em uso e a pôr em prática, serão impulsionados, encaminhados e controlados por novas gerações de computadores. E por novas gerações de técnicos formados e especializados no serviço da Marconi, no admirável mundo das telecomunicações.

para além do ano 2000

A Marconi manterá a vanguarda técnica e operacional com a oferta de um serviço público de elevada qualidade.



**RÁDIO
MARCONI**

de ontem para hoje

Processo do padre Max:
em tribunal sete anos depois

FONTES ligadas à UDP congratulam-se, embora com «sérias reservas» pelo facto do processo relativo ao assassinio do padre Maximino de Sousa e da jovem Maria de Lurdes poder vir a ser julgado brevemente em tribunal, conforme anúncio feito na sexta-feira pelo director da Polícia Judiciária do Porto. Recorde-se que foi há sete anos, mais concretamente em 2 de Abril de 1976, que o padre Max (foto) e a sua companheira foram mortos num atentado bombista, em Vila Real, que destruiu o automóvel onde seguiam. A partir daí as investigações entraram em «ponto morto» apesar de existirem elementos que poderiam ter conduzido à descoberta dos criminosos,



tendo o processo andado de mão-em-mão pelos gabinetes da Polícia Judiciária, até cair nas gavetas poeirentas dos arquivos. Aguardamos agora o que nos irá reservar o julgamento (mas que julgamento, uma vez que não existem réus visíveis?).

Comissário Santinhos não foi à Madeira

Um grupo de agentes da Polícia de Segurança Pública da Madeira reuniu-se sábado no Funchal, num almoço de confraternização com membros da Comissão-Pró Associação Sindical, durante o convívio, ao qual assistiram João Cunha (do Porto) e o agente reformado Oliveira, idos expressamente do continente, foi lida uma mensagem do primeiro comissário Joaquim Santinhos, que afirmava: «apesar de impossibilidade de me deslocar por motivo de serviço considero-me presente em espírito nessa confraternização». No final do almoço, que reuniu 45 agentes da PSP da Madeira, foram distribuídas lembranças aos visitantes e enviada uma mensagem de solidariedade ao comissário Santinhos.

Matança de suínos em Mangualde

Uma grande matança de suínos registou-se ontem em Mangualde onde foram vendidas, na Feira dos Santos, cem toneladas de carne de porco equivalentes ao abate de cerca de um milhar de reses. Os preços praticados oscilaram entre 400 e 500 escudos por quilo. Vidreira Lopes, presidente do Município de Mangualde, disse que «o bom

tempo e a boa organização contribuíram para o grande êxito da feira». Milhares de farrateiros convergiram, durante todo o dia, para Mangualde onde, além da carne de porco puderam adquirir castanhas, nozes, avelãs e outros produtos agrícolas. Aos visitantes da vila foi também proporcionado assistir à exibição de grupos de folclore.

Encontro de folclore na Batalha

O Segundo Encontro Nacional de Folclore da Batalha (Leiria) realizou-se este fim-de-semana, com a participação de nove agrupamentos representativos das várias regiões do País. O vice-presidente do Instituto Português do Património Cultural, Justino de Almeida, afirmou que «estava na manutenção do folclore a verdadeira continuidade de Portugal», e garantiu a disponibilidade do IPPC para ajudar à subsistência dos agrupamentos que mais fielmente exprimam os aspectos folclóricos e etnográficos. Assistiram à actuação dos grupos folclóricos o governador civil de Leiria, presidente da Câmara da Batalha, presidente da Federação Portuguesa de Folclore e um representante da Direcção-Geral de Turismo. O encontro foi organizado pelo Grupo Folclórico Rosas Dolena, no âmbito das comemorações do seu vigésimo primeiro aniversário.

Náufragos nos Açores salvos pela FAP

A traineira «Luís Raposo», da Praça de Ponta Delgada, naufragou ontem perto da Ilha de São Jorge, Açores, tendo-se salvo sem ferimentos os seus 15 tripulantes. De acordo com o mestre da embarcação, esta encontrava-se a pescar a «trolley» ao Norte de São Jorge quando se detectou água a bordo. As bombas de escoamento foram postas a funcionar mas não deram vazão

ao volume de água, pelo que o mestre determinou o abandono da traineira, que se afundou quinze minutos depois de os tripulantes terem saltado para o salva-vidas. Mais tarde foram recolhidos por um helicóptero «Puma» da Base Aérea das Lajes, da Terceira, e transportados depois em avião da FAP para a Ilha de São Miguel.

Tabaco apreendido em Viana do Castelo.

No Porto de Viana do Castelo foi apreendida mais de uma tonelada de tabaco estrangeiro, da marca «Winston» mercadoria que se encontrava embalada em 105 caixas abandonadas no molo oeste, sem qualquer embarcação à vista. «Tratou-se de um desembarque clandestino, que foi descoberto por acaso» — disse o responsável da Capitania daquele Porto. O caso será entregue ainda hoje ao tribunal da Comarca, que decidirá do destino a dar aos 52 500 maços de tabaco agora em poder da Polícia Marítima.

Autópsias médico-legais analisadas em Penafiel

Questões práticas sobre autópsias médico-legais e sobre exames de ofensas corporais, que «constituem os motivos habituais de exames periciais médicos nas comarcas» foram debatidas no decorrer da Primeira Jornada Médico-legal de Penafiel.

Esta reunião, com um carácter essencialmente prático, destina-se fundamentalmente a clínicos gerais e a todos os médicos que exerçam funções periciais médico-legais — disse à ANOP um dos promotores do encontro.

Acrescentou que ela se dirige também a juristas, já que «a medicina legal, como expressão e

aplicação das questões médicas ao direito, encontra neles o diálogo frutífero e necessário para melhor vivência teórico-prática da sua finalidade de servir a sociedade».

Por isso — sublinhou — «pretende-se que Penafiel assumam um papel importante no ensino médico-legal permanente, e a ideia da realização de uma tal reunião brotou animada pela necessidade da reciclagem prática que alguns peritos médicos entenderam ser vantajosa».

O enquadramento dos peritos das comarcas na organização judiciária, bem como a necessidade de colaboração prática entre os peritos das comarcas e

a Polícia Judiciária foi defendido pelos participantes.

Um painel sobre ofensas corporais, na perspectiva criminal, em estudo comparativo entre o velho código penal de 1886 e o código penal de 1982, e as ofensas corporais no trabalho constituiu o último ponto do programa desta primeira Jornada Médico-legal de Penafiel.

O Instituto de Medicina Legal do Porto, departamento de Medicina Legal e Toxicologia Forense do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Centro de Estudos Judiciários, entre outros patrocinaram este encontro que decorreu no Inatel, em Entre-os-Rios, perto de Penafiel.

Médico lembra a secretário de Estado

Saúde dos transmontanos é vergonha a nível europeu

«Trás-os-Montes tem alguns índices sanitários que são uma vergonha a nível europeu, mas que o são também a nível nacional, a começar pela mortalidade infantil» — disse o chefe do Serviço de Ginecologia do Hospital de Santo António, do Porto, no encerramento das Jornadas Transmontanas de Saúde Infantil.

A afirmação de Albino Aroso foi feita na presença da secretária de Estado da Segurança Social, que ontem presidiu à sessão de encerramento das Jornadas, em Vila Real. A reunião durou três dias e reuniu cerca de 300 participantes, incluindo médicos, pessoal de enfermagem, técnicos de saúde e professores dos distritos de Vila Real e Bragança, bem como dos concelhos limítrofes nos distritos de Viseu e do Porto.

Albino Aroso acrescentou que «vivemos dentro de uma ideia de que é preciso apetrechar com aparelhos da mais alta tecnologia os hospitais para acompanhar a evolução mundial, quando, por exemplo em Vila Real e Bragança, como noutros pontos do País, ainda não estão satisfeitas as necessidades básicas, como o planeamento familiar e a assistência materno-infantil».

Considerando o interesse das jornadas e o seu efeito positivo de grande alcance junto das populações, Albino Aroso sublinhou a importância da prevenção e manutenção da saúde, «muito mais barata e de menores custos sociais e humanos do que a doença».

«A promoção e a prevenção devem estar na primeira linha

dos nossos serviços de saúde. É muito mais importante que as populações sejam assistidas pelos médicos de clínica geral e enfermeiros, que sensibilizámos com estas jornadas, do que gastar milhares de contos em aparelhos que só servem uma dezena de doentes no País», afirmou.

Por seu turno, o secretário-geral da comissão executiva das Jornadas Transmontanas de Saúde Materno-Infantil, Cruz Gomes, afirmou que o número de abortos clandestinos, em Trás-os-Montes «não deve ser inferior ao que é praticado nos grandes centros do País».

O especialista considerou a grande mortalidade infantil na província «mais uma consequência da pessoa não procurar a consulta do que propriamente causa de morte interparto».

Além das consequências da adesão à CEE

Agricultores algarvios do PSD preocupados com a falta de água

FARO, 7 — Agricultores e técnicos agrários do Algarve manifestaram no último fim-de-semana a sua preocupação com a falta de água e a política de solos, tendo pedido ao Governo que considere prioritário o sector agrícola.

Os cerca de 150 agricultores e técnicos reunidos em Albufeira, por iniciativa da Comissão Distrital do PSD do Algarve, pediram ao Governo que lhes conceda os meios adequados para resolver aqueles problemas, «de cuja resolução depende o futuro do Algarve».

A falta de água foi classificada como «um pesadelo» pelos participantes no encontro, que disseram não poderem «continuar sujeitos a pressões para venderem terrenos com boas aptidões agrícolas para projectos de urbanização».

A situação que se vive no Algarve terá, afirmaram os agricultores, «graves consequências a prazo». Assim, pediram ao Governo a elaboração de um plano-director para o Algarve, e às câmaras municipais uma acção firme no sentido de impedir a des-

truição de solos com aptidão agrícola, sugerindo que a construção de centros urbanos e industriais passe a fazer-se em terrenos não férteis.

Problemas relacionados com a pecuária, floresta e caça, vinho e vinhas e hortofloricultura foram ainda abordados no encontro, tendo os participantes considerado prioritária a construção no Algarve de infra-estruturas para essas actividades. Os agricultores pediram ainda ao Governo que negocie com o Banco Mundial a

abertura de uma linha de crédito para financiar a reflorestação da zona, «à semelhança do que acontece no Norte do País».

A criação de mais reservas de caça nacionais, turísticas e associativas, assim como a elaboração de uma lei de caça, foram também propostas pelos agricultores algarvios que consideraram, ainda, «absolutamente indispensável» serem informados acerca das consequências para o sector da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

Taxa de saída Estrangeiros isentos a partir de Janeiro

«Alguns sectores ligados ao turismo têm manifestado o seu protesto contra a chamada «taxa de saída». Em certos casos esse protesto tem assumido formas totalmente inaceitáveis».

O governo decidiu que a célebre «taxa de saída» terminará para os estrangeiros no próximo dia 31 de Dezembro. Os portugueses, europeus de segunda que são (e daí não ser de espantar os obstáculos que a França está a colocar à nossa adesão à CEE), continuarão a desembolsar mil escudos se forem maiores de dezoito anos, e apenas quinhentos se o não forem.

Mas foi assim, como acima se reproduz, que o Governo mandou a RTP fazer chegar até à casa de muitos de nós, sábado à noite, o aviso de que os portugueses continuarão a pagar indefinidamente taxa de saída, porque para os estrangeiros esta medida, a que o ingleses chamam badaladamente «a desgraça do turismo português». Uma nota de três parágrafos que começa por acusar «alguns sectores» (hoteleiros algarvios e comissões de turismo), se espraia em supostas considerações ético-democráticas e que remata assim: «Do protesto irresponsável só poderão advir inconvenientes para os industriais de turismo e, em consequência, para o País».

O Governo toma uma medida contestada por todos os quadrantes e interessados, reconhece a ligeireza com que o fez e volta atrás, o que é muito democrático. Mas não se coíbe de acusar, argumentando que «a democracia tem regras, inclusive para o protesto, que é indispensável respeitar, por muito que se discorde de certas decisões». A RTP faz o resto...

Ficou sem uma medalha avaliada em 30 contos

Sexagenária lesada no Porto pelo «conto do vigário»

Apesar de aparentemente estafado, o «conto do vigário» ou «negócio do embrulho», como lhe chamam, continua a dar os seus «frutos». Desta feita, a lesada foi a sexagenária Maria Amélia Pinheiro, residente na Rua das Anémonas, 57, no Porto, que foi levada no «conto» e ficou sem uma medalha de ouro avaliada em 30 contos. Tudo começou quando a senhora ia a passar pela Rua do

Ameal e se apercebeu de que um indivíduo apanhava um porta-moedas. Inquirida pelo desconhecido se o achado lhe pertencia, a senhora respondeu negativamente, o que foi suficiente para o estabelecimento de um diálogo entre ambos.

Surgiu, entretanto, um segundo indivíduo que dizia ter perdido um porta-moedas com 80 notas de mil. Num gesto característico das pessoas sim-

ples, a sexagenária logo o exibiu e prontificava-se a entregá-lo. O «legítimo proprietário», porém, fez questão de recompensar a senhora. Para isso, seria necessário ir chamar o seu pai, a quem, afinal, pertencia o dinheiro, e a senhora ficaria durante mais algum tempo na posse do porta-moedas. Como «garantia», entretanto, teria de confiar algum valor. À mingua de «coisa que se visse», a senhora

jogou as mãos aos pescoço e retirou uma medalha, no valor já referido, ficando, então, a aguardar o regresso do dono do porta-moedas.

Cansada de esperar, Maria Amélia Pinheiro resolveu abrir o porta-moedas, verificando então que no lugar das notas de mil estavam apenas papéis velhos e amarelados, conforme exibiu na 8.ª esquadra da PSP, onde foi contar, pesarosa, a sua desdita.

Criada por Mário Soares em Abril de 1977

Antigos prisioneiros do Tarrafal ainda não recebem 'pensão reparadora'

Joaquim Amaro, de 79 anos, e Fernando Quirino, de 73, são dois dos cerca de dezasseis antigos prisioneiros do Tarrafal, a quem até ao momento ainda não foi concedida a «pensão reparadora» criada por Mário Soares, através do Decreto 171 de 30 de Abril de 1977. Acontece que este decreto apenas beneficiou até agora quatro destes antifascistas, e já em 1981, no executivo de Pinto Balsemão, a propósito das comemorações do 25 de Abril desse ano. Entre os beneficiados com a modesta pensão de oito contos encontra-se o jornalista Manuel Alpedrinha que esteve no «DL» acompanhando, numa atitude de solidariedade, Joaquim Amaro e Fernando Quirino, na qualidade de porta-vozes dos anseios (reivindicações) dos sobreviventes do terrível presidio onde Salazar manteve (e conduziu à morte) muitos dos seus opositores.

No entanto, Joaquim Amaro, alentejano nascido no Crato, para além dos nove anos passados em Cabo Verde, esteve ainda de Setembro de 1931 a Junho de 1933 deportado em Timor, na Ilha de Atauro (outro dos campos de concentração menos conhecido do ditador de Santa Comba) e de 22 de Abril de 1963 a 26 de Julho de 1968 em Caxias e Peniche. Ao todo onze anos de vida entregues em holocausto, na luta pela libertação do seu país das garras do fascismo.

E é um homem desta estatura, quem à beira dos oitenta anos, tem de escrever a Mário Soares (Primeiro-Ministro por obra e graça do 25 de Abril) uma carta que, pelo seu significado, passamos a transcrever na íntegra: «Excelentíssimo senhor: Começo por lhe pedir desculpa pelo tempo que lhe venho roubar, mas a grave situação em que me encontro força-me a dar este passo. Acabo de ter conhecimento por leitura dos jornais, que tinha sido atribuída pensão ao meu amigo José dos Santos Viegas, como ex-presos do Tarrafal, e igualmente à viúva



Três antigos prisioneiros do Tarrafal (Fernando Quirino, Joaquim Amaro e Manuel Alpedrinha). Destes, apenas Manuel Alpedrinha já foi «beneficiado» com a pensão de oito contos mensais

de Augusto Alves Macedo, também ele ex-presos do Tarrafal. A concessão destas pensões é um acto de inteira justiça prestado a antifascistas que passaram longos anos nas prisões, e no caso do Tarrafal, em trabalhos forçados, sem receberem um centavo. Sei que tudo isto é do conhecimento de V.E., releve-me, por tanto, a citação. Creio que estará recordado de diligências feitas junto de V.E. há cerca de cinco anos, e que, na altura, as situações expostas tiveram da sua parte o melhor acolhimento. Porém, a solução não veio na altura e só posteriormente alguns casos foram resolvidos com a atribuição de pensões, a que se juntam agora os dois casos que citei. Encontro-me com 79 anos de idade e a minha companhia com 82, e dispomos para a nossa sobrevivência de uma pensão do Centro Nacional de Pensões de 8010\$00 sendo de 6810\$00 a da minha

própria pensão e de 1200\$00 atribuídos à minha companhia. Será inútil sublinhar o que significa tentar viver-se com a importância referida e o que significa esta miséria nos tempos que correm. Permite-me, senhor Primeiro-Ministro, que lhe refira quanto é doloroso para um homem que deu à luta contra o fascismo mais de cinquenta anos da sua vida, chegar ao fim da existência numa situação de tal modo aflitiva».

Recordando a posição de José Magalhães Godinho

Quanto a Fernando Quirino dirigiu a 10 de Junho deste ano uma carta ao dr. Alfredo Barroso, secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, na qual solicitava o benefício da referida pensão. Pois até agora o dr. Alfredo Barroso ainda nem sequer se dignou dar resposta

ao apelo do velho lutador. O que dirá a isto o dr. José Magalhães Godinho, ex-Provedor da Justiça e destacado militante socialista? Ele que, nas páginas do «DL», em 26 de Abril de 1981, criticava a maneira bombástica e de certa maneira oportunística como o Governo de Balsemão anunciara ao País através da RTP e pela voz de Marcelo Rebelo de Sousa, a concessão de quatro pensões, quando afinal, escrevia, ainda existiam cerca de sessenta casos por resolver, os quais ao ritmo de quatro por ano só veriam as suas situações resolvidas ao fim de quinze anos, altura em que muitos deles já estarão mortos.

E tinha (tem) razão o dr. José Magalhães Godinho (o seu camarada Mário Soares está no Poder e não parece ser mais lesto do que Pinto Balsemão e seus pares) pois desde o 25 de Abril já muitos ex-tarrafalistas deixaram de existir, sem que tivessem recebido o reconhecimento dos portugueses, seus concidadãos. Em preito de homenagem aqui deixamos em letra de forma os seus nomes: Júlio Fogaça, Virgílio Martins, Manuel Graça, Custódio da Costa, Álvaro Ferreira, António Franco da Trindade, Manuel Albino, António Baptista, António Teodoro, Adolfo Teixeira Pais, Carlos Sevela, Joaquim Faustino de Campos, Armando dos Santos Callet, João Rodrigues dos Santos, Pedro Soares, Sebastião Viola Júnior, José Ferreira e José Correia Pires.

Será que tal como eles, Joaquim Amaro e Fernando Quirino quando a morte os encontrar, irão descer à terra marcados pelo ferrete da mesma injustiça, quando os seus algozes directos («Pídes») ou indirectos (monopolistas e latifundiários) há muito foram reembolsados por danos alegadamente causados pela Revolução de Abril. A atestar no silêncio de Mário Soares e Alfredo Barroso estamos em crer que sim!...

Manuel Geraldo

Assembleia de Delegados

reuniu em Évora

Bombeiros exigem que o Governo avance com subsídio de combustíveis

ÉVORA, 7 — «O problema mais grave com que os «soldados da paz» se debatem é a falta de apoio das entidades governamentais, com especial incidência no que diz respeito à falta de subsídios» — concluíram os representantes de todas as corporações de bombeiros e os responsáveis da Liga dos Bombeiros Portugueses e do Serviço Nacional Bombeiros que no último fim-de-semana participaram na Assembleia de Delegados dos Bombeiros Portugueses efectuada nestacidade.

Mandar os órgãos dirigentes da Liga para iniciar diligências com vista à resolução dos seus problemas, junto do Governo, foi, quanto às conclusões, uma das mais importantes, aprovada por unanimidade. Mas foi, contudo, a polémica à volta da falta de subsídios de combustíveis o ponto que «aqueceu» o encontro, ou, se quiserem, a «fogueira» que os bombeiros reunidos em Évora não «apagaram» definitivamente.

Este assunto que, de facto, quase monopolizou os trabalhos, causou uma certa polémica de acoso debate, pois as opiniões para conseguir aquele objectivo divergiram de corporação para corporação, no que diz respeito à via a seguir.

Entetanto, e ainda sobre os

combustíveis, caso não se consiga uma solução urgente do problema através dos contactos entre a Liga e as entidades oficiais, foi decidido convocar uma nova Assembleia de Delegados com vista a pôr em prática novas formas de actuação.

Da agenda de trabalhos constou igualmente a apreciação da situação dos órgãos centrais da Liga dos Bombeiros, a preparação do Terceiro FORUM de Fogos Florestais e a observância do regulamento do departamento de instrução, manobras e desporto.

Após o debate sobre os temas agendados, os delegados reafirmaram o seu total apoio aos órgãos centrais da Liga dos Bombeiros portugueses e ao Terceiro Forum dos Fogos Florestais.

Por outro lado, decidiram propor a alteração ao regulamento do departamento de instrução, manobras e desporto, vector que consideram de especial importância na preparação dos «soldados da paz».

Na sessão de encerramento, em que estiveram presentes as entidades civis, militares e religiosas da cidade, teve lugar uma homenagem a José Alfredo Mexia Manaia, personalidade que tem dedicado grande parte da sua vida à ajuda aos bombeiros portugueses.

Plano Nacional de Turismo: criado Grupo Coordenador

O Grupo Coordenador do Plano Nacional de Turismo tem como finalidade coordenar, acompanhar os trabalhos e proceder à elaboração do relatório final do Plano Nacional de Turismo, nos termos da resolução aprovada em recente Conselho de Ministros hoje publicada na folha oficial.

O relatório final do Plano Nacional de Turismo, diz a mesma resolução, é o documento definidor do «quadro do desenvolvimento são e ordenado do sector, atentos os condicionamentos económicos e financeiros do País, as potencialidades e desequilíbrios existentes e as perspectivas de procura interna e externa».

Com vista ao cumprimento dos objectivos que estiveram na origem da criação do GC do PNT a Direcção-Geral do Turismo assegurará ao mesmo as instalações de que necessita e o destacamento de um funcionário para secretariar aquele grupo. O GCPNT é constituído por um presidente e cinco vogais, na dependência da Secretaria de Estado do Turismo. O Fundo de Turismo suportará o «plafond» orçamental de seis mil contos previsto na criação deste Grupo Coordenador.

Lucas Pires critica política de regionalização do Governo

Lucas Pires, presidente da comissão política do CDS, classificou de «caótica e discriminatória» a política de regionalização do governo PS/PSD.

Numa intervenção feita em Aveiro, no I Encontro Nacional de Autarcas do CDS, Lucas Pires afirmou que «o governo PS/PSD não podia ser por definição mais governamentalista, mais centralista e mais instrumentalizador».

«Poderia mesmo chamar-se, acrescentou — não apenas de bloco central mas de bloco centralista, porque o compõem dois partidos defensores do estatismo, ainda que um estatismo mole e inclusivamente algo anarquizado e crescentemente envergonhado».

Acentuando que o poder local está a ser uma das principais vítimas deste Governo, o dirigente do CDS disse que «a instrumentalização do poder local aos desígnios do Governo é de facto já visível, e citou os exemplos de Marco de Canaveses, da Câmara de Braga e de Vizela. A respeito do caso de Vizela,

«decidido sobre os joelhos em termos de negócio político do PS e não da lei ou pleno respeito da verdadeira audiência e história e de todas as populações interessadas», referiu que «o erro deste Governo foi ir atrás de Vizela em vez de começar pelo essencial, dando assim um exemplo de cedência que não é nada útil para a credibilidade da sua política financeira e económica, pois fica quebrada ao meio qualquer política que faça cedências num campo e invoque a firmeza noutros».

Não se vislumbra, na opinião de Lucas Pires, qualquer política de regionalização ou sequer política de interioridade consistente e traduzida em novas propostas ou actos.

Defendendo a necessidade de uma visão global e integrada, assinalou haver em Portugal o problema da integração de vários poderes entre si: o local, o das regiões autónomas, o poder executivo e o poder presidencial, que tem constituído «mais um «puzzle» do que um sistema e

muito menos uma ordem».

A abundância de poderes e a falta de integração entre eles levou a que a administração pública do ano passado, e apesar da proibição legal, tivesse aumentado em mais de 20 000 funcionários, facto que só agora foi descoberto através do relatório do Banco de Portugal — acrescentou.

«O poder local, por exemplo, foi criado, mas entre ele e o poder central não existe nenhuma estrutura intermédia, pois não há qualquer política de regionalização e as próprias federações de municípios não foram institucionalizadas. Ora a verdade é que a Constituição obriga a isso e não é a crise económica e financeira que deve suspender a Constituição».

Lucas Pires salientou que a regionalização se deve fazer mas que «não pode ser mais uma forma de desintegração e de sobrecarga da administração» e que tal integração deve ser feita com um melhor aproveitamento regional e local da administração central.

A segunda acção já foi reivindicada pelas «FP-25»

Armadilha em casa de D. Pedro de Bragança e bomba numa residência em S. João do Estoril

Duas acções bombistas ocorreram ao princípio desta madrugada, respectivamente às zero horas e 45 minutos junto ao portão de uma moradia na Rua Florinda Leal, em S. João do Estoril, e pelas 1 e 30 à entrada da casa do D. Pedro de Bragança, na Calçada da Graça, 5-A, à Graça, em Lisboa.

A explosão em S. João do Estoril, que já foi reivindicada pelas autodenominadas «Forças Populares 25 de Abril», não causou vítimas, tendo apenas provocado estragos num automóvel estacionado nas proximidades e destruído um dos pilares do portão da moradia, propriedade de um dos sócios da firma Francisco José Simões. No comunicado, que foi deixado num caixote de lixo colocado frente ao edifício n.º 39, no Campo de Santa em Lisboa, é afirmado que «as Forças 25 de Abril levaram a cabo uma acção de retaliação sobre responsáveis da firma Francisco José Simões, como forma de exigência de anulação dos processos disciplinares em curso que apontam para o despedimento de trabalhadores». As

«FP-25» dizem lançar assim «um aviso muito sério ao patronato em geral para que não se atreva a pôr em prática medidas repressivas dentro das empresas».

Quanto ao petardo que deflagrou na Graça era «de fraca potência, a avaliar pela cratera aberta no solo», tendo sido accionada, segundo revelou um porta-voz da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP único locatário do 1.º andar do prédio, D. Pedro de Bragança, de 44 anos, ao rodar a chave na fechadura da porta. Em declarações aos jornalistas, D. Pedro de Bragança, que ficou ferido com certa gravidade, pelo que teve de recolher ao Hospital de S. José, afirmou que «tinha sido uma armadilha que lhe fizeram» e que quando metia a chave na fechadura ainda tivera tempo de olhar para o chão e ver uma caixa de papelão. O petardo, cujos estilhaços ainda atingiram o jovem Carlos Manuel Duarte Dias Silva, de 17 anos, morador num prédio em frente, estava colocada no canto inferior esquerdo (para quem entra) da porta.

Madrid receia "satelização" do nosso país pelos EUA

Projecto de nuclearização de Portugal paira sobre a cimeira ibérica

— Espanhóis falam de porta-aviões nuclear frente a Sines

Madrid (do nosso correspondente Fernando Jauregui) — Ninguém parece esperar grandes resultados da «cimeira» luso-espanhola que terá lugar nos próximos dias 11 e 12 em Sintra. Nem o «dossier» das relações comerciais, nem as negociações sobre as pescas se encontram suficientemente «maduras» para que seja possível efectuar uma reviravolta espectacular e favorável a partir da situação actual de «congelamento» daquelas relações. Supõe-se que se consiga chegar à assinatura de um convénio cultural e um comunicado final conjunto que, pelo menos, pressuponha algum passo em frente, de natureza política.

Fontes do palácio de Santa Cruz (onde se situa o Ministério espanhol das Relações Exteriores) indicaram entretanto ao «DL» que Portugal corre um sério risco de se lançar nos braços dos Estados Unidos, se não soubermos atrair para uma outra órbita.

O próprio ministro das Relações Exteriores, Fernando Moran, um apaixonado de

Portugal que se define a si mesmo como «lusófilo», disse recentemente, num discurso pronunciado no Parlamento, que Portugal poderia sentir a tentação da «satelização» em relação a uma «potência ultramarina». Não é necessário esclarecer de que potência ultra atlântica se trataria...

Porta-aviões nuclear em Sines

Dentro deste contexto há que incluir a séria preocupação espanhola no referente à possibilidade de Portugal se nuclearizar. Responsáveis diplomáticos espanhóis admitiram como «verosímeis» os rumores de que existiriam planos para a eventual instalação de um porta-aviões norte-americano com armas nucleares que estacionaria, de forma mais ou menos permanente, frente a Sines.

Na opinião dos diplomatas espanhóis isso constituiria um grave risco para a segurança de toda a Península Ibérica.

No entanto, como afirmaram tanto Moran como o próprio presidente do governo Felipe Gonzalez, a Espanha não pode pedir a Portugal que

se comprometa a não instalar armas nucleares. De acordo com as autoridades espanholas isso seria correr o risco de que Lisboa interpretasse o pedido espanhol como uma ingerência nos assuntos defensivos portugueses.

Por outro lado, refira-se que já existem suficientes pontos de fricção entre Moran e o seu colega Jaime Gama para que se venha agravar a situação com mais este problema. No entanto, o tema não deixará, provavelmente, de ser sugerido por Gonzalez a Mário Soares, no contexto das «conversações atlânticas» de ambos os primeiros-ministros socialistas.

Portugal: país atlantista

Em Madrid, admite-se e isso disse-o Fernando Moran

no fim da semana passada a vários correspondentes portugueses, que Portugal é mais atlantista que Espanha. Moran chegou a dizer que compreendia esta posição e que se fosse português, provavelmente seria partidário da NATO. Mas daí a admitir uma excessiva dependência de Portugal em relação a Washington há uma distância abismal.

Por essa razão, é vital para a Espanha que evoluam favoravelmente as negociações de Portugal com a CEE. Madrid parece importar-se agora menos com o facto de o seu vizinho ibérico vir a assinar a adesão ao Mercado Comum antes da Espanha.

Nas próximas horas deve resolver-se a incógnita relativa à aceitação ou não por Mário Soares, do esboço de carta conjunta aos primeiros-ministros da CEE que

Gonzalez já lhe deve ter feito chegar.

Nesta carta, que Soares e Gonzalez enviariam aos seus colegas comunitários, insiste-se com a CEE para que adopte urgentemente um resolução positiva a respeito dos dois candidatos, na próxima cimeira dos «dez». Este encontro terá lugar em Dezembro, em Atenas, e parece apresentar-se desde já com perspectivas sombrias para as aspirações dos dois países ibéricos.

Para Espanha, em todo o caso, uma europeização de Portugal significaria, no fundo, uma aproximação à própria Espanha dentro de outro contexto, enquanto que a manutenção do isolamento português, com a procura de outras vias alternativas significaria o afastamento talvez definitivo do vizinho ibérico.

Crise no sector analisada em encontro nacional

Em seis meses faliram 12 mil pequenas e médias empresas

De Janeiro a Julho faliram em Portugal cerca de 12 mil pequenas e médias comerciantes e industriais, foi ontem revelado no encontro nacional do sector realizado em Lisboa. A degradação progressiva do poder de compra e a ameaça que ela constitui para as pequenas e médias empresas foi um dos principais temas debatidos.

Cerca de setecentos pequenos e médios empresários de todo o País discutiram os problemas que afectam o sector e em especial a quebra das vendas, o aumento dos encargos fiscais e custos de serviços, o aumento dos impostos e taxas, os custos dos serviços públicos, a legislação das rendas comerciais, a liberalização dos horários de funcionamento do comércio e a alteração das taxas de juro.

As conclusões do encontro, que serão apresentadas ao Presidente da República, Assembleia da República, ao chefe do Governo e ministros da tutela, apontam para a aplicação de medidas económicas e sociais que levem a uma melhoria do poder de compra dos consumidores, definição de uma política de preços justa e a revogação imediata da lei que cria o imposto de 28 por cento sobre o subsídio do décimo terceiro mês dos trabalhadores.

A quebra das vendas resultante desse abaixamento do poder de compra na quadra natalícia provocará graves dificuldades financeiras e mesmo a falência de empresas do sector.

Relativamente ao aumento dos encargos das pequenas e médias empresas comerciais e industriais, as conclusões do encontro apontam para uma revisão dos impostos e das taxas e da maneira como elas são fixadas, medidas contra a evasão fiscal das grandes empresas, e revogação do Imposto de Fronteira e da definição de uma política de preços relativamente à prestação de certos serviços

públicos como a electricidade e água, para que os aumentamentos de tarifas não se tornem incompatíveis.

Rendas e horários

O agravamento das rendas comerciais implícito das alterações à legislação em vigor, recentemente aprovadas em Conselho de Ministros foi outra questão debatida, tendo os participantes aprovado a exigência de congelamento dessa legislação e nomeação de uma comissão oficial com participação do Governo e organizações representativas dos comerciantes, para elaboração de nova legislação, tendo em conta um projecto ontem divulgado pelo Movi-

mento dos Pequenos e Médios Industriais e Comerciantes (MPMCI).

Os novos horários autorizados para o funcionamento do comércio, que na opinião dos pequenos e médios comerciantes levará a uma concorrência desleal por parte das grandes empresas e à ruína do pequeno comércio, foram igualmente contestados no encontro, tendo-se exigido o congelamento da nova legislação e manutenção dos horários actuais.

Outra das conclusões aponta ainda, a propósito da recente criação da Comissão Interministerial para os Mercados de Produtos Alimentares (CIMPA), para a exigência de inclusão

nesta comissão das associações presentes no encontro nacional promovido pelo MPMCI.

Sem pôr em causa a necessidade da reestruturação e modernização do comércio português, entende que tal reestruturação não pode ser feita nas costas dos pequenos e médios comerciantes, que representam 80 por cento dos agentes económicos a serem abrangidos pela reestruturação prevista.

Os participantes no encontro reivindicaram também o queamento do crédito para as actividades produtivas, as descidas de taxas de juro bancário e a gestão criteriosa do crédito bancário de modo a pôr-se termo à corrupção e aos privilégios.

Segundo o "Guia Ronay / 84"

Air France é a melhor transportadora aérea europeia

— TAP é a terceira a contar do fim

A companhia «Air France» é a melhor companhia aérea europeia, segundo uma classificação, acompanhada de severas críticas, apresentada pelo guia «Egon Ronay/84» publicado hoje em Londres.

A companhia escandinava «SAS» é a segunda. A companhia nacional austríaca é a terceira, seguida da Luftansa e de «British Airways». A Finnair, KLM, Olympic Airways, estão respectivamente, em sexto, sétimo e oitavo lugares. A seguir vem a «British Caledonian», Swissair, Alitalia, Dan Air, Ibérica, British Midland e a Sabena. As três últimas da classificação são a «Tap Air Portugal», Aer Lingus e a «Air U.K.».

Os inspectores encarregados do inquérito, efectuaram, pelo

menos dois voos, em cada companhia, de «duas horas ou mais», pagando o seu bilhete e sem revelar o intuito da sua viagem.

A classificação foi efectuada após ter acordado uma nota sobre diferentes pontos inerentes às condições de viagem: «Check-in» condições de embarque, conforto a bordo, alimentação, eficácia e amabilidade do pessoal.

No conjunto concluíram, o conforto é cada vez pior os lugares são muito próximos um dos outros, havendo cada vez menos espaço para «esticar as pernas».

A alimentação, acrescentam, é na maior parte dos casos «insipida», testemunho de falta de imaginação e francamente péssima.

Abertura da banca ao sector privado iniciará um período de «mudanças cruciais»

— Ernani Lopes no seminário para banqueiros estrangeiros

O sistema bancário português, tal como está organizado, não pode cumprir inteiramente as tarefas requeridas pela modernização da economia portuguesa — disse hoje, no Estoril, o ministro Ernani Lopes.

O ministro das Finanças falava na sessão inaugural do seminário para banqueiros estrangeiros a decorrer por iniciativa do Banco Português do Atlântico.

Ernani Lopes disse na altura não lhe parecer ser este o momento «apropriado para desenvolver a necessária análise do que é hoje a actividade bancária em Portugal» mas sublinhou que «um período de mudanças cruciais será iniciado com a nova lei que abre o sector à iniciativa privada».

«A nova lei — disse o ministro — deverá abrir o caminho para um sistema forte e modernizado,

conduzindo a uma relação mais efectiva entre o desenvolvimento das estruturas financeiras e o necessário desenvolvimento do País».

No seu discurso, Ernani Lopes ao falar da situação económica portuguesa disse que «a estabilização e desenvolvimento» são as questões chave que se colocam.

Os principais objectivos da política de estabilização foram resumidos pelo ministro Ernani Lopes e deles constam a necessidade da redução do défice das transacções correntes, programado para descer de 3,2 milhões de dólares em 1982 para dois milhões em 1983 e 1,25 em 84.

Os restantes objectivos referem-se ao controlo do crescimento da dívida externa que deverá evoluir de 13,6 mil milhões de dólares em 1982 para 14,5 mil milhões em 1983 e 15,5 em 1984 e

também «uma importante questão do défice do sector público, que deverá cair de 10,1 por cento do PIB em 1982 para 8,2 por cento em 1983 e 6,5 por cento em 1984.

Para serem compatíveis, estes objectivos implicarão, disse Ernani Lopes, uma nítida contenção da procura interna, claramente expressa em algumas estimativas inscritas das grandes Opções do Plano. O PIB aproximar-se-á da estagnação este ano e sofrerá uma contracção de 1,4 por cento em 1984, resultando explicável entre outras razões por uma significativa redução (12 por cento) no volume do investimento.

Ernani Lopes anunciou na mesma altura que o défice de dois mil milhões de dólares no Balanço de Transacções Correntes, estimado para este ano «deixou de constituir um objectivo, para passar a ser uma previsão».

se o ministro — que a situação está sob controlo, no que respeita ao défice de transacções correntes, ao financiamento externo da economia e à execução da política orçamental. E não vejo razões para duvidar que os principais objectivos da política conjuntural de emergência não venham a ser atingidos em 1984, se prosseguirmos com determinação o caminho escolhido em Junho passado».

«Temos de transformar a actual política de estabilização num instrumento de modernização. Na área económica é este o verdadeiro desafio que se coloca à actual coligação, direi mesmo uma das mais importantes tarefas que o País exigirá a este Governo» — afirmou.

Para alcançar estes objectivos o ministro anunciou três programas que o Governo irá lançar em

breve e todos no programa de gestão conjuntural de emergência, que será acompanhado pela progressiva implementação de intervenções mais prolongadas e profundas, a organizar no quadro do programa de recuperação financeira e económica, que será apresentado durante o primeiro semestre de 1984. E o programa de modernização da economia portuguesa, cujas linhas orientadoras serão definidas até final do próximo ano.

«Os problemas económicos não são autónomos, isolados. por isso, estes três programas foram concebidos como conjunto de instrumentos interligados e destinados a adaptar as realidades portuguesas a uma política de estabilização que adquiriu, pela força dos factos, a natureza de condição «sine qua non» para o desenvolvimento económico» — disse também Ernani Lopes.

Jornada contra 'o roubo do 13.º mês' marcada para 17

O Conselho Nacional da CGTP-IN anunciou que vai desenvolver «uma campanha generalizada contra o roubo do 13.º mês», que incluirá uma jornada nacional de protesto a realizar no próximo dia 17.

No final de uma reunião de dois dias, a central sindical decidiu ainda «intensificar a luta pelo pagamento dos salários em atraso» e reafirmar «a total rejeição e oposição ao lay-off».

Um comunicado distribuído pela Intersindical esclarece que a jornada do dia 17 incluirá formas de luta diversificadas, como

paralisações de trabalho, manifestações, concentrações e outras.

Considerando «a luta de massas como factor determinante na defesa da democracia e decisiva para a alteração da presente situação» a resolução do Conselho Nacional da CGTP conclui que «a luta dos trabalhadores é justa, legal e patriótica» e pelo contrário é o Governo que «subverte a Constituição, desrespeita as leis em vigor e desenvolve uma política que não tem em conta os interesses da população e do país».

Ministério suspende trabalhadores “por falta de verba”

O Ministério da Agricultura, Florestas e Alimentação (MAFA) suspendeu, sem vencimento, 43 trabalhadores, sob a alegação de «falta de verba».

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Norte (STFP), estes «despedimentos selvagens» verificaram-se nas administrações florestais de Viana do Castelo (25),

Ponte de Lima (13) e Vieira do Minho (5), nos últimos dias do passado mês de Outubro, atingindo trabalhadores com vários anos de antiguidade.

«Esta medida é claramente ilegal, pondo em causa os mais elementares princípios e direitos constitucionais e legais, desde o direito ao emprego, ao direito ao trabalho» — sublinha o sindicato.

Patronato deve aos trabalhadores vários milhões de contos

As dezenas de milhares de trabalhadores dos distritos de Lisboa e Setúbal que na passada quinta-feira se concentraram em S. Bento, manifestaram a sua determinação de lutar firmemente para que o problema dos salários em atraso, que já afecta muitas empresas, seja resolvido o mais rapidamente possível. Com efeito, esta situação, que em alguns casos resulta de dificuldades financeiras reais das empresas, num âmbito mais geral integra-se na ofensiva do patronato contra os direitos e conquistas dos trabalhadores. Essa ofensiva, de acordo com a USL, manifesta-se igualmente através do não paga-

mento de subsídios e retroactivos e da intensificação da repressão, despedimentos e encerramento das empresas.

Paralelamente, o Governo Soares/Mota Pinto coloca nas mãos do patronato poderosos instrumentos, que conduzem ao mesmo objectivo: agravar as condições de vida e de trabalho dos e proporcionar a reconstituição dos grandes grupos capitalistas e monopolistas.

Como exemplos podem apontar-se entre outros, a aprovação do «lay-off» (considerado pelas organizações sindicais como a lei dos despedimentos ou do «bota fora»), o imposto extraordinário

(que vai retirar aos trabalhadores 28 por cento do subsídio de Natal) e o sistemático ataque ao sector público, nacionalizado e participado.

Uma estimativa divulgada pela União dos Sindicatos de Lisboa (USL) refere que só no distrito de Lisboa o patronato deve aos trabalhadores mais de dois milhões de salários em atraso. Esta situação abrange cerca de 77 empresas de 14 sectores, num total de 49 528 trabalhadores.

De acordo com o mesmo documento, no distrito de Setúbal, onde o montante da dívida ultrapassa o milhão de contos, os trabalhadores afectados pelos salá-

rios em atraso são cerca de 20 mil. Esta situação verifica-se ali em 48 empresas de 10 sectores.

Os sectores mais atingidos são os da metalurgia, gráfica e Imprensa, cerâmica, madeiras, comércio, ferroviários, indústrias eléctricas, químicas, portaria e limpeza, marinha mercante, hidratos de carbono, têxteis, rodoviários e hotelaria.

Trata-se de uma situação sujeita a variações constantes e que actualmente tende a agravar-se, sem que no entanto o Governo tome medidas concretas para a resolver ou, de algum modo, minimizar.

Congresso dos Engenheiros Técnicos

A criação de comissões de análise que estudem exhaustivamente problemas importantes para o País e para os engenheiros-técnicos, foi uma das conclusões saídas do primeiro congresso da Associação Profissional dos Engenheiros-Técnicos que ontem terminou no Porto.

Nesse sentido, essas comissões estudarão, segundo afirmou um dos participantes no congresso, problemas ligados ao ensino, designadamente Lei das Bases, Ensino Superior de Engenharia, Ensino Técnico e Politécnico.

«Lutar para que a Associação Profissional dos Engenheiros-Técnicos (APET) seja considerada interlocutora válida e activa nos âmbitos em que obviamente interfere, bem como lutar pela dignificação profissional e académica dos títulos que usa e, também o faz, contribuindo positiva e pesadamente para o desenvolvimento da sociedade portuguesa» são conclusões do encontro.

«Lutar para ser reconhecida como classe válida e disposta a contribuir eficazmente para o de-

senvolvimento nacional» faz parte de uma das alíneas do documento final, que se pronuncia também sobre o «plano energético nacional, carreiras docentes, informatização e exercício da profissão».

A criação de uma «comissão nacional para integrar a FEANE (Federação Europeia das Associações Nacionais de Engenheiros)», que será constituída, quer por engenheiros licenciados saídos das faculdades, quer por engenheiros-técnicos saídos dos

institutos», está incluída nas conclusões.

O primeiro congresso da APET, destinado a engenheiros-técnicos e a bacharéis oriundos dos institutos superiores de Engenharia, decorreu no Porto durante o fim-de-semana e reuniu 80 participantes.

Delegação sindical inglesa

Para uma visita de cinco dias ao nosso país, a convite da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru), chega esta tarde a Lisboa uma delegação do Sindicato dos Transportes da Grã-Bretanha, a maior organização sindical daquele país, com cerca de dois milhões de trabalhadores filiados.

A delegação composta por quatro elementos, é chefiada por Larry Smith, membro da Comissão Executiva da TGWO e do Conselho Geral do TUC — Congresso dos Sindicatos da Grã-Bretanha.

Para além dos contactos com a Festru, a CGTP e de uma recepção na Embaixada da Grã-Bretanha, a delegação deslocar-se-á também ao Porto e a Braga.

“Autêntico estado de sítio” na indústria vidreira — refere o sindicato

O Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros acusou, na Marinha Grande, os patrões e o Governo de criarem no sector «um autêntico estado de sítio».

O encerramento de fábricas e o não pagamento de salários são, segundo comunicado do sindicato, «uma prática constante».

«Ao mesmo tempo que aumentam as perseguições,

exigem-se esforços e retiram-se direitos e garantias» — acusa a direcção do Sindicato dos Vidreiros.

Os dirigentes sindicais recordam o encerramento, «sem qualquer apoio», das fábricas Labal, Favilda, Ingridhute, Moieirinho, Alexandre Matos e Mendes, A. Ferreira Barosa e Vidreira da Fontela.

Outras tantas empresas têm os salários em atraso ou estão a

efectuar os pagamentos em prestações.

Estão neste caso as firmas Manuel Pereira Roldão, Isima, Cibe, Irmãos Stephans, Dâmaso Luís dos Santos e A. Ferreira Custódio.

«O Governo e os patrões querem matar-nos à fome e há que dar-lhes uma resposta unida e firme» — conclui o texto divulgado pelo Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros.

II SEMANA DE CULTURA ANGOLANA

8.º aniversário da
independência da RPA

ASSOCIAÇÃO
DE CABO-VERDIANOS

R. Dq. Palmela, 2-8.º

8, 9, 11 NOVEMBRO

8 Nov. — 3.ª-Feira, 21H30: Colóquio sobre INFORMAÇÃO E ÁFRICA com Arnaldo Santos, director do «Jornal de Angola», Augusto de Carvalho, Jorge Heitor e Luís Moita

9 Nov. — 4.ª-feira, 21H30: Colóquio sobre ACTIVIDADES ECONÓMICAS TRADICIONAIS EM ANGOLA com Edmundo Gonçalves, Carlos Medeiros, Mesquitela Lima e Pinto Pereira.

11 Nov. 6.ª-feira, 21H30: Sessão cultural

Projecção de filmes e exposição permanente sobre as actividades económicas tradicionais com o apoio do Museu de Etnografia do Ultramar



CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
AMÍLCAR CABRAL

CIDAC

Entrada livre



Crónica sindical

A dimensão real de um crime público

Situações familiares dramáticas, causadas pelo não pagamento de salários, conduziram já alguns trabalhadores ao suicídio.

Casos como o do operário vidreiro da Fontela que saiu de casa à noite, para nunca mais voltar, tendo sido encontrado o seu cadáver na manhã seguinte pendurado na força com que pôs termo aos seus dias, dão ao não pagamento de salários, uma dimensão de verdadeiro crime público de homicídio, que o Governo não só não combate como ainda estimula, com a sua prática política.

Resposta de um operário

A acusação grave com que iniciámos o presente texto, justifica-se pela impunidade com que muitos patrões deixam de pagar salários aos trabalhadores, sem qualquer razão que legitime tal atitude, na esmagadora maioria dos casos.

Em fins de Junho deste ano, havia 117 mil e 697 trabalhadores com salários em atraso, em 276 empresas. Em sectores como o da indústria vidreira e particularmente o da cristalaria, o não pagamento de salários está generalizado, abrangendo quase todas as empresas do ramo.

É chocante assistir a que as entidades patronais recorram permanentemente ao Ministério do Trabalho para obter empréstimos reembolsáveis ou não, destinados ao pagamento de salários atrasados enquanto aumenta vertiginosamente o número de trabalhadores que não recebem vencimentos, subindo igualmente a inestimável dívida do patronato aos trabalhadores e a duração dos períodos em que o salário não é pago (mais de um ano em certos casos).

Não menos chocante é o facto de que o Ministério não tem qualquer controlo sobre esses fundos que concede, sendo impossível fiscalizar a sua aplicação.

São conhecidos casos em que a entidade patronal deixa de pagar salários pela simples razão de que as empresas suas concorrentes também não pagam.

Se nos detivermos um pouco no facto de que em 1981 foram

gastos 2,5 milhões de contos em empréstimos para pagamentos de salários em atraso, o que representou 22,8 por cento dos custos totais da política de emprego, verba que duplicou em 1982, facilmente se conclui que as causas profundas dos suicídios, da miséria e da fome que atingem hoje milhares de famílias portuguesas devem ser procuradas na própria política do Governo.

Uma capa de protecção

Torna-se evidente que a questão não é de pessoas, mas de política. Os últimos acordos com o FMI prevêem aumentos galopantes do desemprego. O despedimento é assim colocado na ordem do dia, fica a fazer parte integrante do quotidiano de cada português, ainda que como mera ameaça concretizável a qualquer momento.

O que é facto é o inegável aproveitamento que muitos patrões têm feito da miséria, fome e morte dos seus operários. Protegidos por um Governo que nem se preocupa em salvar as aparências, ilibando-se minimamente do crime, protegidos pela ausência de legislação punitiva do não pagamento de salários, são conhecidos numerosos exemplos de empresas que se recusam a pagar aos trabalhadores apesar de terem recebido subsídios para o efeito, de entidades patronais que colocam no banco, a juros, as verbas destinadas ao pagamento das dívidas salariais e de empresários que decretam o encerramento das firmas após receberem os empréstimos do Estado.

Em resumo, um verdadeiro universo de corrupção que tem originado dos trabalhadores a resposta adequada e possível em face da lei que nos rege. Nas empresas, nas ruas, os desfiles, manifestações, concentrações, acções reivindicativas, de protesto e de denúncia têm eclodido quase espontaneamente, contando com a adesão crescente de mais e mais pessoas que, independentemente de receberem ou não os seus salários interpelam o Governo:

— Quantas vidas custará ainda a vossa política?

Rui Pereira, da CGTP-IN

Eleições na Turquia

“Partido da Mãe Pátria” com maioria na Assembleia

O «Partido da Mãe-Pátria», de Turgut Ozal, conseguiu já a maioria absoluta dos lugares na Grande Assembleia Nacional da Turquia, depois das eleições legislativas de ontem, durante as quais o Partido da Democracia Nacionalista, apoiado pelos generais no poder, sofreu uma verdadeira derrota.

Segundo os últimos resultados, o partido de Ozal deverá ter garantidos entre 214 a 220 dos 400 lugares da assembleia, enquanto o PDN, do antigo general Turgut Sunlap, candidato oficial da ditadura militar, não deverá obter mais do que os 70 eleitos, sendo assim ultrapassado, também, e com a vontade, pelo Partido Populista, liderado por Necdet Calp.

Coagidos pelas multas, mas, muitas vezes, também com entusiasmo, os 20 milhões de eleitores turcos acorreram às urnas para as «legislativas» que marcam, após três anos de poder militar, o nascimento de uma «nova democracia» modelada pelos generais autores do golpe de Estado de Setembro de 1980. A abstenção parece vir a ser praticamente irrelevante; o terror imposto pela ditadura terá exercido o seu efeito até à boca das urnas.

De facto, e segundo um livro distribuído ontem em Ancara aos jornalistas que cobrem as eleições, cerca de quatro mil pes-

soas morreram na Turquia vítimas de atentados e recontros armados, nos últimos quatro anos. Dos condenados à morte, o livro alude a 143 execuções, a maior parte das quais teriam ocorrido em 1980 e 1981.

Partidos «tolerados»

Recorda-se, entretanto, que os partidos concorrentes às eleições de ontem foram apenas os «tolerados» pelos militares, sendo o Partido Populista aquele a quem oficialmente é atribuído o papel de «oposição».

O partido vencedor virtual das eleições é conotado com a direita liberal e o seu líder, Turgut Ozal, que se apresentou, durante a campanha, como o campeão da luta contra a inflação, elaborou, em Janeiro de 1980, um programa económico inspirado pelo FMI e que conseguiu fazer descer substancialmente o custo de vida.

Esse êxito valeu-lhe ser chamado pelos generais golpistas para o seu Governo. A impressionante falência dos «bankers», caixas de depósitos que concediam taxas de juro enormes, obrigou-o a demitir-se, em Julho de 1982. Ozal deve muito ao apoio da administração americana, do Banco Mundial e do FMI o facto de ter obtido autorização para entrar na corrida eleitoral.

Entretanto, vários opositores prestigiosos afirmam, desde há

muito, que o verdadeiro homem dos generais é Ozal e que a sua «declarada preferência» por Sunlap é apenas «fogo de vista», garantindo, pela presença de um opositor, a credibilidade da sua «nova democracia».

De qualquer modo, muitos analistas falam em humilhação para os generais, já que os eleitores turcos, ao recusarem votar em Sunlap, teriam votado contra eles. Humilhação tanto maior, quanto o Partido da Democracia Nacionalista foi até vencido pelo surpreendente Partido Populista de Necdet Calp, cujos resultados ultrapassam todas as previsões.

O presidente Evren e seus acólitos ainda não reagiram, por ora, aos resultados de um escrutínio que lhes terá feito perder a face, tamanha é a derrota do «seu» candidato.

O Conselho Nacional de Segurança, dirigido pelo presidente Kenan Evren, e composto pelos generais comandantes das três armas e da Polícia, reuniu-se de emergência durante a noite e dirigirá o país ainda por um mês. As suas reacções estão a ser aguardadas com uma certa inquietação em Ancara. A contagem dos votos deverá, entretanto, prolongar-se por uma semana, finda a qual o vencedor das eleições será proclamado oficialmente e chamado a formar Governo. Tudo isto, em princípio...

Devido a ausência nas cerimónias do 7 de Novembro

Novos rumores sobre a saúde de Yuri Andropov

O «número um» soviético, Yuri Andropov, está ausente da tribuna do mausoléu de Lenine, onde os seus colegas do Politburo tomaram lugar para assistirem ao tradicional desfile militar, na Praça Vermelha, segundo as imagens mostradas pela televisão soviética.

Esta ausência do «número um» soviético das cerimónias do 66.º aniversário da Revolução confirma, segundo os observadores, a gravidade do seu estado de saúde, que é alvo de especulações há várias semanas.

Contrariamente à tradição, Yuri Andropov não participou, no sábado passado, na reunião solene do Kremlin e não é visto em público há dois meses.

A ausência de um chefe do

Partido por ocasião das comemorações do 7 de Novembro não tem precedentes na história da URSS.

As comemorações na Praça Vermelha decorrem na presença dos membros do gabinete político, entre os quais figuram Konstantin Tchernenko — que também é secretário do Comité Central —, o qual ocupa o lugar de honra do mausoléu, à direita do marechal Dmitri Ustinov, ministro da Defesa.

A ausência do «número um» soviético apenas pode ser interpretada pelos diplomatas ocidentais como sinal de uma doença grave.

Segundo indicações dadas nos últimos meses por especialistas, Yuri Andropov sofreria de

diabetes, de uma doença renal ou de problemas ao nível dos vasos cerebrais.

Os rumores sobre o estado de saúde do dirigente soviético aumentaram após o chefe da Igreja ortodoxa russa de Moscovo, Patriarca Pimen, ter ontem desejado «boa saúde e energia física e espiritual grandes» a Andropov.

Os votos do Patriarca Pimen, contidos numa mensagem de felicitações ontem enviada a Andropov por ocasião do aniversário da Revolução de Outubro, constituem, segundo a agência TASS, uma excepção à regra das mensagens enviadas pelo Patriarca aos dirigentes do Estado soviético no 7 de Novembro.

Coligados com o SPD

“Verdes” à frente no Hesse

Os sociais-democratas (SPD) do Hesse, vencedores das eleições regionais do passado dia 25 de Setembro, sem maioria absoluta, decidiram formar o primeiro Governo Regional de coligação com o partido ecologista-pacifista dos «Verdes» na RFA, durante o seu Congresso, que teve lugar ontem em Baunatal.

O presidente do SPD do Hesse e actual ministro-presidente de um governo minoritário que apenas trata dos assuntos correntes, Holger Boerner, decidiu «nego-

ciar seriamente e de maneira equitativa com os eleitos ecologistas», enquanto foi hostil durante muito tempo a qualquer aproximação com os Verdes, que chegou a qualificar em certa ocasião de «fascizantes».

Holger Boerner precisou que fez propostas de coligação aos cristãos-democratas (CDU) e aos liberais (FDP) da dieta do Hesse, propostas essas que foram rejeitadas em bloco. «Só os Verdes aceitaram discutir connosco, para se desbloquear a situação no Hesse».

«Esta aliança vermelho-verde será não apenas um importante contrapeso ao governo conservador-liberal em Bona como também um exemplo de futura estratégia para os sociais democratas», sublinhou Holger Boerner.

Enquanto os Verdes se felicitaram, ontem, com «a espantosa mudança de atitude de Boerner», prometendo-lhe uma «cooperação regular», os liberais do Hesse previam já o malogro da nova coligação. Os cristãos-democratas recusaram-se a fazer qualquer comentário.

“Segunda frente” da UNITA “aniquilada”

A «segunda frente estratégica» da UNITA, o movimento anti-angolano apoiado pelas forças racistas da África do Sul, teria sido praticamente aniquilada durante a semana finda, soube-se hoje de fonte governamental angolana, Genebra.

Essa fonte, que pediu anonimato, indicou que um «ataque de

surpresa» concluído na quarta-feira, tinha aniquilado totalmente as forças da UNITA que compõem a «segunda frente estratégica» nas regiões do Huambo e de Bié e a leste do Cuanza Sul, onde a UNITA dispunha de 4 a 5 mil homens.

«Ainda estão em curso operações de limpeza numa locali-

dade próxima de Quibala onde se encontra o comando da segunda frente», acrescentou a mesma fonte.

O próximo objectivo, precisou a mesma fonte, deverá ser a «primeira frente estratégica» ocupada pela UNITA a norte da fronteira com a Namíbia e na faixa de Caprivi.

As últimas

“Não tenho outra opção a não ser continuar a combater”

— afirmou o líder histórico da OLP

«Não tenho outra opção a não ser continuar a combater», afirmou num intervalo dos bombardeamentos ao campo de refugiados palestino de Badaui, Yasser Arafat. Entretanto, a conquista, pelos dissidentes da OLP apoiados por forças sírias e libanesas do campo de Nahr El Bared, provocou mais de 300 mortos entre os guerrilheiros palestinos leais a Yasser Arafat. Se os apelos lançados por diversas organizações palestinianas e pelos países do Conselho de Cooperação do Golfo não conseguirem parar os combates, tudo indica que o líder histórico da Organização de Libertação da Palestina poderá estar a viver as suas últimas horas.

«A situação é difícil mas não má apesar de toda a artilharia síria no Norte do Líbano estar a bombardear as nossas posições. Os sírios querem destruir os campos palestinianos no Norte do Líbano e creio que vão prosseguir a sua operação até Tripoli. Não tenho outra opção a não ser a de continuar a combater.» Esta declaração de Arafat feita durante a manhã de ontem no campo palestino de Badaui sintetiza bem a situação que se vive no Norte do Líbano: implacável bombardeamento das forças fiéis a Arafat e disposição do líder da OLP em não se render.

Na oportunidade, Arafat desmentiu rumores de que estaria actualmente em curso uma negociação para um cessar-fogo porque, salientou, «trata-se de uma decisão tomada pessoal-

mente pelo presidente sírio, Hafez El Assad, de prosseguir a agressão contra a OLP, contra o povo palestino e contra os seus campos».

Enquanto reinava uma calma precária, o dirigente da Organização de Libertação da Palestina percorreu as ruas do campo para visitar os habitantes e para falar com os combatentes esgotados após quatro dias de intensa luta.

«Evitámos uma matança de civis»

«Podíamos ter resistido, mas preferimos abandonar o campo para evitar uma matança de civis», declarou Arafat ao referir-se à retirada das suas tropas, na madrugada de domingo, do campo de Nahr El

Bared. De acordo com informações fidedignas, teriam morrido 300 dos oito mil guerrilheiros que combatem os perto de 15 mil atacantes, entre dissidentes palestinianos, tropas sírias e, segundo informações dispersas, militares libaneses.

No entanto, segundo um enviado especial da agência France Presse ao campo de Badaui, a grande maioria dos seus 15 mil habitantes que apoiam Arafat decidiram ficar «custe o que custar».

No meio de um verdadeiro pandemónio de ruínas, cobertores espalhados pelo chão de improvisados abrigos, combatentes e população aproveitaram a manhã de ontem para descansarem. As mulheres dirigiram-se a uma loja a fim de se abastecerem para se aguentarem «durante as horas difíceis».

No intervalo dos combates o jornalista Samy Ketz pôde constatar o drama de um povo que não tem para onde ir. «Issam Hussein, de 48 anos, encontrou abrigo, para ele e para a família, na única assoalhada viável de uma casa em construção. Desde 1948 que habitava em Tall El Zaatar, o campo palestiniano situado perto de Beirute e atacado em Agosto de 1976 pelas milícias cristãs. Durante esse cerco perdeu dois filhos. De lá, fugiu para Damour e de novo foi obrigado

Cercado no Norte do Líbano

Arafat denuncia acoramento entre a Síria e os EUA

«Os sírios querem eliminar-me porque sabem que ninguém, com excepção do meu povo, pode colocar-me sob seu controlo», Yasser Arafat, chefe do movimento palestino, pronunciou estas palavras sentado a uma mesa, no rés-d-chão dum prédio abalado pelas explosões das granadas no campo palestino de Badaui, a norte de Tripoli, capital do Norte do Líbano.

Numa entrevista à AFP, o líder da OLP é categórico: «Os sírios lançaram uma ofensiva contra nós, porque pensavam poder reduzir-nos rapidamente. Em primeiro lugar, querem ocupar os dois campos de Badaui e de Nar-El-Bared. Estamos perante um novo Tall El-Zaatar ou dum Sabra e dum Chatila».

Com a sua voz calma afirma: «O que se está actualmente a passar resulta dum grande negócio entre os sírios e os americanos.

Os primeiros garantiram que podiam liquidar a OLP e os palestinianos do Líbano. É preciso recordar o que o presidente Reagan disse a propósito da OLP».

Logo a seguir, cai uma granada a poucas dezenas de metros da casa. Interrompe-

-se, preocupado, e dirige-se para a janela para ver o local do impacto. «Isto não é prudente para vocês. Vocês deviam ir-se embora. Creio que eles estão a apontar para aqui porque viram carros», diz ele aos três jornalistas que estão junto dele.

«O sonho dos sírios sempre foi o de terem a carta palestina no seu jogo, de controlar a OLP. Mas a Central Palestina não é uma peça dum jogo de xadrez, porque defendemos o nosso povo e a nossa revolução por todos os meios. Assim, eles querem uma nova OLP que possam utilizar como um jogo de xadrez».

Os bombardeamentos intensificaram-se e parecem aproximar-se da casa. O chefe da OLP está rodeado por vários guardas armados. O seu condutor e os de dois carros de escolta estão no exterior, prontos a partir para outro destino, logo que Arafat decida.

«Há quarenta e oito horas, disse que estamos a ser bombardeados pela artilharia e pelos tanques sírios e libaneses, pelos do Exército da Libertação da Palestina (ELP, sob controlo sírio, e por palestinianos que são fantoches dos regi-

mes árabes (dissidentes do Fatah).

«Os sírios estão a utilizar nesta batalha cerca de 150 tanques e alinham 150 a 170 peças de artilharia dirigidas contra os campos. Actualmente estamos a fazer face a um violento ataque libanês levado a cabo por veículos blindados e tanques contra o campo de Nar El Bared. Além disso, esse campo está a ser bombardeado a partir de território sírio», afirmou o chefe da OLP.

A entrevista fez-se em dois tempos. Durante a manhã, Arafat tinha-se reunido com os principais chefes da resistência palestina no seu quartel-general situado junto dum beco dum bairro popular de Tripoli.

Quando o chefe da OLP saiu da reunião, é imediatamente rodeado pelos guarda-costas, mas aceita declarar: «Hoje, os combates duplicaram de intensidade. Eles tentaram avançar, mas até agora não conseguiram». Interrogado sobre a questão de saber se o objectivo dos atacantes é de o matar, respondeu: «Matar-me ou matar o meu povo, qual a diferença? É a mesma coisa».

O chefe da OLP reafirmou imediatamente: «Sem qual-

as horas de Arafat?

Outra opção a não ser lutar a combater?"

o dirigente palestino

a fugir, no Verão de 1982, sob o bombardeamento dos israelitas. Agora vive em Badaui. Se o campo cai, constata-se, «já só posso ir para o mar».

Issam Hussein relatou ainda ao jornalista da FP que, quando Arafat perguntou à população se desejava que os combatentes resistissem ou se rendessem, sem combater, para evitar perdas humanas, «todos nós respondemos desejando que o combate vá até ao fim».

Confusão e cólera

A confusão e a cólera dominavam a população palestina da Cisjordânia e da faixa de Gaza, após a conquista pelos dissidentes da OLP do campo de Nahr El Nared.

Algumas dezenas de jovens manifestaram-se ontem em Naplouse transportando retratos do líder da OLP e gritando «slogans» hostis à Síria e à ocupação israelita. Segundo fontes palestinas, os manifestantes foram dispersos com granadas de gás lacrimogénio pelo Exército de ocupação israelita.

Por outro lado, num comunicado os sindicatos dos médicos e dos advogados da Cisjordânia e de Gaza denunciaram a conspiração síria contra a independência da OLP e reafirmaram o apoio ao presi-

dente Arafat». As organizações sindicais lançaram igualmente um apelo para um «diálogo democrático no seio da resistência palestina» e para «o respeito pelas decisões do Conselho Nacional Palestino de Argel», que designou Arafat para a liderança da Organização de Libertação da Palestina.

Outros apelos foram lançados por três presidentes de Câmaras destituídas na Cisjordânia que denunciaram os massacres dos campos de refugiados de Tripoli e a agressão síria.

Por fim, sete palestinos foram mortos e 26 seriamente feridos no sábado à tarde pelas forças de segurança e forças especiais sírias no campo de refugiados palestinos Yarmuk, nos arredores de Damasco, capital da Síria.

Segundo a agência palestina WAFA «os manifestantes desceram às ruas do campo para marcar o seu apoio à Organização de Libertação da Palestina» quando as forças de segurança abriram fogo. De acordo com a WAFA, o campo foi cercado e foram feitas prisões enquanto vários milhares de refugiados procediam a uma concentração na praça principal de Yarmuk. Estas manifestações, acrescenta a WAFA, foram organizadas para «denunciar o

bombardeamento de campos de refugiados no Líbano».

Ingerência síria e libia

Palestinos leais a Arafat acusaram a Síria e a Líbia de solicitarem o adiamento da cimeira da Liga Árabe prevista para o dia 20 para conseguirem que, na reunião, participe uma nova direcção palestina que obedeça às suas ordens.

De acordo com uma fonte do Governo da Arábia Saudita, a Líbia solicitou o adiamento da reunião invocando a necessidade de até lá estarem resolvidos diferentes contenciosos interárabes.

Por outro lado, o secretário-geral da Liga Árabe, Chedli Klibi, manteve ontem um contacto telefónico com Yasser Arafat. O dirigente palestino salientou a necessidade de a Liga Árabe assumir as suas responsabilidades, enquanto o secretário-geral da organização denunciou vigorosamente a agressão visando a liquidação e a destruição da revolução palestina.

Arafat manteve igualmente uma conversa telefónica com o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz. O chefe da diplomacia iraquiana dos Negócios Es-

trangeiros denunciou, por seu lado, a agressão sírio-libia e afirmou o apoio do seu país à legitimidade palestina sob a direcção de Arafat. Recorda-se que no sábado, o líder palestino tinha exortado o Iraque a intervir imediatamente para que cessassem os massacres dos campos de refugiados palestinos de Tripoli.

Entretanto, e face à evolução da situação, diversos países árabes expressaram a Arafat o seu apoio. A Arábia Saudita, Kuwait, Egito e Argélia colocaram-se ao lado de Arafat e enviaram mensagens ao Kremlin para que exerça influência sobre a «República irmã da Síria» e impeça a continuação dos combates em Tripoli. Por outro lado, os seis países do Conselho de Cooperação do Golfo (Arábia Saudita, Bahin, Emiratos Árabes Unidos, Kuwait, Omã e Qatar), que a partir de hoje se reúne em Doha, capital do Qatar, declararam o seu apoio a Arafat como chefe da OLP e poderão decidir enviar urgentemente a Damasco um mediador.

Por fim, o comité central da FATAH e Moscovo trocaram ontem mensagens, embora se desconheça o teor do texto soviético dirigido a Arafat e aos membros do comité central da principal organização palestina.

Denunciado pela "Farabundo Marti"

Plano dos EUA para invasão de El Salvador e da Nicarágua

A Frente Farabundo Marti para a Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador denunciou hoje um plano norte-americano para a invasão daquele país e da Nicarágua, com a colaboração das Honduras e da Guatemala.

Estas afirmações constam de um comunicado transmitido pela Rádio Venceremos, a emissora da FMLN.

O comunicado do Comando Geral da FMLN diz que os reveses sofridos nos últimos meses pelo Exército do governo levaram o ministro da Defesa salvadorense a «pedir ajuda aos Exércitos da Guatemala e Honduras».

Assim, afirma o comunicado, a Guatemala concentrou quatro mil homens em Jutiapa, Valle Nuevo, San Cristobal e outras localidades na fronteira com El Salvador, ao passo que tropas hondurenses se juntaram em Jizaro Galan, por onde passa uma estrada que liga El Salvador e a Nicarágua.

Ao mesmo tempo que aumenta o número de soldados norte-americanos nas Honduras, chegou ao Norte da Costa Rica um batalhão de tropas de Washington, «com o pretexto de que vinha construir obras humanitárias», afirmaram os guerrilheiros.

Segundo a mesma fonte, o número de efectivos militares que ameaçam as fronteiras de El Salvador ascende a 25 mil.

O comunicado da FMLN informa que a data da agressão a El Salvador e à Nicarágua será decidida pelo presidente Reagan.

«O plano das tropas norte-americanas é invadir em primeiro lugar El Salvador e depois a Nicarágua», diz a FMLN.

O comunicado inclui um apelo

a todos os sectores que apoiem as forças revolucionárias, para que ajudem a repelir os invasores.

Nicarágua prepara-se

O governo da Nicarágua trabalha actualmente em planos visando assegurar o reabastecimento da população «em caso de desembarque e agressão de tropas estrangeiras», anunciou ontem Sergio Ramirez, membro da Junta sandinista.

Com este objectivo, reuniram-se, durante o último fim-de-semana, dois mil produtores e distribuidores de produtos alimentares de primeira necessidade, acrescentou Ramirez que, todavia, não adiantou qualquer pormenor quanto aos planos governamentais.

Um certo tom de Weinberger

Uma invasão da Nicarágua pelos Estados Unidos é uma questão que «a pôr-se, deve ser encarada não como uma situação hipotética, mas como uma realidade», afirmou ontem o secretário da Defesa norte-americano, Caspar Weinberger.

Weinberger, disse ainda, numa entrevista à cadeia de Televisão norte-americana ABC que, embora a situação da Nicarágua e de Granada fossem diferentes, «se outros países nos pedissem que actuássemos, ver-nos-íamos numa situação que teríamos que enfrentar».

«Não ponho de lado a hipótese de uma invasão da Nicarágua nem estou a dizer que ela está planeada, trata-se simplesmente de um facto que não pode ser confirmado antecipadamente», acrescentou.

Estão ainda em Granada 150 prisioneiros cubanos

Cem cubanos vindos de Granada chegaram ontem a Havana, mas restam ainda 150 prisioneiros em poder das tropas de ocupação norte-americanas, disse uma fonte governamental em Havana. Em Granada permanece ainda o pessoal diplomático cubano, o qual, segundo o governo de Fidel Castro, continuará na ilha enquanto não forem repatriados todos os prisioneiros e trasladados os corpos dos que morreram. Não surtiu efeito, portanto, o ultimato do governador Scoon, o qual chegou a dar aos diplomatas cubanos um prazo de 24 horas para saírem da ilha.

Desde quarta-feira, saíram de Barbados mais de 500 cubanos, os quais, de acordo com relatos dos que chegaram a Cuba, foram fortemente guardados e transportados com as mãos amarradas

nos aviões militares norte-americanos.

A Cruz Vermelha Internacional, que participou directamente na evacuação do pessoal cubano, prossegue os seus esforços no sentido de conseguir a transladação dos 25 cubanos mortos em combate, segundo afirmou num comunicado.

Todos os prisioneiros têm sido recebidos com honras militares no aeroporto de Havana pelo presidente Fidel Castro.

Quanto aos militares americanos invasores, eles poderiam deixar Granada «relativamente depressa», declarou ontem o primeiro-ministro da Jamaica, Edward Seaga, à saída de um encontro na Casa Branca com o presidente Reagan. Seaga é tido como um dos grandes «amigos» do Pentágono e da CIA nas Caraíbas.

Americanos preparam intervenção no Líbano

quer dúvida vou ficar aqui (em Tripolis). O meu dever é permanecer aqui com o meu povo, com as nossas forças, face às ameaças e aos perigos de que são alvo. Devo permanecer com o meu povo quando ele é atacado e agredido».

Segundo ele, não há actualmente qualquer contacto com as autoridades sírias. Khaled El Hassan, conselheiro do chefe da OLP, acaba de ser recebido pelo rei Fahd da Arábia Saudita, que, por seu turno, entrou em contacto com o presidente Hafez El Assad, da Síria, para lhe pedir a paragem dos combates. «Mas vejamos. Os combates continuam», diz Arafat.

«Olhem. A aviação israelita está no céu, a Marinha israelita, ao largo de Trípolis, e os sírios, na montanha», disse. Interrogado a fim de saber se há uma relação entre as acções dessas duas forças, responde imediatamente: «Não. Não digo isso. Apenas verifico ser essa a situação a que assistimos».

Terminada a entrevista, volta a subir para o seu carro e parte, debaixo dos bombardeamentos, para outras reuniões.

(Samy Ketz — AFP)

Os Estados Unidos estão a encerrar a possibilidade duma acção militar no Médio Oriente, indica-se entre os meios governamentais de Washington, onde no entanto se sublinha que não foi ainda tomada qualquer «decisão definitiva».

A presença iminente no Mediterrâneo oriental duma importante força naval norte-americana está a suscitar, desde há vários dias, especulações quanto à eventualidade duma intervenção militar no Líbano. Estas especulações não foram desmentidas oficialmente e foram até confirmadas por algumas fontes próximas do governo americano.

O próprio presidente Ronald Reagan referiu, quatro dias depois do ataque-suicida no Líbano, a possibilidade de represálias contra os autores do atentado mortífero de 23 de Outubro em Beirute.

Além disso, apesar dos esforços da Casa Branca e do Pentágono para minimizarem o alcance da presença nos próximos dias, ao largo das costas libanesas, de cerca de trinta unidades navais, os peritos verificam que tudo vai estar a postos para permitir às forças americanas lançarem uma acção militar contra alvos específicos no Líbano.

«Operação de rotina», «rotacção normal» das forças navais, continuam, no entanto, a afirmar o Pentágono e a Casa Branca em resposta às perguntas sobre os movimentos de navios de guerra norte-americanos em direcção ao Mediterrâneo oriental.

No entanto, muitos observadores notam que o Pentágono desmentiu categoricamente a iminência duma operação militar a poucas horas do desembarque dos «marines» americanos em Granada, no passado dia 25 de Outubro.

Tanto na Casa Branca como no Departamento de Estado, recusam-se há vários dias, a afastar a possibilidade duma resposta militar contra grupos armados radicais suspeitos por Washington de serem responsáveis pelo atentado contra o quartel-general dos «marines» em Beirute.

Última hora:

Aviões americanos sobrevoaram ao meio-dia de hoje (hora local), a baixa altitude, Beirute e seus subúrbios, pela segunda vez em três dias.

Segundo a rádio libanesa, trata-se de 12 aparelhos americanos F-14 (Tomcat) que efectuavam missões de reconhecimento. Estes aviões levantaram voo do porta-aviões americano «Eisenhower», que navega ao largo das costas libanesas.

MOBÍLIAS VENDEM-SE

Salas de jantar e quartos estilos Inglês, Império, Barroco, Luís XV e XVI, Renascença, D. José, D. João V, louceiros, estantes, armários de vidrinhos, papeleiras, cómodas, camas de bilros e de latão, roupeiro, consolas e credências, jogos de maples em veludo e em pele, sofás-camas, lustres, candeeiros, relógios de mesa e caixa alta, bibelots, quadros a óleo, etc.

Av. da República, 12, r/c
(Perto do Saldanha)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 70 584, para «PROCESSO DE SÍNTESE PARA A PREPARAÇÃO DE 2-FENILAMINO-IMIDAZOLINAS-(2) SUBSTITUÍDAS, COM PROPRIEDADES TERAPÊUTICAS PARTICULARES».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 69 765, para «PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES AGLOMERANTES DE TIPO URETANO, UTILIZANDO POLÍOIS AMINADOS, PARA APLICAR NA MOLDAÇÃO SEM AQUECIMENTO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 70 347, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE UMA COMPOSIÇÃO FARMACÊUTICA COM ACTIVIDADE ANTIBACTERIANA E TERAPÊUTICA NAS INFECÇÕES PROVOCADAS POR GERMES GRAM-POSITIVOS E GRAM-NEGATIVOS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 67 900, para «PROCESSO PARA AJUSTAR A RESISTÊNCIA DE UM TERMISTOR».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

MÁQUINAS GRÁFICAS

Admitimos Vendedor/Prospector de Máquinas para a Indústria Gráfica.
Preferência — Conhecedor do ramo e do mercado de Lisboa.
Resposta a este jornal ao n.º 4112.

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Alameda Reis 173 1.º (cinema IMPERIO)
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL DE
1.ª INSTÂNCIA DAS
CONTRIBUIÇÕES E
IMPOSTOS DE
LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 17 de Novembro de 1983 pelas 15 horas, neste Tribunal, Rua Braamcamp-5 — 4.º vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Comafá-Materiais de Construção, Ld.ª com sede na R. Joaquim Bonifácio-21 — ABC Lisboa, no processo executivo n.º 3423/78, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

mento sito na R. Joaquim Bonifácio-21 — A — B e C a que se atribui o valor de 2 000 000\$00.

Verba n.º 2 — 4 secretárias metálicas modelo FOC em bom estado de conservação no valor presumível de 40 000\$00.

Verba n.º 3 — 4 cadeiras metálicas giratórias mod. FOC em bom estado de conservação no valor presumível de 6 000\$00.

Verba n.º 4 — Uma estante metálica com vidros de corrv mod. FOC, em bom estado no valor presumível de 5 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 27 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

(Manuel Luís Macalásta Malheiros)

O Liquidador Tributário

(Carlos Manuel Almeida Alves)

D.L. — 7/11/83 — 2.ª Publicação

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 65 131, para «PROCESSO PARA A CONFORMAÇÃO DE SUPERFÍCIES DE POLÍMEROS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 70 866, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES HERBÍCIDAS COM PROPRIEDADES SINÉRGICAS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA
DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 17 de Novembro de 1983 pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Grupo Fateca — Investimentos e Administração de Empresas, com sede na Av.ª Ilha da Madeira, 40-1.º no processo executivo n.º 2442/82, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Duas mesas metálicas com tampo em vidro castanho, sendo uma rectangular e outra redonda no valor de 50 000\$00.

Verba n.º 2 — Um cadeiro com armação metálica de pé para sala, C/10 lâmpadas no valor de 20 000\$00.

Verba n.º 3 — Nove secretárias, c/ tampo em madeira e pés metálicos, formato em U no valor de 140 000\$00.

Verba n.º 4 — Um armário em madeira c/ 2 corpos no valor de 10 000\$00.

Verba n.º 5 — Um Planing com 21 corpos metálico, de lman no valor de 180 000\$00.

Verba n.º 6 — Um armário metálico c/ 4 módulos em madeira e ferro, no valor de 90 000\$00.

Verba n.º 7 — Um armário metálico c/ 2 corpos e 10 prateleiras, no valor de 20 000\$00.

Verba n.º 8 — Uma calculadora da marca Mach 421-PD com o n.º K-085085 no valor de 20 000\$00.

Verba n.º 9 — Uma calculadora da marca Teal Techipet — 7121-P n.º 923 306 no valor de 20 000\$00.

Verba n.º 10 — Uma secretária tipo mesa p/ reuniões com armação em ferro e tampo em madeira no valor de 15 000\$00.

Verba n.º 11 — Um cofre monobloco fabricado pelas Chaves do Areeiro, com o n.º 4864 com segredo de quatro combinações no valor de 75 000\$00.

Verba n.º 12 — Três armários em madeira pequenos, no valor de 30 000\$00.

Verba n.º 13 — Um armário-arquivo em aço com pés de rodas no valor de 10 000\$00.

Verba n.º 14 — 12 cadeiras de secretária rotativas, c/ rodas sendo 9 forradas a veludo castanho e 3 a napa no valor de 35 000\$00.

Verba n.º 15 — Um cadeirão forrado a napa e veludo com pé metálico de rodas, c/ braços no valor de 5000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 26 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito
(Manuel Luís Macalásta Malheiros)

O Liquidador Tributário
(Carlos Manuel Almeida Alves)

D.L. — 7/11/83 — 2.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL
DE LISBOA
3.º Juízo Cível
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: ser a acção julgada procedente e provada e por via dela serem os réus condenados a pagar à Autora a quantia de sessenta mil cento e trinta e dois escudos e quarenta centavos, custas e procuradoria.

Acção sumária — n.º 9329 — 1.ª secção.

Autor — PORTUGAL PREVIDENTE, COMPANHIA DE SEGUROS S.A.R.L.

Réu — FERNANDO VIEIRA MOINHOS e mulher, ALICE DA CONCEIÇÃO GONZALES ROCHA VIEIRA, com última residência conhecida na R. Martens Ferrão, n.º 34-2.º Esq. — Lisboa.

Lisboa, 26 de Outubro de 1983.
O JUIZ DE DIREITO,
(a) João Cordeiro Dias

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(a) António José da Silva Martins

D.L. — 7/11/83 — 1.ª Publicação

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 70 173, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE AGLUTINADOR DE ISOCIANATO POLINERICO COM AGENTE DE LIBERTAÇÃO INTERNA».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 70 974, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE ISO-TIO-UREIA COM PROPRIEDADES LEPIDOPTERICIDAS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

OLHE O PERIGO
DE
FRENTE!ENSINE
O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

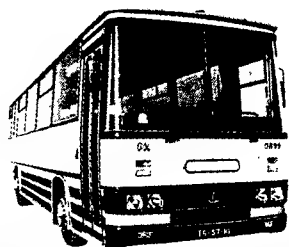


PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

MAIS DE 250 EXPRESSOS
RÁPIDOS RN
CIRCULAM NESTE MESMO
MOMENTO!



Temos o maior e mais eficiente serviço Expresso-Rápido que liga dinamicamente as cidades e vilas interiores às capitais e a outras grandes cidades. Se comparar preços, regularidade e conforto com qualquer outro meio de transporte, você vê logo porque dizemos que a RN é uma grande empresa de serviços: Mais de 250 Expressos-Rápidos estão, neste momento, a circular nas estradas de Portugal, levando pessoas de Viseu ao Algarve, de Faro ao Porto, de Braga a Lisboa, isto só para citar alguns. A nossa rede Expresso-Rápido cobre a quase totalidade do País. De forma dinâmica e proporcionando-lhe o máximo conforto pelo mínimo preço. Consulte o Centro de Passageiros RN mais próximo, para marcar já o seu lugar.



POR ISSO E PARA SI, SOMOS

RN RODOVIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA
DE SERVIÇOS

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

DESPORTO

Incidentes no Bessa

Boavista contra Alder Dante e PSP do Porto

Reunida ontem, extraordinariamente, na sequência do mal-estar que se instalou depois do resultado negativo de sábado, frente ao Portimonense, a direcção do Boavista difundiu um comunicado pelos órgãos de Comunicação Social, do seguinte teor:

«● 1 - Não compreender porque é que o Conselho Nacional de Arbitragem (CNA) nomeou o trio chefiado por Alder Dante para o jogo Boavista - Portimonense, sabendo-se que este árbitro, por via de regra, prejudica o Boavista, com actuações que têm de considerar-se altamente tendenciosas e eivadas de má-fé, como foi o caso do jogo disputado com o F. C. do Porto na época passada, no Estádio do Bessa.

«● 2 - Responsabilizar a CNA e Alder Dante pelos graves prejuízos desportivos e financeiros resultantes do comportamento do Boavista na «Taça», afastamento essencialmente devido à arbitragem do jogo com o Portimonense, que bastante prejudicou o Boavista.

«● 3 - Comunicar à CNA o veto do Boavista a Alder Dante para arbitrar qualquer jogo em que intervenha a equipa do Boavista.

«● 4 - Solicitar ao Comando Distrital da PSP do Porto a instauração de um inquérito rigoroso aos elementos da corporação que, sem nada que o justificasse, carregaram sobre associados do Boavista, espancando indistintamente idosos, crianças, inválidos e mesmo atletas do clube.

«● 5 - Manifestar ao departamento de futebol e muito concretamente à equipa técnica, aos atletas e ao departamento médico, a confiança da direcção, na convicção de que tudo continuarão a fazer, se possível com maior empenhamento, no sentido de prestigiar o clube que servem com os resultados desportivos à altura das tradições do Boavista e do seu próprio valor.

«● 6 - Pedir à massa associativa a maior compreensão para os modestos resultados que vêm sendo conseguidos pela equipa de futebol sénior, solicitando-lhe apoio e lembrando-lhe que o Boavista de hoje já não é só um clube de futebol profissional, mas também um clube eclético, com uma extensa gama de actividades amadoras com resultados altamente positivos.»

A reunião, que antecedeu a saída do comunicado, durou cerca de quatro horas e ficou assinalada pela saída intempestiva e apressada do vice-presidente Hernâni Ascensão, que se escusou a falar com os jornalistas. Entretanto, o presidente Valentim Loureiro (cuja demissão chegou a ser hioótese no dia anterior) também não deu qualquer justificação satisfatória para a saída prematura de Hernâni Ascensão. Respondendo a outras questões, o presidente «axadrezado» não se eximiu de criticar o presidente do CNA, o boavista Pinto de Sousa, por considerar que o mesmo «tem prejudicado o Boavista por excesso de zelo».



Antas: 65 minutos de resistência alcobacense e depois a derrocada (5-0).



Campo «Francisco Lázaro»: a experiência do Paços de Ferreira ultrapassou a vontade do Futebol Benfica.

Futebol: «taça» sem surpresas

Com os campeonatos nacionais travados, jogaram-se, de extremo a extremo do país, encontros que contavam para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, que não forneceram qualquer desfecho verdadeiramente imprevisto e apenas ditaram o afastamento do Boavista e do Penafiel, após confrontos com parceiros de igual escalão. Eis os desfechos dos embates entre equipas da 1.ª divisão: Boavista-Portimonense, 1-2; e Braga-Penafiel, 3-1.

Entre equipas da 1.ª e 2.ª divisões: Farense-Odivelas, 5-1; Silves-Agueda, 1-3; FC Porto-Alcobaca, 5-0; Estoril-Rio Maior, 4-0; Lixa-Espinho, 1-2 — após prolongamento (1-1 no final dos 90 minutos); e Sporting-Sesimbra, 6-1.

Entre equipas da 1.ª e 3.ª divisões: Barco-V. Guimarães, 3-7; Estarreja-Benfica, 0-3; Mealhada-Salgueiros, 1-2; Lusitano V. Real-Varzim, 0-5; Juventude-Rio Ave, 0-1; e V. Setúbal-Vilanova, 3-0.

Entre equipas da 2.ª divisão: Valdevez-Sanjoanense, 1-0; Anadia-S. Martinho, 1-0; Covilhã-Fafe, 3-2; União de Coimbra-Feirense, 2-0; Vizela-União de Leiria, 3-2; Barreirense-Académico de Coimbra, 1-1, após prolongamento, (1-1 no final dos 90 minutos); Gil Vicente-Lusitano, 3-0; Leixões-Amora, 1-1, após prolongamento, (1-1 no final dos 90 minutos); e União da Madeira-Guarda, 3-0.

Entre equipas da 2.ª e 3.ª divisões: Freamunde-Marítimo, 0-1; Paredes-Bf. Castelo Branco, 1-0; Esmoriz-Torreense, 0-0; Valonguense-Paio Pires, 1-0; Elvas-União de Santarém, 3-0; União de Tomar-Casa Pia, 1-1, após prolongamento (1-1 no final dos 90 minutos); Estrela de Portalegre-Estrela da Amadora, 6-0; Cova da Piedade-Paivense, 1-0, após prolongamento (0-0 no final dos 90 minutos).



Alvalade: Jordão (golo 3) acertou três vezes com os malhas.

minutos); Montijo-Famalicão, 2-0; Beja-Caldas, 1-3; Limianos-Belenenses, 1-2, após prolongamento (1-1 no final dos 90 minutos); Nazarenos-Naval, 1-0; Mangualde-Tirsense, 1-0; Gouveia-Esperança de Lagos, 2-1; Peniche-Estrela de V. Novas, 5-1; Bragança-Olivais e Moscaide, 2-1; Beira Mar-Lousrosa, 4-1; e Nacional-Mirense, 5-1.

Entre equipas da 2.ª divisão e distritais: Futebol Benfica-Paços de Ferreira, 1-5; Chaves-Nelas, 6-1; Sacavenense-Castelo da Maia, 2-2, após prolongamento (2-2 no final dos 90 minutos); União de Montemor-Olhanense, 1-4; Riopelle-Grandolense, 4-0; e Veiense-Académico de Viseu, 0-1.

Entre equipas da 3.ª divisão: Lusitano de Vildemoinhos-Aguias Sport, 3-1, após prolongamento (1-1 no final dos 90 minutos); Nisa-Benfica-União de Lamas, 1-0; Vialonga-Atlético do Cacém, 0-3; Valadares-Leça, 1-0; Alcains-Alferrade, 0-1; Monção-Alvorense, 2-0; Samora Correia-Campo-maiorense, 1-0; Alpalhoense-

Ovarense, 0-1; Santacombadense-Marrazes, 0-0; Prado-Mirandela, 2-1, após prolongamento (1-1 no final dos 90 minutos); Vianense-Sintrense, 1-0; Bombarralense-Merelinense, 1-3; Atlético-Taipas, 2-0; Cesarense-Santa Clara, 3-2; e Lusitânia-Almeirim, 0-0.

Entre equipas dos torneios distritais: Alverca-Ermesinde, 0-1.

O encontro entre o vencedor do Barreiros-Santacruzense e o Paço de Fátima foi adiado.

Juniões

Rodou-se a jornada n.º 6 da fase de abertura do campeonato nacional de juniores. Nomes e números da Zona Norte. Série A: Famalicão - Rio Ave, 0-2, Espoense - Ponte Barca, 1-2, V. Guimarães - Chaves, 5-0, Braga - Varzim, 0-0 e Cachão - Mirelense, 3-1. Líder: V. Guimarães, 11 pontos. Série B: Leixões - Régua, 4-0; U. Lamas - Tirsense, 3-0; FC Porto - Cortegaça, 5-0; Sanjoanense - Boavista, 0-4 e Salgueiros - Beira-Mar, 3-0. Líder: Boavista, 11 pontos.

Zona CENTRO: Série C: Re-

pesenses - Gouveia, 8-0; Algodres - Estação, 1-0; Académico - Agueda, 3-0; Jardim Alva - U. Coimbra, 1-2 e Anadia - Tondela, 1-1. Líder: Académico, 11 pontos. Série D: Almeirim - Marinhense, 0-0; U. Leiria - Alter, 4-0; Nazarenos - U. Tomar, 3-1; Benfica C. Branco - Alcobaca, 0-0 e Peniche - Naval, 0-0. Líder: Alcobaca, 10 pontos.

ZONA SUL - Série E: Atlético - Olivais Moscavide, 0-1; Vilafranquense - Oriental, 0-1; Cova Piedade - Sporting, 1-3; Beelenenses - Almada, 6-0 e Campo-maiorense - Benfica, 0-0. Líder: Sporting, 12 pontos. Série F: Sambrazense - Torralta, 0-2; Juventude - V. Setúbal, 1-5; Olhanense - Quimigal, 1-1; Barreirense - Farense, 1-0 e Amora - Moura, 4-2. Líder: V. Setúbal, 12 pontos.

TOTO BOLA a chave

Braga-Penafiel	1
Boavista-Portimonense	2
Silves-Agueda	2
Lixa-Espinho	x
Valdevez-Sanjoanense	1
Anadia-S. Martinho	1
Barreirense-Académico	x
Gil Vicente-Lusitano	1
U. Madeira-Guarda	1
E. Portalegre-E. Amadora	1
Montijo-Famalicão	1
Beja-Caldas	2
Limianos-Belenenses	x

O valor de cada prémio é de 16 091 536 escudos. Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem de 25 a 30 apostas com 13 resultados certos. Com 12 resultados certos prevêem-se de 800 a 900 apostas.

MICROSCÓPIO

Renato Graça: 2.º em Macau

Renato Graça classificou-se em 2.º lugar na Maratona Internacional de Macau, ganha pela 2.ª vez consecutiva pelo italiano António Erotavo. Vasco Pereira terminou em 6.º lugar. À partida alinharam cerca de um milhar de atletas. O tempo do corredor italiano foi de 2h 25m, menos 2,04s do que Renato Graça, que, por sua vez, gastou menos 1,36s do que o italiano Brasilanae, que foi 3.º. Juko Gordon (Japão) foi a vencedora da prova feminina, com 2.58,26s.

Atletismo: Ásia

A China começou a afirmar a sua superioridade no Koweit, durante a segunda jornada dos 5.ºs Campeonatos da Ásia de Atletismo, ao conquistar cinco das nove medalhas de ouro postas em disputa. Os koweitianos foram também estrelas da jornada alcançando os dois primeiros lugares dos 800 metros homens. Vedeta do dia, ainda, a «sprinter» filipina Lydia de Vega, favorita dos prognósticos e vencedora dos 100 metros, com o tempo de 11 seg. 82/100.

As cinco medalhas de ouro foram atribuídas a Kie Yinggi (no lançamento do martelo), a Huo Lianzhu (800 metros senhoras), Zhang Chen (vara), Liu Yu Huang (7,97, no comprimento, homens) e Jiao Yunxiang (53 metros no lançamento feminino do disco).

No lado oposto, o Japão registou nova derrota, tendo de contentar-se apenas com a medalha de prata de Kawata Masayoki no lançamento do martelo.

Hoje serão disputadas as provas de salto em altura (homens) com a participação do chinês Zhu Jinhua, detentor do recorde do Mundo (2,38m).

Golfe: «Open» de Portugal

O escocês Sam Torrance revalidou o seu título de campeão

do «Open» de Portugal, ao fazer 70 pancadas no último dia da competição, que se desenrolou em Tróia (Setúbal). Classificação final: 1.º, Sam Torrance, 286 pancadas; 2.º, Chris Moody, 289; 3.º, Paul Carrigil, 292; 4.º, Hugh Baiocci, 293; 5.º, John O'Leary, 294; 6.º, Michael King, 295; 7.º, Tomy Johnstone, 296; 8.º, Paul Way, 296; 9.º, Mike Miller, 296; e 10.º, Peter Teravainen, 298. Os portugueses Henrique Paulino e João Figueiredo ocuparam os dois últimos lugares da classificação.

Bridge madeirense

Cerca de meia centena de jogadores portugueses e estrangeiros iniciam hoje o quarto torneio internacional de Bridge da Madeira, que decorre no Funchal até ao dia 12 e é organizado pelo clube Sports da Madeira. Vai ser disputado nas modalidades de pares open e equipas, a primeira segundo o sistema Mitchell e a segunda segundo o sistema dinamarcuês.

Natação: campeonatos infantis

Os campeonatos nacionais infantis de natação, marcados para 31 de Março e 1 de Abril de 1984, decorrerão na piscina municipal de Fafe. A Câmara de Fafe deliberou conceder à Federação de Natação um subsídio de 80 mil escudos para minorar as despesas da organização e fornecer o equipamento e o apoio logístico solicitado pela Federação. A realização daquela prova na Piscina Municipal de Fafe (inaugurada em Abril de 1982) é justificada pelas boas condições proporcionadas por aquelas instalações.

Vitória de S. Roque

O Vitória Futebol Clube de São Roque (Pico, Açores) elegeu os corpos gerentes para o biênio 1984-85. António Lopes Machado Ávila preside à direcção e António Simas Costa ao conselho fiscal.

Uma negra página do futebol



Bessa: Palhares abriu a contagem a favor do Boavista mas o Portimonense não se intimidou e fez o empate (por Nelson), a que se seguiu o sucesso pelos pés de Cadorn.



Problemas muito graves aconteceram no Estádio do Bessa emoldurando a partida em que o Boavista perdeu com o Portimonense (1-2). Por oito vezes o árbitro «internacional» Alder Dante mostrou o cartão amarelo, duas grandes penalidades ficaram por marcar (uma a favor de cada emblema), registaram-se dois tentos anulados aos axadrezados e, como nota que não pode ficar impune, o juiz santarenense foi agredido por um espectador quando regressava do balneário para dar início à 2.ª parte do jogo. Para cúmulo, no termo da partida houve pedras contra alguns elementos policiais, pelo que a PSP reagiu (a torto e a direito) amontoando-se os feridos (entre os quais o jogador boavistense Zoran e o pai de um colega) e obrigando vários assistentes a necessitarem de curativo a ferimentos. Isto enquanto o trio de arbitragem era «escoado» por uma porta lateral, para evitar outros incidentes.

DESPORTO

Dniepre: estreia como campeão da URSS



Futre: em quatro passes entregou quatro golos.

Desporto: mitos e símbolos

Um jogo no "Mineirão"

Manuel Sérgio

A proveitei a minha estada, durante a segunda metade de Outubro, na Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, para assistir a um jogo de futebol profissional, nesse Brasil onde o «desporto-rei» enche o silêncio das palavras. Demais, tratava-se do Atlético - Cruzeiro, o Benfica - Sporting dos desportistas mineiros.

O encontro principiava às 17 horas, mas, três horas antes, já por todas as esquinas de Belo Horizonte gingavam quadris, rumo ao «Mineirão». Na Avenida de Afonso Pena (onde bebia um «Guaraná», na companhia do prof. Ivany de Moura Bonfim, director da referida escola de educação física) uma charanga (via-se bem) constituída de forma heteroclita e eventual, entoava «modinhas», em louvor do Atlético, exaltando o génio combativo dos seus jogadores. Não havia ali conflito de gerações: desde o moço mais primaveril até à cabeça onde os cabelos brancos invernavam, todos se uniam e recobravam ânimo, para louvar o clube da sua paixão.

Automóveis e autocarros, de bandeiras ao vento e resplendendo um sol adolescente, corriam lípidos em direcção ao monumental estádio de Belo Horizonte. Aliás, toda a cidade parecia tomar o mesmo rumo. O Atlético - Cruzeiro é uma das coisas importantes da capital mineira... para toda a gente, menos para um distinto médico oftalmologista, antigo e famoso «internacional» de futebol, de nome Tostão.

— O doutor vai, hoje, ao futebol?

— Nem hoje, nem nunca mais. O futebol me aborrece. Fiquei farto!

E olhava sem esperança aquela reinvenção dominical do espectáculo desportivo, de que ele fora actor incensado e gritado pelas ruas na certeza dos dias...

Entrei no «Mineirão» faltavam ainda sessenta minutos para o jogo principiar e já não havia lugar vago nas bancadas. As duas «torcidas» cantavam hinos que embalavam os gestos e as almas. Charangas atrovavam os ares, levando palavras, como dádivas, até regiões que ninguém vê, mas que o povo anseia, para um encontro sem fronteiras com o sonho, atolado que está em miséria e em dor. Frequentemente, o ritmo das instituições governamentais não segue o ritmo das necessidades do povo trabalhador. E ei-lo assim obrigado a encontrar num jogo de futebol a ilusão de um naco de felicidade — aquela felicidade que a sociedade classista não comporta! Olhava à minha volta: o que pedia a esmagadora maioria dos «torcedores» que me rodeavam, no seu inconsciente? Afinal uma outra sociedade que revalorize a satisfação das necessidades primárias, a frugalidade, a solidariedade e a festa! Eles não pediam mais do que isso! E até isso não tinham. Por isso, de olhos enevoados, buscavam no sonho o que o sonho não sabe dar...

Quando as equipas entraram em campo, uma histeria colectiva apossou-se dos espectadores. E os próprios radialistas e jornalistas da TV, correndo pelo «gramado» na mira de uma entrevista, prolongavam o mesmo nervosismo ambiente. Mesmo ao meu lado, uma senhora lançava ao Eder palavras, como beijos. Bandeiras e flâmulas agitavam-se, empunhadas pelo calor de muitas mãos. O Cruzeiro e o Atlético assumiam o tamanho dos horizontes sem limites. Até que o árbitro deu início ao encontro!

Impressões do que vi? Para além das que atrás debuxei, quero realçar a excelente técnica do futebolista brasileiro! O primeiro treinador de Beckenbauer (vide Futebol - Técnica e Tática, colecção «Cultura e Tempos Livres», Editorial Presença, Lisboa, 1981, p. 15) repetia, sem cansaço: «Mostra-me como interceptas uma bola, como és capaz de a parar e digo-te já se tens, ou não, o estofa de bom jogador». Ora, o futebolista profissional brasileiro tem tudo isto. Não residirá, na sua superioridade técnica o magnífico nível atingido pelo futebol do «país irmão»? Deve sublinhar-se também a extraordinária potência de chute que o Eder ostenta. Em quatro livres que «cobrou», todos eles a uma distância que rondava os 30 ou 40 metros, esbarrou uma bola na trave, marcou um gol e proporcionou duas defesas difíceis ao guarda-redes contrário. Eusébio, Mata-teu, Eder e Puskas foram ao friso de jogadores, com o remate mais poderoso que os meus olhos já viram. Por fim, retorno ao tema inicial e para assinalar o seguinte: embora evidentes, como atrás o assinala, ainda é no espectáculo desportivo onde surgem mais atenuados os sintomas alienantes. Nele, o espectador discute, reclama, contesta. E, por isso, não fica sujeito a penas legais e judiciais. A imprensa da especialidade dá-lhe a conhecer, sem sofismas, as regras a que o jogo se subordina. Ele distingue perfeitamente o penalty do livre indirecto, o fora de jogo do livre de canto. Quem dera que tudo assim acontecesse no labiríntico mundo da política...

E fico-me, por aqui, que a minha charla já vai longa.

O Dniepre (de Dnieprepetrovsk), que se tornou pela 1.ª vez campeão de futebol da União Soviética, somou mais quatro pontos que o Spartak (2.º classificado) e mais seis que o Dinamo de Minsk 3.º campeão da época passada.

O Dinamo de Kiev quedou-se num modesto 7.º posto, enquanto os seus homónimos de Moscovo e de Tbilisi classificaram-se em 15.º e 16.º lugares, apenas superados para pior pelo Torpedo de Kutaisi e pelo Nistru, das duas últimas posições.

Polónia

O Lech Poznan e o Gornik Walbrezych continuam separados por um ponto no comando do campeonato polaco, ao derrotarem o Katowice e o LKS Lodz, em jogos da 14.ª jornada.

O Widzew Lodz (na 3.ª posição), cedeu um empate no seu campo frente ao Szombierki Bytom e ficou a dois pontos do primeiro.

Com o triunfo de ontem, o Lech Poznan totalizou 21 pontos, contra 20 do Gornik e 19 do Widzew.

Bulgária

O CSKA (Sofia) mantém o comando do campeonato búlgaro após a jornada: O CSKA tem 18 pontos, mais dois do que o Levski Spartak.

Hungria

O Videoton, ao empatar (2-2), no terreno do Újpest, subiu ao 1.º lugar do campeonato húngaro.

Grécia

O Olympiacos, que foi eliminado pelo Benfica, da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, foi derrotado no seu terreno pelo Aris, (0-1), em jogo do campeonato grego.

Dinamarca

O Lyngby é virtual campeão dinamarquês, ao vencer o Esbjerg, (por 3-0) na penúltima jornada do campeonato.

Suécia

O Gotemburgo, antiga equipa treinada por Ericksson, (actual técnico do Benfica), revalidou o título de campeão de futebol da Suécia. A Turma do Gotemburgo venceu o Dester (3-0), no último encontro do campeonato. Os golos foram apontados pelo inglês Steve Gardner (aos 24 minutos), Haakan Sandberg (aos 26), e Tor Holmgren (aos 90 minutos). Com esta vitória, a turma do Gotemburgo totalizou seis triunfos no campeonato do seu país, tendo os anteriores sido alcançados em 1935, 1942, 1958, 1969 e 1982. O êxito alcançado na «Taça Uefa», sob a orientação de Eicksson, verificou-se em 1982.

Espanha

O Atlético de Madrid ascendeu ao 1.º lugar do campeonato espanhol ao vencer o Bétis (4-3), em jogo da 10.ª jornada. O Real Madrid, ao perder (1-4), na sua deslocação a Sevilha, causou a surpresa da jornada e cedeu o topo da tabela classificativa. Resultados: Sevilha - Real Madrid, 4-1; Osasuna - Valladolid, 3-1; Salamanca - Valência, 1-0; Cádiz - Espanhol, 1-1; Maiorca - Gijón, 1-2; Atlético de Bilbao - Murcia, 4-1; Saragoça - Real Sociedad, 2-1; Barcelona - Múrcia, 1-0 e Atlético de Madrid - Bétis, 4-3. Classificação actual: 1. Atlético de Madrid, 14 pontos; 2. Barcelona, Sevilha, Málaga, Saragoça e Real Madrid, 12; 7. Bétis, Múrcia, Valência, Atlético de Bilbao (um jogo a menos) e Gijón, 11; 12. Valladolid e Espa-

nhol, 9; 14. Osasuna, Cádiz (um jogo a menos) e Salamanca, 7; 17. Real Sociedad, 6; 18. Maiorca, 4.

Itália

O Roma foi derrotado pela Udinese, (0-1), tento de Zico em jogo a contar para o campeonato italiano. Resultados da jornada: Udinese - Roma, 1-0; Juventus - Verona, 3-1; Inter - Milão, 2-0; Ascoli - Torino, 0-0; Fiorentina - Catania, 5-0; Lazio - Avellino, 2-1; Nápoles - Pisa, 0-0 e Sampdoria - Génova, 2-0. Classificação actual: 1. Roma, 12 pontos; 2. Verona e Juventus, 11; 4. Torino e Fiorentina, 10; 6. Udinese, 9; 7. Avellino, Milão e Sampdoria, 8; 10. Inter e Ascoli, 7; 12. Lazio e Nápoles, 6; 14. Catânia, Génova e Pisa, 5.

Frância

O Mónaco venceu o Estrasburgo (1-0) e isolou-se no comando do campeonato francês, mercê da derrota do Bordeus, frente ao Paris Saint-Germain (2-1). Os resultados registados na 17.ª jornada: Brest - Nantes, 0-1; Metz - Toulouse, 1-0 (suspenso aos 75 minutos); Saint Etienne - Rouen, 1-0; Mónaco - Estrasburgo, 1-0; Paris Saint-Germain - Bordeus, 2-1; Auxerre - Nancy, 4-0; Bastia - Lille, 1-0; Rennes - Nîmes, 2-1; Lens - Laval, 2-1; Toulon - Soix, 1-0.

Classificação: 1.º Mónaco, 26 pontos; 2.º Bordeus, 24; 3.ºs Auxerre, Paris Saint-Germain e Nantes, 23; 6.º Estrasburgo, 21; 7.º Lens, 18; 8.ºs Toulouse, Lille e Laval, 16; 11.ºs Rouen e Sochaux, 15; 13.ºs Toulon, Bastia e Nancy, 14; 16.ºs Brest, Saint Etienne e Nîmes, 13; 19.º Metz, 11; 20.º Rennes, 10.

Holanda

Resultados da 13.ª jornada do campeonato holandês: Pec-Den Bosch, 1-1; Willem II - Volendam, 1-3; Utrecht - Helmond, 6-4; DS 79 - Fortuna Sittard, 2-0; Sparta Rotterdam - Feyenoord, 1-4; Excelsior - Haarlem, 0-0; Roda - Groningen, 2-3; PSV Eindhoven - Ajax, 1-0; AZ 67 - Go Ahead, 2-2. Classificação actual: 1.º Feyenoord, 22 pontos; 2.º PSV, 21; 3.ºs Ajax e Utrecht, 19; 5.º Roda, 16; 6.º Groningen, 15; 7.º Pec, 14; 8.ºs Sparta e Haarlem, 13; 10.º Go Ahead, 12; 11.º Willem II, 11; 12.ºs AZ 67 e Excelsior, 10; 14.ºs Den Bosch, DS 79, Volendam e Fortuna, 9; 18.º Helmond, 3.

Escócia

O Aberdeen, que venceu fora (5-0) o St. Johnstone, lidera a divisão especial do futebol escocês. Resultados: Dundee United - Dundee, 0-1; Hibernian - H. Midlothians, 1-1; Motherwell - St. Mirren, 0-0; Rangers Glasgow - Celtic Glasgow, 1-2 e St. Johnstone - Aberdeen, 0-5. Classificação: 1.º Aberdeen, 17 pontos; 2.º Celtic Glasgow, 16; 3.º Dundee United, 15; 4.º Hearts Midlothians, 15; 5.º Hibernian, 11; 6.º Dundee, 9; 7.º Rangers Glasgow, 7; 8.º St. Mirren, 7; 9.º Motherwell, 7; 10.º St. Johnstone, 4.

Inglaterra

O Manchester United perdeu no seu campo (1-2) com o Aston Villa, para a Liga Inglesa da 1.ª divisão. Resultados da jornada: Arsenal-Sunderland, 1-2; Birmingham-Coventry, 1-2; Manchester United-Aston Villa, 1-2; Norwich-Southampton, 1-0; Nottingham-Wolverhampton, 5-0; Queen Park Rangers-Luton Town, 0-1; Stoke City-Tottenham, 1-1; Watford-Leicester, 3-2; West Bromwich-Notts County, 2-0; West Ham-Ipswich, 2-1; e Liverpool-Everton, 3-0.

Classificação após a 12.ª jornada:

da: 1.º Liverpool, 26 pontos; 2.º Manchester United, 25; 3.º West Ham, 23; 4.º Luton Town, 22; 5.º Tottenham, 21; 6.ºs Queen Park, Nottingham, Southampton, Coventry, West Bromwich e Aston Villa, 20; 12.º Arsenal, 18; 13.ºs Ipswich e Birmingham, 17; 15.º Norwich, 16; 16.ºs Everton e Sunderland, 15; 18.ºs Watford e Stoke, 10; 20.º Notts County, 7; 21.º Leicester, 6; e 22.º Wolverhampton, 3.

RFA

O Hamburgo cedeu uma igualdade a dois golos ao receber o Colónia, enquanto o Bayern de Munique empatava sem golos no terreno do Eintracht de Frankfurt, para o Campeonato alemão federal de Futebol. Resultados: Bayern Uerdingen - Waldhof Mannheim, 1-1; Borussia Dortmund - Bochum, 1-1; Hamburgo - Colónia, 2-2; Eintracht Frankfurt - Bayern Munique, 0-0; Fortuna Dusseldorf - Kickers Offenbach, 5-0; Arminia Bielefeld - Werder Bremen, 2-0; Bayer Leverkusen - Eintracht Braunschweig, 3-0; Kaiserslautern - Borussia Moenchengladbach, 0-2; e Estugarda - Nuremberga, 7-0.

Classificação após a 13.ª jornada: 1.º Hamburgo, 19 pontos; 2.ºs Fortuna, Estugarda, B. Moenchengladbach e Bayern Munique, 17; 6.º, Werder Bremen, 16; 7.ºs Colónia, Bayer Leverkusen e B. Uerdingen, 14; 10.º, Arminia Bielefeld, 13; 11.ºs Bochum e Waldhof, 12; 13.º, Eintracht Braunschweig, 10; 14.ºs, Kaiserslautern, B. Dortmund e Kickers, 9; 17.º, Nuremberga, 8; e 18.º, Eintracht Frankfurt, 7.

Rio de Janeiro

No clássico jogo da 8.ª jornada da 2.ª volta do Campeonato do Rio de Janeiro, o Vasco da Gama venceu o Fluminense (2-0). Os outros jogos forneceram os seguintes resultados: América - Bangu, 0-3; São Cristóvão - Volta Redonda, 0-1; Botafogo - Campo Grande, 1-1; e Goyatacaz - Americano, 2-0. Classificação: 1.ºs, Fluminense e Bangu, 28 pontos; 3.º, América, 27; 4.º, Botafogo, 22; 5.º, Flamengo e Goyatacaz, 20; 7.º, Vasco da Gama, 19; 9.ºs, Americano e Campo Grande, 16; 10.º, Volta Redonda, 15; 11.º, Bonsucesso, 10; e 12.º, São Cristóvão, 4.

São Paulo

O São Paulo (com 52 pontos) ocupa a 1.ª posição da tabela da fase de classificação do Campeonato paulista, que prosseguirá com a participação de oito das 20 equipas que disputaram as duas voltas de eliminação. São Paulo, Corinthians, Santos, Santo André, Palmeiras, Portuguesa de Desportos, São Bento e Ponte Preta (divididos em dois grupos de 4 equipas cada um) enfrentar-se-ão em duas «mãos» e, os primeiros em cada grupo, disputarão entre si o título de campeão paulista de 1983. Os resultados da 20.ª jornada da fase de eliminação foram os seguintes: Taquaritinga - Santos, 0-3; Portuguesa - Palmeiras, 1-0; Corinthians - São José, 3-1; Santo André - Ferroviária, 1-1; Ponte Preta - Internacional, 1-1; Botafogo - Guarani, 1-1; Comercial - XV de Jau, 0-0; América - São Bento, 3-0; Juventus - Taubaté, 0-0; e Marília - São Paulo, 2-1.

URSS: jogar bem em Lisboa

O responsável técnico pela selecção de futebol da URSS, o treinador Valeri Lobanovski, declarou (na capital soviética) a propósito do encontro com Portugal, marcado para 13 do corrente: **Só posso dizer que, em Lisboa, jogaremos um futebol de alto nível, a fim de tentarmos cumprir o essencial da nossa tarefa: conquistar o direito à participação na fase final do Campeonato da Europa, a realizar no próximo ano em França. Estamos plenamente conscientes da elevada responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros, pelo que tanto os treinadores como os jogadores, quer da selecção quer dos clubes, não regateamos o melhor dos nossos esforços para que aquele objectivo seja, de facto, alcançado** — acrescentou.

Olimpícos

A selecção olímpica do México derrotou a sua congénere do Canadá (por 2-1) em jogo disputado em Toluca.

No conjunto das duas «mãos» as equipas estão empatadas (2-2), realizando-se o jogo de desempate em Los Angeles (EUA), em data ainda não anunciada.



Gomes: amanhã ouro em Paris

Depois de Eusébio e Yazalde, a vez de Fernando Gomes. Foi um atirador do Benfica, seguiu-se o argentino ao serviço do Sporting e aí temos um portista como «o melhor atirador ao golo de toda a Europa». O prémio vai ser-lhe entregue amanhã, em Paris, dando motivo a que, também por cá, se prestem várias homenagens ao «Bota de ouro», irmanando-o com a colocação no mercado do «Anuário do Futebol Português e Europeu», e, simultaneamente, com o lançamento de material de várias etiquetas desportivas que se lançam no nosso país. Eis um exemplo: o tributo do Centro Comercial de Alvalade, onde a decoradora Fernanda Martins rubricou uma montra toda futebolística

DESPORTO

Nacional de basquetebol

FC Porto: campeão em queda vertical

O FC do Porto (campeão nacional da última época) teve um fim-de-semana particularmente negativo na dupla jornada (7.ª e 8.ª) do campeonato nacional da 1.ª divisão de basquetebol. Os portistas perderam com o Olivais e com o Sangalhos, somando mais duas derrotas às outras que haviam sofrido (Barreirense e Queluz) no início da prova. Não estará de modo nenhum em perigo a qualificação dos «azuis e brancos» (há muito tempo para consolidar uma posição entre os seis primeiros) mas é pelo menos uma situação nova na tradicional carreira dos portistas.

O Barreirense prossegue invicto no comando da prova, com o Queluz a um ponto. Estas duas equipas (mais o Sangalhos, Olivais e Benfica; porque triunfaram na dupla jornada) deixaram os competidores próximos a maior distância. De sublinhar, também o duplo êxito do novo primodivisionário Luso do Barreiro, que lhe possibilitou juntar-se a um terço de 6.ºs classificados.

Transcorrido pouco mais de um quarto da prova, não há dúvida de que a semelhança de valores é um facto salutar, com o que ganhará futuramente em competitividade o campeonato. Por isso se diz (e os exemplos confirmam-no) que o 51.º «nacional» irá ser dos melhores disputados de sempre, não apenas na 2.ª e 3.ª fases mas, também, na «poule» de apuramento. Bem vistas as coisas só três grupos destoam da capacidade de todos os outros, casos concretos do Ginásio (apenas com uma vitória), Conimbricense e Atlético (só com derrotas). De sublinhar, que devido a uma confusão de horário, os alcantarenses não compareceram, na tarde de sábado, para defrontar o Barreirense (no Barreiro por interdição do seu recinto) perdendo por falta de

comparência.

Resultados dos jogos deste fim-de-semana (7.ª jornada): Benfica - Ovarense, 77-70; Luso do Barreiro - Conimbricense, 71-68; Ginásio - Queluz, 91-96; Atlético - Barreirense (falta comparência do Atlético); Olivais - Sanjoanense, 80-82 e Sangalhos - FC Porto, 68-67. Na 8.ª jornada: Benfica - Conimbricense, 85-67; Luso do Barreiro - Ovarense, 86-81; Ginásio - Barreirense, 70-77; Olivais - FC Porto, 92-86; Atlético - Queluz, 54-104 e Sangalhos - Sanjoanense, 97-80. Pontuação: 1.º Barreirense, 8 jogos e 16 pontos; 2.º Queluz, 8-15; 3.ºs Olivais e Sangalhos, 8-14; 5.º Benfica, 8-13; 6.ºs FC Porto, Ovarense, Sanjoanense e Luso do Barreiro, 8-12; 10.º Ginásio Figueirense, 8-9; 11.º Conimbricense, 8-8 e 12.º Atlético, 8-7 (este tem uma falta de comparência).



Sporting sem problemas perante a Académica da Amadora.

Hóquei: Porto vence na Bélgica

A selecção de hóquei em patins do Porto venceu, só com triunfos, o torneio internacional Albrecht De Buck, disputado em Lovaina (na Bélgica), batendo, ontem, no último jogo, o Corradini (Itália), por 5-2. Nos outros encontros, os resultados obtidos pela selecção portuguesa foram os seguintes: perante o Rams-tadt (RFA), 5-1; Eickmans Nobra (Holanda), 3-2; Rolta (Bélgica), 10-7; Stella Artois (Holanda), 4-3. Os portugueses, que marcaram 37 golos e sofreram 15, utilizaram como equipa-base: Pires

(Sanjoanense), Fanã (F. C. do Porto), Alves (F. C. do Porto), Licínio (Sanjoanense), Vítor Hugo (F. C. do Porto), Zeca e Gentil (ambos do Sanjoanense).

Hóquei nacional

Resultados dos encontros a contar para a 1.ª jornada do campeonato de hóquei em patins da divisão principal: Belenenses - Alenquer, 6-1; Oeiras - Benfica, 3-5; Sporting - Amadora, 8-1; Oliveirense - Parede, 4-2; Farnalhão - Sesimbra, 6-5; Sporting Tomar - Paço de Arcos, 5-6.

Nacional de andebol

Sanjoanense e Caramão: as primeiras derrotas

A 5.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol, deu como notas principais, as derrotas da Sanjoanense (que liderava a Zona Norte, mais o FC do Porto) e do Caramão (que era o «guia» da Zona Sul). Por outro lado, na mesma ronda, a Académica de S. Mamede (ao Norte) e o Caselas (ao Sul) conseguiram as primeiras vitórias.

A partida Vitória de Setúbal - Sporting foi adiada para o próximo dia 16.

A jornada, mesmo a despeito dos primeiros desaires da Sanjoanense e do Caramão, não ofereceu surpresas, visto que não há nada de anormal nestes insucessos averbados perante conjuntos de superior categoria como são o FC do Porto e o Belenenses.

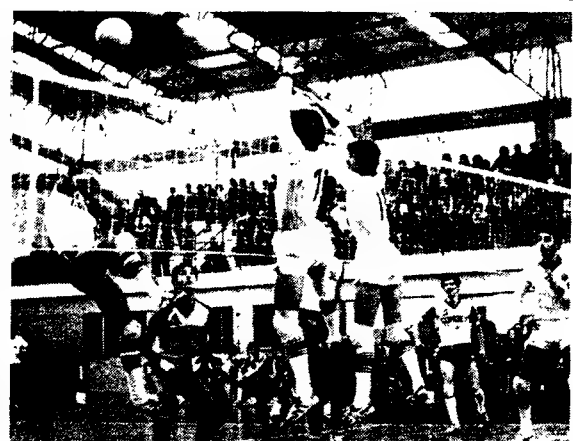
Resultados na Zona Norte: Académica de S. Mamede - Sp. Espinho, 35-18; FC do Porto - Sanjoanense, 27-23; Salgueiros - Académica de Coimbra, 20-13 e Académico do Porto - Despor-

tivo de Portugal, 23-29. Zona Sul: Caselas - Almada, 27-2; Caramão - Belenenses, 22-25; Passos Manuel - Benfica, 22-29 e V. Setúbal - Sporting (adiado). Pontuações na Zona Norte: 1.º, FC do Porto, 5 jogos e 15 pontos; 2.º, Desportivo de Portugal, 5-14; 3.º, Sanjoanense, 5-13; 4.ºs, Académico do Porto e Académica de Coimbra, 5-9; 6.º, Salgueiros, 5-8; 7.º, Académica de S. Mamede, 5-7 e 8.º, Sp. Espinho, 5-5. Zona Sul: 1.º, Benfica, 5-14; 2.ºs, Belenenses e Almada, 5-13; 4.º, Sporting, 4-10; 5.º, Caselas, 5-8; 6.º, V. Setúbal, 4-6; 7.ºs, Almada e Passos Manuel, 5-6.

Com estes desfechos, os portistas isolaram-se no comando da zona nortenha, enquanto o Benfica ascendeu à posição de «líder». Por seu turno continuam sem vencer Sporting de Espinho, Almada e Passos Manuel.



A turma do Esmoriz e os turcos do Eczacibasi.



Desfecho (0-3) negativo para o Esmoriz.

Voleibol europeu

Leixões: duas vitórias

O Leixões (ao triunfar em masculinos e femininos) forneceu a nota de evidência na 1.ª «mão» da eliminatória inaugural das provas europeias de voleibol: para a Taça dos Campeões, entre turmas femininas, bateu (em Nicósia) o Limassol e para a Taça das Taças (masculino) venceu sem quaisquer dificuldades o Aris Bonnevoit, do Luxemburgo.

Entretanto o Esmoriz (Taça dos Campeões) e o Sp. Espinho (Taça Federação Europeia de Voleibol) foram batidos, na situação de visitantes, pelos representantes turco e francês.

O encontro Sporting de Espi-

nho - Stade Français constituiu um belo espectáculo a despeito da sua longa duração. Foi indispensável equacionar forças durante duas horas e 32 minutos para encontrar o vencedor, decidido na «negra», já quando os atletas estavam completamente exaustos e quase não podiam levantar os braços: os franceses resistiram melhor à fadiga e acabaram por triunfar, com todo o mérito.

Os turcos do Eczacibasi bateram com perfeição a vontade o Esmoriz: há uma diferença notória de categoria entre as duas equipas, aliás perfeitamente tes-

temunhada no resultado.

As duas equipas do Leixões salvaram a honra do convento e terão garantido (é mais do que provável) a sua passagem à eliminatória seguinte: as formações luxemburguesa e cipriota são efectivamente muito fracas, como facilmente se depreende das claríssimas vitórias leixo-nenses.

Resultados na Taça dos Campeões (masculino): Esmoriz - Eczacibasi, 0-3 (5-15, 5-15 e 8-15); feminino: Limassol de Nicósia (Chipre) - Leixões, 1-3; Taça das Taças (masculino): Leixões - Aris Bonnevoit, 3-0

(15-0, 15-2 e 15-7); Taça FEV (masculino): Sp. Espinho - Stade Français, 2-3 (15-10, 13-15,

19-17, 14-16 e 4-15). No sábado e no domingo realizam-se os jogos da 2.ª «mão».

Placard

Xadrez: finalíssima

Alberto Fernandes (EDP) conquistou a Taça Doutor António Maria Pires, ao vencer António de Oliveira (Académica da Amadora). A prova, que era a eliminar ao 1.º ponto perdido, chegou ao final com os dois xadrezistas invictos, pelo que se teve de realizar uma «finalíssima». A EDP venceu por equi-pas.

Meia maratona

Realiza-se em 4 de Dezembro (de manhã) a 5.ª Meia Maratona de A-dos-Cunhados, uma das provas de atletismo mais populares de Portugal. Esta meia maratona, que conta para o Troféu Spiridon, terá numerosos participantes e muitos prémios, sendo disputada na zona das termas de Torres Vedras, de grande beleza turística.



Cristina Lebre e Maria João Falcão: ambas de 18 anos, as duas integrando a representação nacional de ginástica rítmica que vai actuar em Estrasburgo (França). A seu lado vão estar Ana Peleira e Margarida do Carmo.

Râguebi: Nacional começou

Direito venceu o Cascais (por 10-6) no principal encontro da 1.ª jornada do 26.º campeonato português de Râguebi da divisão superior.

Esta prova foi iniciada na temporada de 1958/59, ano em que se fundou a Associação de Râguebi de Lisboa tendo como clubes fundadores Benfica, Sporting e Ginásio Clube Português. Mais tarde, outros três clubes legalizaram a sua inscrição; Belenenses, Atlético e Agronomia. De todos estes clubes apenas o Benfica se manteve sempre em actividade, com a curiosidade de em 56 anos ligado ao Râguebi este ser o primeiro em que se encontra na 2.ª divisão, por ter descido na temporada de 1982-83, ano em que (curiosamente), conquistou a «Taça de Portugal». No campeonato deste ano participam as equipas de Direito, Cascais, Técnico, Agronomia, Académica de Coimbra, Belenenses, CDUL e CDUP.

O CDUL, a ostentar actualmente o título nacional, foi a equipa que mais êxitos conquistou, (13) seguida do Benfica (5), Belenenses (4), Académica de Coimbra (2) e Técnico (um).

O campeonato deste ano, segundo as previsões, poderá ser o mais renhido dos últimos anos com CDUL, Direito (bastante reforçado) e Cascais com maiores hipóteses de virem a inscrever o seu nome na lista dos vencedores. Resultados da 1.ª jornada: Direito-Cascais, 10-6; CDUP-CDUL, 10-28; Técnico-Agronomia, 11-0 e Académica de Coimbra-Belenenses 31-7.

DESPORTO

Rallye Sagres Europa / Algarve

Tabatoni vence espectacularmente Joaquim Santos é campeão nacional

Enquanto o francês Olivier Tabetoni, levava o seu Visa Chrono à vitória absoluta no Rally Sagres Europa/Algarve, após uma prova espectacular, Joaquim Santos, com um terceiro lugar, e beneficiando da desistência de José Pedro Borges, assegurava o título de campeão nacional de ralis pelo segundo ano consecutivo.

Outra proeza importante teve como protagonista Inverno Amaral que foi segundo na geral, ao volante de um Visa Trophee, deixando atrás de si carros bem mais potentes.

No grupo N triunfou Nuno Madeira. Averbou um título nacional de forma algo inesperada, quando nada o fazia prever.

Se em relação ao vencedor absoluto a terceira etapa nada veio alterar, a não ser um significativo aumento da vantagem que tinha sobre o seu mais directo perseguidor, que no final da terceira etapa era Joaquim Santos, o mesmo não pode dizer-se em relação aos restantes lugares, onde as alterações foram várias.

Tabatoni, Joaquim Santos, Snyers, Inverno Amaral e Francisco Romãozinho foram os que mais andaram nesta última fase da prova, que incluía duas extensas classificativas, em Monchi-

que e Aljezur, a primeira com mais de 50 quilómetros extensão e que por isso mesmo reunia todas as condições para provocar uma última selecção nos concorrentes.

O abandono de José Pedro Borges, no final de Aljezur, com um rolamento de uma roda partida, veio dar nova fisionomia à prova. A partir daqui Joaquim Santos era inevitavelmente campeão e ficava à vontade para actuar como melhor entendesse. Entre duas alternativas - entrar desalojar Tabatoni do primeiro lu-

gar ou aguentar tranquilamente até ao fim a classificação que tinha - Santos escolheu a última, o que se justifica, até pelas condições físicas em que se encontrava.

O belga Snyers, que face à desistência do seu compatriota Droogmans havia também assegurado o título internacional do seu país foi ainda um bom animador, vencendo as classificativas de Monchique 1, Aljezur 1, Aljezur 2 e Bordeira 2, mas a sua actuação não podia conduzir a outra coisa que não fosse à recuperação dos azares da etapa anterior, e à busca de um lugar mais consentâneo com o seu valor e com o seu carro. Conseguiu chegar até ao quarto lugar, o que já não foi mau de todo, dada a maneira como a prova lhe correu.

Espectacular foi Inverno Amaral, que ganhou Monchique 2 e Castelejo 2, tornando-se a grande figura da terceira e última etapa. Assim, a - deu ao segundo lugar da geral, embora sem nunca ter ameaçado verdadeiramente o «leader» Tabatoni.

Romãozinho começou a recuperar na terceira etapa e parecia que se preparava para uma

ponta final que o fizesse subir bastante na classificação. Venceu a classificativa do Castelejo e até baixou o respectivo recorde mas depois desistiu em Monchique. Ao tentar ultrapassar José Miguel, este, embora facilitando a ultrapassagem, deixou um pouco da traseira na trajectória de Romãozinho que lhe bateu ligeiramente. Os danos provocados na frente do Visa Chrono acabaram por provocar o aquecimento do motor e determinar a desistência do piloto da Citroen.

No Grupo N a vitória veio a pertencer a Nuno Madeira. As suas possibilidades eram muito reduzidas perante Mello Breyner a Manuel Russo mas a desistência destes dois pilotos facilitou-lhe as coisas.

Num genérico balanço global o Rallye Sagres Europa/Algarve correspondeu à expectativa que o rodeou e foi uma prova competitiva como aliás o demonstra o número de recordes de classificativas batidos.

Menos rápida que pilotos e organizadores terá sido a Direcção Regional de Turismo do Algarve que, segundo se queixou o director da prova, não pagou na altura

oportuna o subsídio com que se comprometera perante o Raca. A primeira consequência é que os organizadores não têm verba para pagar os prémios aos concorrentes. Em princípio só receberiam os estrangeiros, situação que os portugueses compreenderam mas que traz reflexos muito negativos para o prestígio da prova e também para o prestígio das entidades ligadas ao Turismo algarvio.

Classificações

19.ª PEC - Marmeleira 1 (1 km)

1. Santos, 7.34; 2. Tabatoni, 7.47; 3. Snyers, 7.50; 4. J.P. Borges, 7.54; 5. Inverno Amaral, 8.01.

20.ª PEC - Monchique 1 (54.14)

1. Snyers, 50.51; 2. Tabatoni 51.05; 3. Inverno Amaral, 51.17; 4. Joaquim Santos, 51.55; 5. J.P. Borges, 52.14.

21.ª PEC - Aljezur 1 (27.44)

1. Snyers, 17.34; 2. Joaquim Santos, 18.02; 3. Carlos Fontainhas, 18.13; 4. Tabatoni, 18.13; 5. J.P. Borges, 18.24.

22.ª PEC - Bordeira 1 (8.62)

1. Joaquim Santos, 6.12; 2. Tabatoni, 6.17; 3. Inverno Amaral, 6.20; 4. Snyers, 6.37; 5. Francisco Romãozinho, 6.43.

23.ª PEC - Castelejo 1 (12.33)

1. Francisco Romãozinho, 10.26; 2. Tabatoni, 10.33; 3. Snyers, 10.45; 4. Carlos Fontainhas, 11.23; 5. Inverno Amaral, 11.33.

24.ª PEC - Marmeleira 2 (10.85)

1. Joaquim Santos, 7.08; 2. Snyers, 7.30; 3. Tabatoni, 7.30; 4. Inverno Amaral, 7.41; 5. Dorche, 7.57.

25.ª PEC - Monchique 2 (54.14)

1. Inverno Amaral, 53.31; 2. Tabatoni, 55.05; 3. Snyers, 55.15; 4. Joaquim Santos 57.36; 5. Dorche, 57.38.

26.ª PEC - Aljezur 2 (27.44)

1. Snyers, 18.53; 2. Inverno Amaral, 19.20; 3. Joaquim Santos, 19.21; 4. Tabatoni, 20.01; 5. Dorche, 20.31.

27.ª PEC - Bordeira 2 (8.62)

1. Snyers, 6.26; 2. Inverno Amaral, 6.27; 3. Joaquim Santos, 6.34; 4. Tabatoni, 6.53; 5. Dorche, 7.17.

28.ª PEC - Castelejo 2 (12.33)

1. Inverno Amaral, 11.03; 2. Snyers, 11.19; 3. Tabatoni, 11.29; 4. Joaquim Santos, 11.55; 5. Carlos Fontainhas, 11.57.

Classificação Geral Final

1. Oliv. Tabetoni/Michel Cadier (Visa Chrono), 6.19.50; 2. Inverno Amaral/ Joaquim Neto (Visa Trophee), 6.22.24; 3. Joaquim Santos-Miguel Oliveira (Escort RS), 6.23.38; 4. Patrick Snyers/Colebunder (Porsche 911), 6.25.59; 5. Chirs. Dorche/Thimonier (Visa Chrono), 6.39.40; 6. Carlos Fontainhas/Rogério Soromenho (Escort

RS), 6.51.05; 7. Luc Marteil/B. Philip (Visa Chrono), 7.02.35; 8. Jac. Jonquieres/C. Tortelli (Peugeot 104), 7.10.19; 9. J. Marc. Dubois/Lyd. Dubois (Peugeot 104 Z), 7.15.16; 10. J. Franc. Roulot/M. Latieule (Peugeot 104Z), 7.17.06; 11. R. Heitzler/Phil. Gerhard (Peugeot 104Z), 7.21.15; 12. J. Michel Wolf/L. Guerreiro (Peugeot 104Z), 7.24.37; 13. E. Miranda/A. Vilac Tomás (Datsun 160J), 7.27.45; 14. Ram. Fernandes/A. Monteiro (Ritmo 125 TC), 7.29.39; 15. Carlos Carvalho/José M. Conde (Escort RS), 7.32.25; 16. H. G. Dupeirat/Jacq. Secher (Talbot Lotus), 7.33.26; 17. Bruno Feix/J. P. Prijeant (Peugeot 104Z), 7.36.20; 18. J. Louis Causse/Dom. Causse (Peugeot 104Z), 7.40.35; 19. M. André Poyaud/C. Poyaud (Peugeot 104 Z), 7.43.50; 20. Viana Ferreira/Ped. Abreu (Kadett GTE), 7.48.38; 21. Pedro Meireles/J. J. M. Tavares (Toyota Starlet), 7.52.06; 22. P. Carvalho/J. Jesuítia (Escort RS), 7.57.35; 23. Eduardo Correia/J. Barreto (Toyota Starlet), 7.58.16; 24. José Venâncio/Luis Nelas (Visa GT), 8.11.28; 25. Nuno Madeira/J. Vicente (Visa GT), 8.12.54; 26. A. Segurado/R. Fernandes (Ascona 2000), 8.18.13; 27. Lucien Evain/Weber Modar (Datsun), 8.57.48; 28. Mart. Pereira/Fel. Lúcio (8(Escort RS), 8.29.48; 29. Fern. Ramos/José Fernandes (Fiat 127), 8.39.26; 30. Lucien Evain/Weber Modar (Datsun) 8.57.48; 31. Alb. Urbano/L. Joaquim Mendonça (Datsun) 9.19.00.

Vencedores por agrupamentos

Grupo B - Tabatoni
Grupo A - Bruel
Grupo N - Poyaud
Grupo 4 - Snyers
Grupo 2 - C. Carvalho.

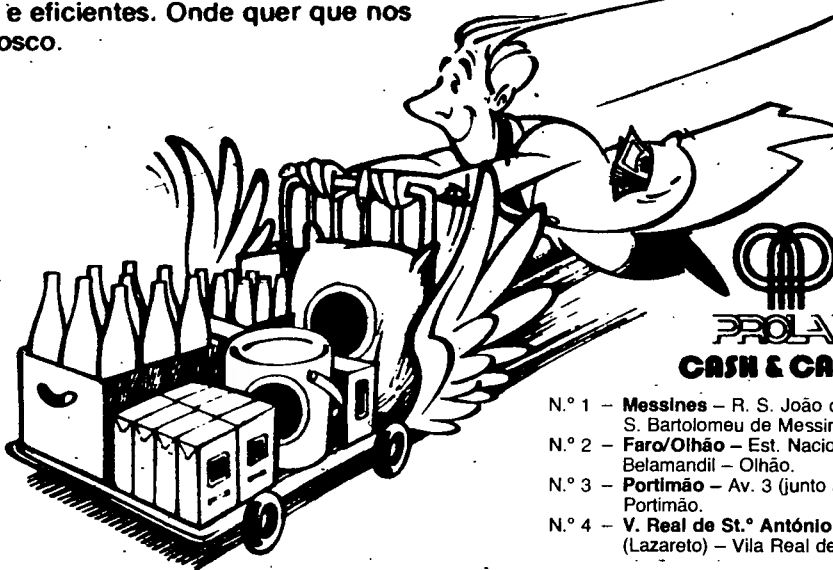
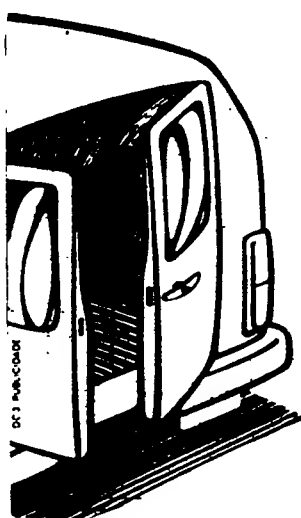
Na sua agenda

● **Basquetebol:** o técnico da selecção brasileira, Renato Brito Cunha, só convocará para a concentração de Março de 1984 os «pivots» com mais de dois metros de altura, afirmou o próprio, no Rio de Janeiro.

● **Boxe:** o pugilista panaminano Eusebio Pedroza, campeão mundial «pluma» da versão AMB (Associação Mundial de Boxe), disse no Panamá que defrontará, em Janeiro de 1984, o venezuelano Angel Levy. No caso de vencer, o promotor norte-americano Bob Arum organizará um combate com o titular dos pesos-ligeiros da AMB, o italo-norte-americano Ray «Boom Boom» Mancini.

CASH & CARRY PROLAR OS SUPER-RÁPIDOS E ECONÓMICOS

Quando se dirigir a qualquer dos Cash & Carry Prolar o abastecimento dos produtos alimentares, bebidas e produtos de higiene de que você precisa, é super-rápido, mais económico e está sempre garantido. A modernidade de processamento também conta e permite-nos um melhor e mais eficaz atendimento. Somos super-rápidos e eficientes. Onde quer que nos contacte, conte connosco.



- N.º 1 - **Messines** - R. S. João de Deus, 57/73
S. Bartolomeu de Messines.
N.º 2 - **Faro/Olhão** - Est. Nacional N.º 125
Belamandil - Olhão.
N.º 3 - **Portimão** - Av. 3 (junto ao porto comercial)
Portimão.
N.º 4 - **V. Real de St.º António** - Av. da República
(Lazareto) - Vila Real de St.º António.

NOVO

- N.º 5 - **Albufeira** - Urbanização comercial
«Vale de St.ª Maria» - Albufeira.

Se chover temos casa para si
Se não chover «SONDA SUL»
encontra água onde você quiser
Se não gosta dos centros urbanos
construímos para si no local ideal

LOTES DESDE 1000 m² a 5000 m²



ALGARVE

América Latina

População urbana em 2000 atingirá 464 milhões

A população urbana da América Latina e das Caraíbas elevar-se-á a 464 milhões de pessoas no ano 2000, com um índice de crescimento superior ao previsto para os habitantes das áreas rurais, que totalizarão 156 milhões, segundo um estudo do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).

O estudo, elaborado pela divisão de avaliação e análise do IICA, foi divulgado depois da realização duma reunião sobre o papel da agricultura e do desenvolvimento rural na América Latina e Caraíbas, efectuada nesta capital há duas semanas, e na qual participaram ministros e delegados de 29 países da região.

Segundo o documento, a América Latina, e as Caraíbas têm uma menor superfície de áreas cultivadas do que os países desenvolvidos, a África e a Ásia.

Assim, por exemplo, a superfície cultivada da região representa 16,7 por cento do total, face aos 17,8 por cento da Ásia. Contudo, relativamente à superfície total, a América Latina e as Caraíbas, dispõem de maior potencial de terras cultiváveis, indica o relatório.

Outro contraste revelado no estudo é a projecção do incremento da população urbana em comparação com a rural. O documento indica que a população urbana total, que era em 1975 de 156 milhões de habitantes, cifrar-se-á em aproximadamente 464 milhões no ano 2000.

A situação complica-se devido a uma acentuada crise da dívida externa em consequência da diminuição nos lucros relativos

às exportações. A diminuição da produção global e nomeadamente a agrícola que registou ultimamente um crescimento zero, determinou a tendência negativa verificada no ano passado no produto nacional bruto da região, sustenta o documento.

Segundo o IICA, o endividamento externo dos países latino-americanos atingiu «níveis alarmantes» que neutralizam qualquer tentativa de desenvolvimento económico futuro.

A dívida total da região aumentou oito vezes durante a última década e os novos empréstimos acordados não podem sequer cobrir o pagamento de juros, porque entretanto este montante duplicou.

O estudo indica além disso que os pagamentos pelo serviço da dívida aumentaram quatro vezes mais que os lucros obtidos com as exportações.

«O triplo desafio com que se depara a América Latina, e Caraíbas será manter e incrementar os níveis de nutrição actuais, e fornecer emprego para a população rural e aumentar significativamente as receitas externas a partir do sector agrícola num esforço tendente a diminuir a diferença», acrescenta o documento.

Por último, o estudo adverte para alguns dos «sérios obstáculos» com que poderão vir a enfrentar-se os países da região, tais como uma diminuição nos preços dos produtos agrícolas no mercado mundial e os efeitos das medidas proteccionistas adoptadas pelos países industriais.

O espesso manto da verdade

Continuação da pág. 3

destas medidas e da política de despedimento e de redução de salários, estão os gritos de fome, gritos que marcam, para sempre, com o ferrete do erro, a acção política.

Todos nós nos esforçamos por compreender a extensão dos problemas que se colocam à nossa responsabilidade de cidadãos. Cada um assume como português, o seu papel, mas cada um, sob pena de se perder, tem de ter presentes as coordenadas que lhe são impostas pela honestidade cívica e pelo conhecimento das realidade concreta.

Qualquer democrata exige, em consequência, que as dificuldades dum país que a todos pertence sejam assumidas pelo diálogo, na participação, na política clara, num clima de verdade, numa vida nacional, em conformidade com os objectivos constitucionais, recentemente renovados pelos partidos políticos na Assembleia da República.

O governo, em vez de optar por um esquema democrático, resolveu deixar a Democracia à porta, meter-se no Gabinete, dissecar o tempo em etapas, arrumar cada um no seu dossier e proceder à alquimia da situação, tal como se peregrinásemos pela Idade Média.

O Governo desresponsabiliza-se pelo presente real, em nome de um futuro teoricamente construído e em cada dia negado na prática.

A verdade é que as teorias económicas não são fatalidades exógenas. Elas alimentam-se na urdidura duma teia social, não vivem independentemente da existência do Homem, porque é o uso que o Homem faz das coisas, que lhes confere significado.

A escolha pertence ao Homem e no reconhecimento desta verdade assenta a força da Demo-

cracia. Cabe ao cidadão julgar o Governo e colaborar com ele, ou atacá-lo.

Uma política económica é um meio para realizar uma escolha social, para atingir um objectivo global. Ela pertence à responsabilidade dum governo, define o seu objectivo, é uma expressão existencial desse mesmo governo.

Por isso a política económica num estado democrático tem de servir obrigatoriamente o equilíbrio social, tem de garantir a liberdade dos que trabalham, tem de respeitar o estatuto de participação de cada um, tem de valorizar o Homem e tem de valorizar a terra.

Este Governo afasta-se estrategicamente de qualquer forma da democracia, mantendo um discurso democrático e não tendo expressamente abjurado de cumprir a Constituição. Seria bom que os democratas que integram este Governo se explicassem porque a confusão de valores, em que perigosamente se afundam, é uma forma terrivelmente requintada de obscurantismo.

Entendemos que se impõe uma reflexão séria e aprofundada sobre o clima humano que esta longa luta política começa a gerar. A Verdade hoje tem já dificuldade em penetrar nas espessas contradições com que a classe política se protege, e é constantemente alterada pelo maniqueísmo dos que se situam na área do poder.

Estamos no 10.º aniversário da Revolução de Abril, sobre todos nós já pesam algumas certezas e a experiência bastante para sabermos que não é desfazendo a Democracia todos os dias que se pode gerar uma relação democrática, onde as divergências sejam assumidas, o diálogo possível e a vida pública possa ser gerida duma forma clara.

A recente tentativa da forma-



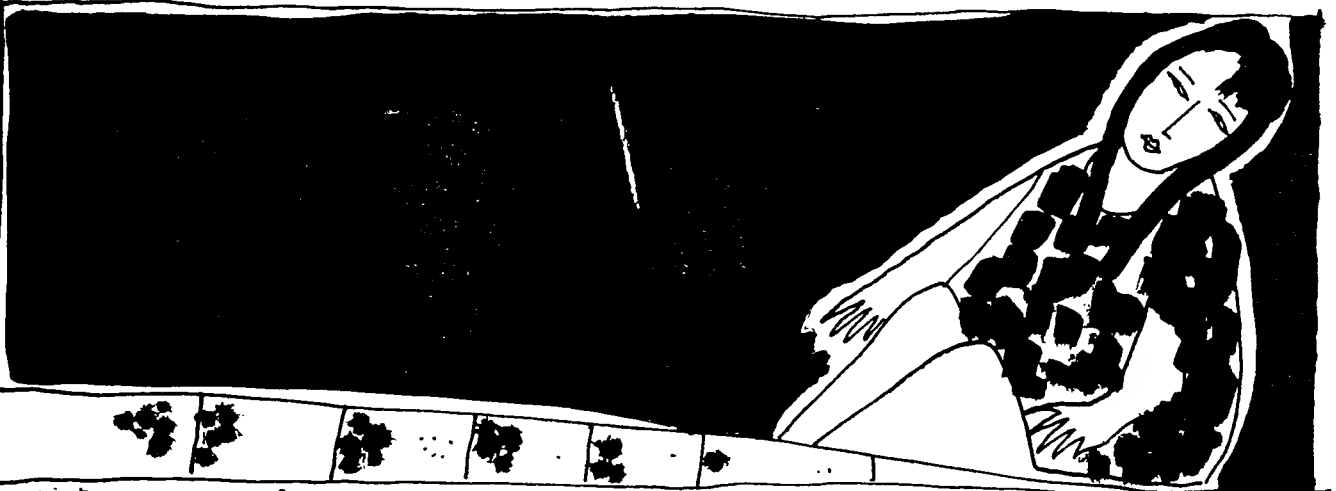
Ma noite velha

9

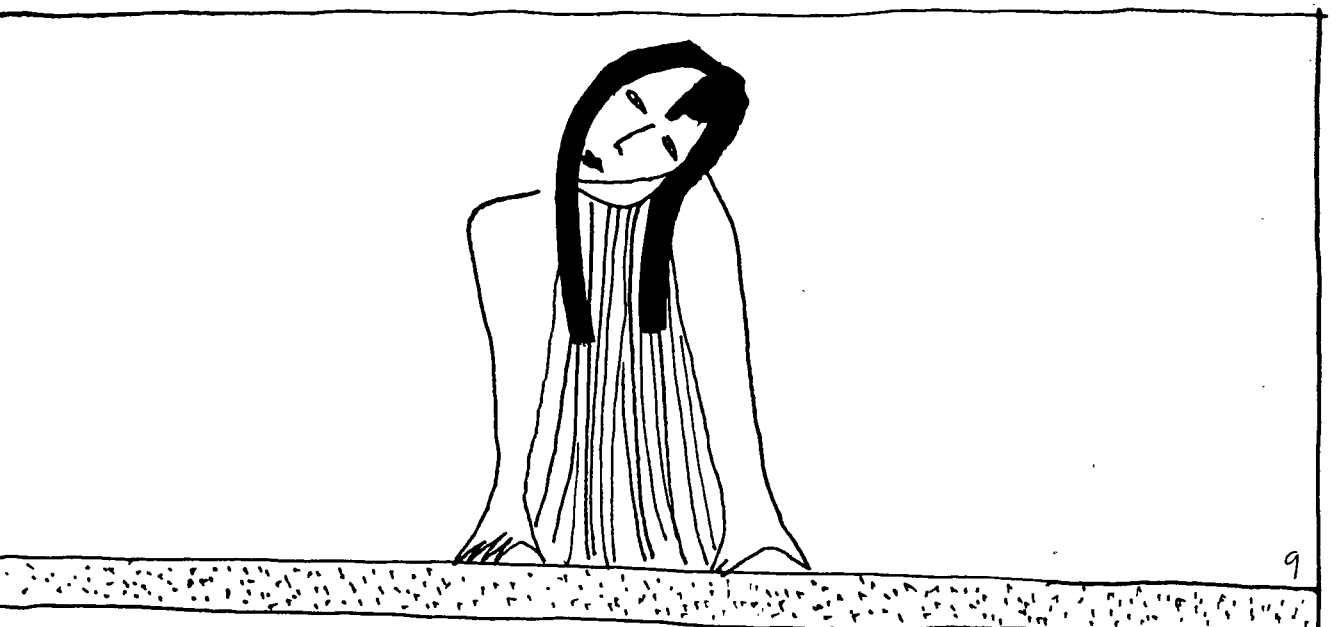
desenhos: Martav



Vou contar juliana, como julietta contou.
Ouve bem...



Julietta cresceu longa e morena. Muito silenciosa.
Brincava muito, sozinha. Brincava com o corpo todo metido nisso.



às vezes caía exausta. Era excessiva, diziam.

continua

ção duma Comissão de Honra para as Comemorações do 25 de Abril revelou bem o divórcio do poder com a realidade social.

Essa lista expressa já a tentativa de superar uma situação de rutura social, sem capacidade para ser afrontada ou para ser assumida. O Governo embebido de espírito messiânico perde o controlo da postura democrática do Estado.

Foi assim que, por exemplo, ele se envolveu na cruzada santa do comité Sakarov, tentando dar a uma reunião normal, num país de diálogo, o peso relevante dum acontecimento político nacional.

Um Semanário revelou mesmo que a personalidade

convidada pelo comité, dr. Pinto Balsemão, teria sido substituído pelo sr. vice primeiro-ministro.

É evidente que a mediocridade inerente às atitudes exibicionistas, superficiais, não relativistas e completamente dissonantes da realidade portuguesa, abrem o caminho a esse fosso medonho da alienação, onde se geram as ditaduras.

Não é a crise económica que prepara a tirania do Poder é antes a falta de confiança nos mecanismos democráticos, é a falta de coragem para viver com dignidade as opções nacionais, face à necessidade evidente de apoios externos.

Helena Cidade Moura

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Plisetskaya "morreu" 4 vezes

Não há palavras no Mundo que consigam exprimir o que foi ver Maya Plisetskaya dançar «A Morte do Cisne» na passada sexta-feira, no Coliseu dos Recreios. Gostaria de deixar aqui registado que depois de ver aquela artista dançar sinto que qualquer pessoa poderia morrer com a certeza de já ter visto realizadas as potencialidades últimas que a espécie humana pode atingir. Não é por acaso que a arte de Maya Plisetskaya tem sido caracterizada de «humanista», pois a sua dança é um dos raríssimos fenómenos que glorificam completamente o homem enquanto ser dotado de sensibilidade, capacidade de trabalho e inteligência.

DITO isto, considero ofensivo e criminoso o facto de se esboçar sequer uma crítica à actuação daquela bailarina. Estas minhas palavras mais não procuram ser que um humilde gesto de agradecimento em relação ao que se passou no Coliseu. O público assim o sentiu também, prestando a Maya Plisetskaya a maior das homenagens a que teve oportunidade de assistir, obrigando-a a dançar quatro vezes «A Morte do Cisne». O delírio daquela sala foi indescritível: as chamadas sem fim, o nome «Maya!» gritado por dezenas de pessoas, o verdadeiro assalto à artista quando se retirava do Coliseu com pessoas sobre o seu carro não o deixando avançar, etc., demonstram que o grande público teve consciência plena de que a passagem de Maya Plisetskaya por Lisboa foi um momento único e quase irreal, momento para o qual, não me canso de repetir, vale a pena ter nascido.

Depois de tudo isto que acon-

teceu, como aparecem estúpidos, ridículos, enfatuados e inadequados os «senões» de que alguns se servem para minimizar a arte desta grande bailarina. Não sou capaz sequer de racionalizar o porquê disso e a eles, aos que dizem que falta a Maya Plisetskaya um completo domínio formal, nada melhor do que a resposta da própria artista: «Formalistas são os que não dominam a forma. Por isso se preocupam tanto com ela e têm inveja dos outros». Aqui, e depois de a ver dançar, ganha completo significado a sua frase de que «nunca poderei estar de acordo com os que sustentam que a técnica não é um fim, mas um meio». Frases lapidárias, proferidas com a calma de quem sabe. Nada mais belo do facto de que ver a calma olímpica com que Plisetskaya entra no palco, a segurança dos que sabem o que valem, dos que se sentem completamente à vontade naquilo que fazem. Julgava, até ver «A Morte do Cisne» no Coliseu, impossível o facto de um corpo

por, exprimir emoções daquele modo... os braços de Maya Plisetskaya ao moverem-se produzem uma sensação de irrealdade, de eternidade, como se o tempo parasse com tanta beleza. Não consegue ser sequer inteligível a maneira como o faz — só nos resta uma sensação de maravilha total, absoluta. Tive a sorte de poder estar com a grande bailarina e as suas opiniões, o modo de estar na vida, o seu olhar cheio de luz e o fluxo magnético que exala daquele corpo e daquela personalidade são imensos: nada mais fabuloso do que sentir-se a «grande calma» de que falei há pouco.

Mas não é possível falar-se mais desta grande senhora do bailado. É um ser que escapa à descrição e ela própria tem disso a consciência, pois não cessa de afirmar que só os poetas são capazes de falar sobre a sua arte.

O que nos resta é a esperança de que volte (sempre!) e um enorme «obrigado!» por ter estado entre nós.

Manuel Jorge Correia

O triunfo da vida

Quatro vezes Plisetskaya se dispôs a dançar, sexta-feira à noite, no Coliseu dos Recreios, «A Morte do Cisne».

Nas duas primeiras interpretações — a bailarina soviética não resistiu aos gritos de «bis, bis» — o cisne, depois de evoluir e de por um momento se espantar face à morte, resigna-se e, finalmente, sucumbe, acenando uma última vez a sua bela asa aveludada.

Exactamente como Fokine imaginou, quando criou este bailado de um só acto e uma só bailarina para Ana Pavlova, na primeira década deste século.

Mas aquilo que viu a multidão que esgotou na sexta-feira a velha sala da Eugénio dos Santos não foi o triunfo da morte, mas antes o triunfo da vida sobre a morte: à terceira interpretação, a bailarina agradecia ao público junto ao canto direito da ribalta quando a música começou a fazer-se ouvir. Imediatamente Plisetskaya deixou de agradecer e, metendo-se na pele do cisne, interpretou uma vez mais a coreografia de Fokine, partindo do ponto exactamente oposto ao que exige esta coreografia. Plisetskaya dançou, como se conhecesse a cartilha de cor: de trás para diante ou de diante para trás. E quando chegou ao fim, saiu, sempre dançando em pontas, pela esquerda do palco, de onde devia ter partido. Omittiu o acto da morte.

O mesmo aconteceu com a quarta interpretação, ainda que dessa vez por motivos alheios à sua vontade: a música gravada, e mais cansada, por certo que a bailarina de 58 (inacreditáveis) anos, «pifou», deixando Plisetskaya ao fundo do palco debatendo-se na agonia. Ainda assim, em qualquer caso, o cisne não morreu. Foi como se

estivesse escrito: a vida triunfaria da morte naquela noite no Coliseu dos Recreios.

Dizia-se que quando Pavlova dançava «A Morte do Cisne» não era uma bailarina executando uma coreografia, não era um cisne colhido no seu sereno e altivo deslizar, pela morte implacável, que contra ela luta e por fim a aceita. Era muito mais do que isso. Dizia-se que Pavlova tocava muito mais fundo: era a própria vida debatendo-se com a morte.

Quando nasci, já Pavlova morrera e nascera a ienda. Não posso fazer comparações. Mas julgo que também se pode fazer essa leitura da interpretação de Maya, se bem que a impressão que perdura da interpretação de Plisetskaya, «artista do povo» da URSS, é a perenidade da beleza, na morte e para além dela.

Julgo que depois da técnica e da sensibilidade evidentes nas interpretações de Maya Plisetskaya, há que destacar o trabalho fascinante dos seus braços. Tal como o bom actor compõe uma personagem dos pés à cabeça, também esta primeira bailarina do Bolchoi compõe as suas personagens desde que entra até que sai do palco, identificando-se com o movimento dos braços. No outro bailado que Plisetskaya dançou na noite de sexta-feira, «A Morte da Rosa», um «pas-de-deux» para ela criado pelo ex-bailarino e coreógrafo francês Roland Petit, nem por um momento os seus braços deixaram de ser pétalas, abandonadas, carecidas, trágicas (a música deste bailado é de Mahler); em «A Morte do Cisne», nem por um instante os seus braços deixaram de ser asas ao som da música de Saint-Saëns.

Uns minutos de fascínio que marcam uma vida inteira.

Manuela Alves

crítica de cinema

Jorge
Leitão Ramos

“O Regresso de Jedi” de Richard Marquand

A Guerra das Estrelas era uma espécie de circo do espaço. Toda a inventiva era posta nas «criaturas» estranhas, nos combates de naves, numa quase infantil aposta lúdica.

O Império Contra-Ataca era a estruturação ética dos fundamentos da saga. Menos divertido que o primeiro, mais sumptuosamente plástico, a energia era investida na iniciação de Luke Skywalker na mística Jedi. A única «criatura» de relevo era Yoda, mas não havia qualquer intenção bizarra na sua criação. Yoda era a sabedoria simpática, o conhecimento profundo, entre os traços de Einstein e a ternura de uma criança. Han Solo, o cow-boy do espaço, era congelado e eclipsava-se.

O Regresso de Jedi, terceiro filme da saga e conclusão do tríplice central (lembre-se que Lucas concebeu Star Wars como um conjunto de nove filmes — cuja produção deve durar até ao ano 2000 — de que os três já realizados seriam a zona intermédia) está, quanto ao tom, entre A Guerra das Estrelas e O Império Contra-Ataca. De novo se multiplicam as «criaturas» (desde o monstruoso Jabba e os horrendos seres da sua corte até aos ladinos Ewoks afáveis e patuscos) e os combates entre engenhos (não tanto naves, mas uma espécie de motocicletas voadores); mas também está presente o lado ético da saga, a força e a sua recusa do ódio e da maldade, os seus valores mais que os seus poderes.

Tal como está provisoriamente concluída, Star Wars é uma história de aprendizagem, de passagem da adolescência à idade madura. Luke Skywalker passa, ao longo dos três filmes, por sucessivos mestres, por sucessivas protecções, por sucessivas mortes: Ben Kenobi no primeiro, Yoda no segundo, o seu pai carnal Darth Vader neste O Regresso de Jedi. A saga encerra esta sua zona central com a morte do pai e a sua recuperação, obra de Luke. Ao contrário do que poderia parecer depois de A Guerra das Estrelas não é o cow-boy o herói da fita, mas o rapaz atinado capaz de educação.

Mas, é curioso, o percurso iniciático de Luke não passa pela descoberta do sexo. A única mulher importante da saga é a princesa Leia mas ela é — descobrimo-lo agora — sua irmã. Além disso Leia nunca tem atributos desejáveis e só neste terceiro filme lhe descobrimos o corpo: mas esse atributo é sinónimo de escravidão, por ele ela fica prisioneira do repelente Jabba. O recalamento do sexo em proveito do

companheirismo não é a menor das pedras-de-toque desta série.

Trata-se de reerguer um imaginário limpo e saudável nestes tempos de sex & drugs? Parece bem que sim mas sem a contrapartida subterrânea: Moonfleet (para dar um exemplo de ficção romanesca exaltante de um tempo em que o cinema era «inocente») tinha vectores eróticos muito fortes que passavam sob uma história também ela de iniciação e de regeneração do «pai». Lucas é mais atento: elimina radicalmente o sexo, toda a energia é posta na aventura.

Nesta corrida para a frente, nesta actividade frenética, não há nenhuma inocência. Muitas vezes a ironia salta aos olhos e o filme olha os seus personagens em segundo grau, não crê neles com toda a força. O recalamento total do desejo sexual (como da maternidade) é uma forma como outra qualquer de canalizar toda a tensão do espectador para um imaginário que se quer absorvente. Quer dizer, uma forma de lhe não deixar espaço para devaneios, fissuras por onde entrar.

É aí que está, para além da esplendorosa arquitectura mitológica erguida por Lucas, o lado contestável deste cinema. O seu fechamento afectivo é apenas expressão de uma vontade totalizante de erguer uma ficção que seja admirável mas que se não possa possuir, transformar, fazer nossa. É um cinema liso que exige um espectador seguidista, não um espectador parceiro.

A eficácia com que somos conduzidos é insuperável e tem um prémio: deixam-nos admirar aventuras inesquecíveis. Mas

tem um reverso: proíbe-nos imaginar (ao lado, por dentro, com o filme). Por muito divertida que seja a saga de George Lucas (e é), por muito gozo que nos dê vê-la (e dá) é útil aperceber-mo-nos do risco que a enfumaça. Afinal de contas, melhor que admirar é participar. E isso está interdito no espaço destes filmes.

FICHA:

Título original: Return of the Jedi.

Realização: Richard Marquand (USA-1983)

Argumento: Lawrence Kasdan e George Lucas.

Fotografia: Alan Hume.

Cenários: Norman

Reynolds (production designer)

Efeitos especiais visuais: Richard Edlund, Denis Muren, Ken Ralston

Concepção das «criaturas» e caracterização: Phil Tippet, Stuart Freeborn

Música: John Williams

Montagem: Sean Barton, Marcia Lucas, Duwayne Dunham

Som: Ben Burt

Produção executiva: George Lucas

Interpretação: Mark Hamill (Luke Skywalker), Harrison Ford (Han Solo), Carrie Fisher (Princesa Leia), Billy Dee Williams (Lando Calrissian), Anthony Daniels (C-3PO), Peter Mayhew (Chewbacca), David Prowse (Darth Vader), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes/20th Century-Fox

Cinemas: City Cine, Condes, Império e Quinteto

Classificação: para maiores de 6 anos

Duração: 133 minutos



Harrison Ford e Carrie Fisher numa cena de mais um painel da saga «Star Wars»: O «Regresso de Jedi».

“O Regresso de Jedi” em disco

John Williams, o compositor da partitura musical de O regresso de Jedi, é talvez o mais hábil fabricante de música «grandiosa» do actual cinema americano. Quer a compor temas que ficam de imediato no ouvido (são dele as cinco notas perfeitas de Encontros imediatos do terceiro grau, as marchas galopantes de Superman e de Os saltadores da arca perdida), quer sinfonizando sentimentos (é dele a música, fundamental em termos de criação de clima, de ET — O extraterrestre), John Williams veste sempre de pompa e competência os filmes em que participa.

Talvez por isso tenha sido quinze vezes citado para o Óscar e ganhou quatro (Tubarão, Um violino no telhado, A guerra das estrelas e ET).

Como é a música de O regresso de Jedi? Na base reencontramos os temas comuns aos outros filmes da saga (em particular o «main title» e o tema de

Darth Vader — um em marcha, o outro em tons graves e cavernosos — sempre privilegiando os instrumentos de sopro, garantindo uma continuidade sonora fundamental para qualquer «série».

Mas o engenho de Williams não se limita a criar melodias que embalem o ritmo do filme, o tom épico, digamos. O mais curioso da banda musical de O regresso de Jedi está noutro lado. Na insólita canção da festa no palácio de Jabba («Lapti nek»), na música ritmada e patusca, sugerindo quase um movimento «redondo», que serve de fundo à marcha dos pequenos Ewoks («Parade of the Ewoks»), ou a estranhíssima canção da festa final («Ewok celebration») de reminiscências africanas.

A música de John Williams é, como se exige a uma música especificamente de cinema, fortemente imagética. Ouvi-la é, de imediato, uma fonte de sugestões, de memória. O tema «Luke and Leia», por exemplo, marcadamente romântico tem uma

aura de angústia; «Han Solo returns» é a irrupção de um som positivo (que acontece na «resurreição» de Han Solo) no seio de uma ambiência medonha, de trompa e dissonância, o surgimento de uma melodia cantável de entre uma amálgama, do caos; «The forest» é um bom tema «de batalha»; «The emperor» é a sonoridade sinistra organizada (e é bom reparar na dissemelhança entre a música que serve Jabba e a do Império: aquela é espaço de nojo, esta um som sinfónico, porque uma é a repulsa do monstro e outra a ameaça do despotismo de reminiscências nazis).

Com mais de duas horas de música, O regresso de Jedi tem em Williams um dos seus criadores fundamentais. Os excertos presentes no disco são disso inequívoca prova.

FICHA: — «Return of the Jedi — The original motion picture soundtrack», RSO 811767-1, ed. portuguesa Polygram (1983).

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O canal contra o caneiro

NAS perspectivas no «mapa de novo tipo», «OTAL CANAL» era talvez o que concitava maior interesse. Havia razões para isso. As três emissões já efectuadas comprovam-no.

Herman José deu um grande passo em frente com a invenção (chamemos-lhe assim) do Tony Silva. O Tal Canal prova a sua capacidade de se desdobrar em novas personagens, em novas situações. Bastam-lhe por vezes alguns segundos para criar uma pessoa — como foi no depoimento do Carrapiço, destacado membro do gamanço...

Houve um instante em que receei a monotonia, dada a repetição das figuras. Hoje creio que a audiência não dispensará, facilmente, aquele Esteves de composição tão minuciosa e ao mesmo tempo tão natural. Tão... «nossa», pelo «substratum» de que se alimenta. Como dificilmente dispensará a caricatura do Pinto Coelho que deve estar agradecido a Herman José, pois se tornou figura nacional. Ah, quanta gente não pagaria, por isso, bom dinheiro...

Numa televisão onde por vezes acontece humor, quase sempre sem querer, é fraca a tradição dos programas de humor. Daí que o programa de Herman José tenha de aprender muito — à sua própria custa.

Quer-me parecer que entre a primeira e a segunda parte há diferenças não apenas de ritmo, mas de substância. A verdade é que, ao contrário do que acontece na primeira parte, não existe, na segunda, uma visão crítica da te-

levisão, um tratamento humorístico. A telenovela (Deus me perdoe!) até parece a sério: é melhor do que as duas da Edipim. E quanto às variedades, a presença de Tony Silva não chega para a marca de humor, é um momento verdadeiro de estar e cantar, como o provaram, no sábado, Carlos Moniz e Maria do Amparo.

Como programa de humor, O Tal Canal acaba a emissão a descer. A verdade não é exclusão do soneto: imitando o escorpião, o veneno deve estar na cauda.

Para já: são inúmeras as pessoas que ficam em casa ou recolhem cedo para ver O Tal Canal. Quer-se melhor prova de que está no bom caminho um canal que abomina — o caneiro?

Badaró

Porque fizeste do teu jardim um local onde podemos deixar, sem perigo, as nossas crianças.

Porque foste buscar a música e a dança e a poesia — e não a violência, a estupidez, o consumismo.

Porque assumiste uma responsabilidade: a de brincar com dezenas de milhares de crianças. E porque soubeste ser digno dela.

Porque cumpreste cada gesto e cada palavra com prazer — e isso é que é verdadeira educação.

Por tudo isso, muitos dirão obrigado. Como eu.

O regresso

O Telejornal referiu com entu-

siasmo o regresso à democracia da Argentina e da Turquia, dois grandes países até agora sob ditadura militar.

Claro que fiquei todo contente. Segundo a Telejornal, a Turquia regressara à democracia. Bueno, bueno. Meu entusiasmo foi tanto que enviei ao governo turco o seguinte telegrama, basto urgente: «Felicitações pelo regresso stop Felicitações extensivas aos partidos proibidos, aos sindicatos amordaçados, aos patriotas assassinos, aos operários fuzilados, aos 20 000 presos políticos, à disseminação das bases da NATO stop Viva a democracia turca stop Viva a democracia do Telejornal stop.»

Normalidade

Também segundo o Telejornal, a vida em Granada «regressou à normalidade». Ainda bem, ainda bem. Como preciso de repousar uns dias, escrevi hoje mesmo ao comando militar americano a marcar quarto no hotel. Escolhi um hotel isolado, donde não possa ouvir as rajadas que fuzilam os habitantes progressistas. Ah, como vai ser bom repousar num país tranquilo...

Uma lição para o Sporting

Bom. Nós aqui em Portugal também não se pode dizer que tenhamos uma vida sem sobressalto. É certo que Jorge Araújo, da direcção dos Pequenos e Médios

Comerciantes e Industriais nos vem dizer que o roubo no décimo terceiro mês agrava as dificuldades e aumenta a angústia do nosso povo.

Mas isso não tem grande importância. O nosso grande sobressalto derivou da derrota do Sporting. A esse respeito, João Rocha foi ontem ao «Domínio Desportivo» falar na necessidade da disciplina dentro do clube porque ele não quer «que aconteça ao Sporting aquilo que aconteceu ao País...»

Ponha pois o Sporting os olhos no País. Veja lá. Veja lá se quer que lhe aconteça o mesmo.

Seria uma catástrofe. Nem quero pensar nisso, João. Brrrrrrrrrr!

Postal para D. Amélia

Da tua casa, na Parede, via-se o mar. Dos teus olhos, também. Em tua casa havia sempre música. Até a que vinha do teu silêncio.

E a mansidão da tua voz... Disseste-me um dia, quando eu me queixava da televisão: «Compreendo. Ver assim rastejando quem podia ter tão boas asas para voar...»

Voaste hoje para dentro da Terra. Voaste, pequena e mansa. Grandes só as lágrimas do companheiro e do filho, ambos de ti, agora e sempre, povoados.

Vou verte muitas vezes. Em particular quando o António Vitorino d'Almeida, emanação de ti, vier à televisão trazer aquelas asas com que ela poderia voar.

Hoje



A RTP-1 apresenta hoje o 3.º episódio da série «Os Romanos Entre Nós»

- 12.00 Meio-Dia
13.00 Jornal da Tarde
Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV
18.00 Sumário
18.10 Janela Mágica — «Abelha Maia» e filmes para todos: «Magoo, o Indiferente».
19.00 Teleregiões — noticiário regional.
19.30 Os Romanos Entre Nós — a cidade romana. Origem mítico-religiosa e fundação da cidade.
20.00 Telejornal — em simultâneo com a RTP-2.
20.30 Direito de Antena — União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa.
20.35 Telenovela — «Pai Herói».
21.30 Parlamento
22.05 Concurso Vamos Caçar Mentiras
23.45 Últimas Notícias



Clark Gable principal intérprete do filme «San Francisco» que se exhibe esta noite na RTP-2



- 19.32 Desenhos Animados
20.00 Telejornal — em simultâneo com a RTP-1.
20.30 D'Hoje pr' Amanhã — respire ar.
20.55 Cine-Clube — «San Francisco». Intérpretes: Clark Gable, Jeanette MacDonald, Spender Tracy, Jack Holt, Jessie Ralph, Ted Healy e Shirley Ross. Realizador: W. S. Van Dyke II.
22.40 Telenovela — «Gabriela».
23.15 Último Jornal

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.30: Madeira, da Lenda à Realidade; 20.00: Telejornal; 20.35: «Pai Herói»; 21.15: «Das 9 às 5»; 21.45: Grande Informação — 1.ª Página; 22.45: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; 20.00: Um Toque de Música; 21.00: Os Açores e o Património; 21.35: «A Família Belamy»; 22.25: «Gabriela»; 22.55: Último Jornal.

EXPRESSO «PINHAL»

HORÁRIO

06H35	FUNDÃO	18H00
06H45	CASTELEJO	17H50
06H50	LAVACOLHOS	17H45
07H00	SILVARES	17H35
07H10	BARROCA	17H25
7H30	ORVALHO	17H05
07H45	A. GIRALDO	16H50
08H00	ESTREITO	16H35
08H15	OLEIROS	16H20
08H45 C		P 15H50
09H00 P	SERTÃO	C 15H35
09H15	C. BONJARDIM	15H20
09H45	FER. ZÉZERE	14H50
10H10 C		P 14H25
10H15 P	TOMAR	C 14H20
	T. NOVAS	
	PERNES	
11H15		13H20
11H20	SANTARÉM	13H10
	CARTAXO	
12H30 C	LISBOA	P 12H00



Diariamente

Entra em vigor em 01/11/83

EXTERNATOS

SÉNECA SEBASTIÃO DA GAMA

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL — UNIFICADO
COMPLEMENTAR — 11.º E 12.º ANOS

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º — Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º — Telef. 82 27 76
1100 LISBOA



Caminhos de Ferro
Portugueses

LISBOA - PORTO - LISBOA

«RÁPIDOS»

AGORA COM 2.ª CLASSE

3	7		4	8
08H25	14H25	Lisboa (Santa Apolónia)	11H50	18H10
—	15H27	Entroncamento	—	17H04
10H33	16H34	Coimbra B	09H39	16H01
11H07	17H08	Aveiro	09H05	15H27
—	17H38	Espinho	—	14H57
11H50	17H50	Vila Nova de Gaia	08H24	14H44
12H00	18H00	Porto (Campanhã)	08H15	14H35

Desde o dia 25 de Setembro de 1983 os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não inseridas na Tarifa Geral de Transportes.

NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em 2.ª classe, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Concurso Vamos Caçar
Mentiras
(22.05)



«San Francisco»
(20.55)



Aline devolve a aliança a Cirilo terminando o seu noivado. Miras fica feliz quando Genésio lhe conta que Cirilo e Aline romperam o noivado. Januária mostra a César a fita gravada por Carina, dizendo que não quer forçá-lo a casar com Walkiria, mas que ela faria muito gosto nesse casamento. César vai à casa de Walkiria e, juntamente com Ângela, pede-a em casamento. Ana e Garcia vendem a casa por trezentos mil e entregam o dinheiro a Gustavo. Ana diz a Garcia que vai esperar André para lhe entregar os documentos que incriminam Baldracchi.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

54 45 45

SOS
Voz

uma voz amiga estará contigo
Angústia Desespero Solidão

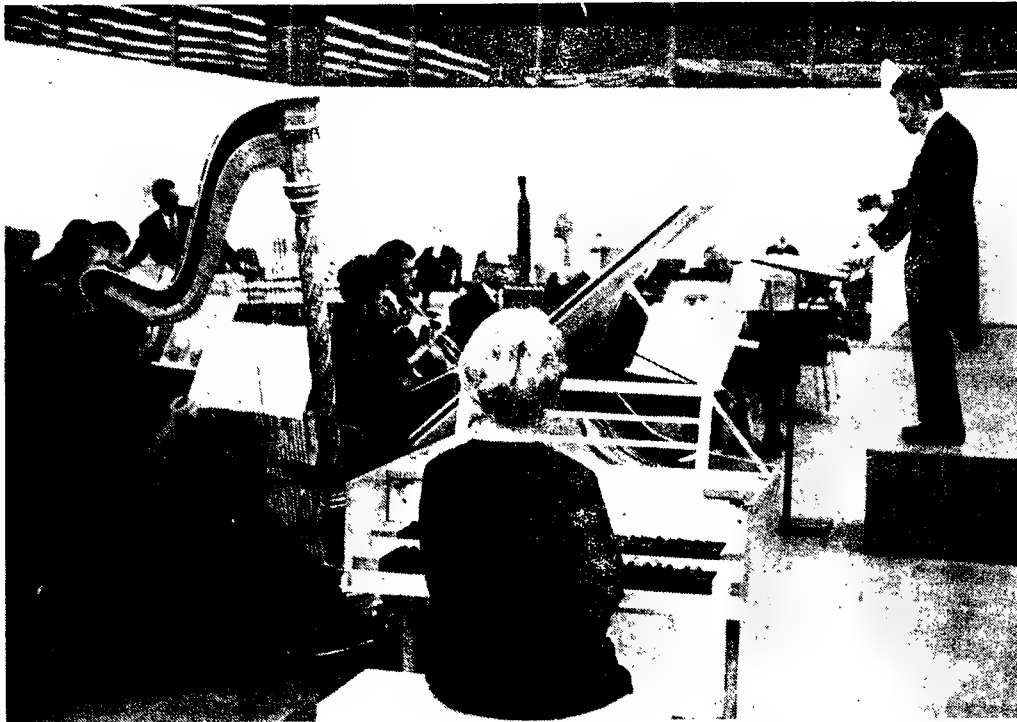
roteiro cultural

A Festa do Espectáculo

Hoje, às 21.30, o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos apresenta no Coliseu «A Festa do Espectáculo 83», homenagem a 58 profissionais que vão desde o chefe maquinista António Rodrigues ao actor/encenador Ribeirinho, passando por Amélia Rey Colaço, Assis Pacheco, Irene Isidro, Hermínia Silva, etc. O espectáculo consta de bailado, circo, teatro, variedades e poesia. No elenco, nomes como Carlos do Carmo, Hermínia, Simone, Samuel, Francisco José, José Mário Branco, Eunice Muñoz, Carmen Dolores, Nicholson, entre outros. O guião do espectáculo foi escrito por Augusto Sobral e vai ser dito por Fernanda Alves, Helena Isabel, Júlio César, Céu Guerra, Lia Gama, Rui Carvalho e Mário Viegas.

Teatro

O TEAR apresentará em última representação na cidade do Porto «Os Encantos de Medeia», hoje, às 21.15, no Carlos Alberto, integrando o espectáculo no FITEI. Esta obra do Judeu, em forma de teatro-ópera, terminará a sua carreira em Lisboa no Teatro Nacional D. Maria II nos dias 25, 26 e 27. Na Sociedade Portuguesa de Autores, efectua-se hoje, às 18.30 horas, o lançamento dos três últimos livros da colecção «Reportório da SPA», constituído pelas peças «Diálogos da Sala de Fumo», de Joaquim Murale, «Alguém terá de morrer», de Luis Francisco Rebelo e «Saídas da Casca», de César Oliveira, Rogério Bracinha e



Conjunto ausíaco «Die Reihe» vai tocar Webern e Alban Berg.

Paulo da Fonseca, bem como do livro «João Villaret — a sua vida, a sua arte», de Mário Baptista Pereira. Os autores estarão presentes, bem como a voz do grande actor que foi João Villaret em algumas das suas memoráveis interpretações.

Música

Die Reihe, conjunto fundado em 1958 por Friedrich Cerha, o homem que completou a «Lulu» de Alban Berg, e Kurt Schwertsik, no intuito de criar na vida musical vienense um «fo-

rum» permanente dedicado à música contemporânea, vai dar dois concertos na Gulbenkian, hoje e amanhã, às 18.30. No programa, obras de Webern, Schoenberg, Ravel e Stravinsky.

Conferências

O centenário de António Sérgio, cuja obra insiste no estudo de Portugal, vai ser assinalado na Sociedade de Língua Portuguesa. O jornalista dr. António Waldemar fará uma conferência, seguida de colóquio, sobre

«As polémicas de António Sérgio». Trata-se de um trabalho informativo e crítico que descobrirá uma das facetas mais importantes do grande filósofo e sociólogo da vida portuguesa. A sessão, com entrada livre, realiza-se às 18.30 do dia 8 de Novembro, no programa «3.ªs-feiras da SP».

Exposições

De hoje a 17 de Novembro vai decorrer o VII Salão Nacional Fotográfico e VI Ibérico de

«O Lar do Comércio», em Lisboa, no Palácio Foz, onde estará patente em todos os dias, incluindo sábados e domingos, das 15 às 19 horas.

Cinema

A Associação Cultural e Recreativa «Convívio», de Guimarães, organiza de 7 a 12 de Novembro o XIV Festival Internacional de Cinema de Amadores de Guimarães. Um dos pontos de realce deste XIV FICAG é o número até agora nunca atingido de filmes admitidos à fase final, o que atesta a elevada qualidade das obras concorrentes, numa demonstração de pujança e criatividade do movimento de cinema não-profissional nacional e internacional.

Concorrem a este XIV FICAG 59 filmes, sendo 47 de produção estrangeira oriundos da África do Sul, Austrália, Bélgica, Bulgária, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, Itália, Jugoslávia, Japão, Reino Unido, República Federal da Alemanha, República da Irlanda e Suíça e 12 nacionais.

Dos filmes estrangeiros, pode dizer-se que este foi o ano em que houve maior número de participações, contrapondo-se ao número reduzido da produção nacional concorrente. Contudo, pode afirmar-se que a participação nacional corresponde ao que de melhor foi realizado ao longo do corrente ano, sendo a qualidade um elemento permanente.

O local de projecção será o auditório do Centro Paroquial da Oliveira e as sessões terão início às 21.30, seguidas de um debate sobre os filmes apresentados.

Uma iniciativa recente

«Animais da nossa terra»: insistir na ecologia...

«Animais da nossa terra» — assim se chama uma associação, sem fins lucrativos, que foi constituída no dia 28 do mês passado, em Santarém. A vocação declarada é a de defender o património animal e vegetal do Continente e Ilhas.

A prática prometida pela «Animais da nossa terra» vai no sentido de serem desenvolvidas pesquisas biológicas, etológicas e biogenéticas que digam respeito à conservação das espécies animais e vegetais.

Um outro objectivo declarado é o de obter uma «verdadeira legislação sobre os animais e vegetais, denunciando todas as espécies de abusos quer individuais quer colectivos, que existem sobre o meio ambiente».

O acto da escritura, no escritório de dois notários escalabinos (Francisco Ferreira e João Maia), foi sublinhado com a adesão de Brigitte Bardot (reconhecida defensora da causa animal) e de Alain Bougrain-Dubourg, produtor de «Terre des bêtes», na Antenne 2 da Televisão francesa.

Entre os portugueses destaque-se o nome do escultor mestre Martins Correia.

Morada provisória da associação para quem estiver interessado em contactá-la: Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 7. 6.º, 1000 Lisboa, com o telefone 573567.

AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	101\$65	107\$65
ALEMANHA FED (marco)	46\$95	48\$05
AUSTRIA (xelim)	6\$60	6\$80
BÉLGICA (franco)	2\$146	2\$346
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$120
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	101\$49	103\$40
(notas de 5 a 1000)	101\$90	103\$90
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$774	\$894
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	125\$30	127\$30
(notas de 5 a 1000)	125\$80	127\$80
FINLÂNDIA (marka)	21\$90	22\$50
FRANÇA (franco)	15\$45	16\$15
HOLANDA (florim)	41\$90	42\$90
INGLATERRA (libra)	186\$65	190\$65
IRLÂNDIA (libra)	146\$85	150\$85
ITALIA (lira)	\$070	\$080
JAPÃO (lira)	\$504	\$539
NORUEGIA (coroa)	16\$80	17\$30
SUECIA (co. 3a)	15\$90	16\$50
SUEÇA (franco)	57\$85	58\$95
VENEZUELA (bolívar)	8\$15	9\$15

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por cento.

rádio

Antena Um

16.00. Batida de Imão, 17.00: ZGHIBZ, 18.30: Informativo de trânsito, 19.00: Informação e música, 20.00: Fofetim — o espaço é seu, 21.00: Toda a gente e pessoa, 21.30: Viva a noite, 23.30: Último jornal Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.35: Intérpretes portugueses; 15.55: Música de câmara; 16.30: Intérpretes portugueses; 17.00: Musicantes; 17.30: Música de câmara; 18.05: Cultu-rando, 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.10: Música sinfónica; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto é música também; 22.40: Efeméride; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée, 17.00: Rapido das cinco; 19.00: Conta corrente, 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos, 22.30: 24ª hora, 01.00: O passageiro da noite Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor, 16.00: O som da frente, 18.00: Círculo em FM, 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas, 21.00: Jazzolone, 22.00: Café concerto, 00.00: Dois pontos, Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa, 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição), 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando, Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis, 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 878

HORIZONTAIS:

- 1 Calhau. Pronome relativo
- 2 F onome pessoal. Ilha do arqui-velago de Cabo Delgado.
- 3 Aguardente de cereais. Madre
- 4 Nome de homem. Verba.
- 5 Cidade de Itália. Cidade de Inglaterra.
- 6 Censurar (fig.). Prefixo de negação.
- 7 Concede. Tempo forte entre os Latinos.
- 8 Perimetro da saia. Barro (s.q.).
- 9 Rezar. Tolera.
- 10 Senhora. Desvairam.
- 11 Alumínio (s.q.). Acorrente.

VERTICAIS:

- 1 Cavalo alado da mitologia. Embriaguez. (pop).
- 2 Região da Grécia antiga na costa ocidental do Peloponeso. Mágua.
- 3 Assinaladas.
- 4 Reis. Alna, medida de quatro palmos. Rã (pop).
- 5 Sufixo que designa abundância. Antes do meio-dia.
- 6 Recusa. Educa.
- 7 Tribuna romano, que matou Calígula em 41, sendo depois mandado matar por Cláudio. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
- 8 Artigo indefinido. Imputar.
- 9 Apaixonado. (fig.). Rio de França e da Alemanha.
- 10 Secretariado Nacional de Informação. (ant). Em partes iguais
- 11 Lodo

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9730

HORIZONTAIS:

- 1 Cada um dos setenta prelados que compoem o Sacro Colegio e que são os eleitores os ministros e os conselheiros do Papa.
- 2 Milho torrado que se reduz a po temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Cantiga. Cerio (s.q.).
- 3 Sacerdotes budistas. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
- 4 Califá que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Cidade de Espanha.
- 5 Oceano. Campânulas.
- 6 Cobre (s.q.). Palmeiras da Amazônia.
- 7 Poentes. Sufixo que designa estado.
- 8 Pega. Artigo definido. Lutécio.
- 9 Quarto. Reis. Cântico de muitas vozes reunidas.
- 10 Nome de frutos. Uma das Ciclades.
- 11 Gorgulhos tropicais. Furioso.

VERTICAIS:

- 1 Rei dos Israelitas, filho e sucessor de David e de Betsabé. Magne natural.
- 2 Mulher nobre. Homem de trabalho agrícola.
- 3 Cada uma das subdivisões dum distrito judicial. (pl) Cromio (s.q.).
- 4 Brisa. Empregarão.
- 5 Chefe etíope. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- 6 Doutor. Numeral cardinal.
- 7 Porção de cereais, que se debulham por uma vez na eira. Rio do estado do Pará.
- 8 Autores Lento.
- 9 Cidade de Portugal. Curso de água natural e abundante.
- 10 Rostos. Reino da Federação Indochinesa.
- 11 Nome de frutos. Mérito (fig.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 877

HORIZONTAIS:

- 1 A VERDADE É.
- 2 Dais. Atolam.
- 3 Oil. Suavos.
- 4 Roa. Sm. lo.
- 5 Rasana.
- 6 Cás.
- 7 Gramaria.
- 8 Orara. Ac.
- 9 Rabiscarias.
- 10 Ia. Orão.
- 11 Acamados. Sr.

VERTICAIS:

- 1 Adorar. ORFA.
- 2 Aio. Grá.
- 3 Vilar. Rabia.
- 4 Es. Atanam.
- 5 SSS. Mas.
- 6 Dauma. Cod.
- 7 Ata. Ror. Aro.
- 8 Domai. Iaras.
- 9 Elo. Acácio.
- 10 Asi.
- 11 Em. Dosais.

Provérbio: A VERDADE É ORFA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9729

HORIZONTAIS:

- 1 Muevedônia.
- 2 Moraras.
- 3 Abato. Ataco.
- 4 Pará. Aura.
- 5 Par. Sim. Ror.
- 6 Ilama. Clima.
- 7 Dava. Ocas.
- 8 Marti. los.
- 9 G-arar.
- 10 Jabés. Larva.
- 11 Acaia. E-ia.

VERTICAIS:

- 1 Madrid. Eja.
- 2 Bailam. Ac.
- 3 Amarrava. Ba.
- 4 Cola. Margem.
- 5 Ero. Sa. Tosa.
- 6 Dá. Bi. Sir.
- 7 Ora. MC. Ralé.
- 8 Nata. Loais.
- 9 Isáurico. Rs.
- 10 Cromas. VA.
- 11 Coaras. Pás.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
n. a. m. 13 anos
FILHOS DE NINGUÉM

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a
JULIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO

CALEIDOSCOPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE
5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 anos
OH, AMIGOS MEUS - (Parte II)

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A GOLPADA
Às 24
OS ASSASSINOS NÃO DORMEM

CINE BLOCO 556824

Rua do Loreto, 15

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DIFAMAÇÃO
Às 24
CHRISTIANE F.
4.ª Semana

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. a. m. 13 anos
O SACRIFICIO DA VIDA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
2.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
10 PARA A MEIA NOITE
Às 11.45
A FÚRIA INDOMÁVEL

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
67.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 anos
UM MAU FILHO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
4.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEIJA-ME... E ADEUS
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15, 21.30
- M. 12 anos
LAS VEGAS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
- Maiores 18 anos -
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
OS GUERREIROS DE CHINA-YOWN

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ESQUECI-ME DE VIVER



Uma cena do filme «UM MAU FILHO» realizado por CLAUDE SAUTET com PATRICK DEWAERE em exibição no Quarteto e Estúdio 444

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
Int. m. 13 anos
UM MAU FILHO

Às 23.30
MAS QUE VIZINHOS

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.00
M. 18 anos
QUERELLE

Às 23.30
QUADROPHENIA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
M. 12 anos

A NOITE DE S. LOURENÇO

Às 23.30
BULLIT

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
N. a. m. 13 anos
OH! AMIGOS MEUS... (Parte II)

Às 23.45
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
MCQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
UM PAI DE 13 ANOS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
2.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h
- Maiores 12 anos -
HEAT AND DUST (Verso Indiano)
Com Julie Christie
14.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
11.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
QUATRO AMIGOS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 anos
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23
- N. ac. men. 13 a.
CINCO DIAS UM VERÃO

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
7.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 anos
OH, AMIGOS MEUS

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Juventude sem Freio», às 21.30 (18 anos)
ALFA-2 - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (18 anos)

QUINTETO - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

RESTELO - «10 para a Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

CITY-CINE - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

CAPITÓLIO - «Sexo Fraco Joga Forte», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - «O Cavalo de Ferro», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Fúria em Hong Kong», às 21.30 (13 anos)

APOLLO 70 - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)

OLIMPIA - «Sonhos Selvagens», sessões permanentes (18 anos)

ROYAL - «Discípulos de Shaolin», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «Massacre na Floresta Negra», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Académia - «Duas Horas menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.15 (13 anos)

SETUBAL - Júpiter - «007, Operação Tentáculo», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «La Boom 2», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Sílcine - «Momentos Íntimos», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Ghandi», às 21.15 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Amantes de Verão», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL - Casino - «A Classe de 1984», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «João Broncas, o Eterno Repetente», às 21.30 (6 anos)
CASCAIS - Oxford - «Os Ladrões do Tempo», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «American Gigolo», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Lido - «A Golpada, Parte II», às 21.30 (12 anos)

AMADORA - Cinestúdio - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (6 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «A Ratoeira», às 21.30 (18 anos)

ERICEIRA - Cinestúdio - «O Expresso Avalanche», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)

VALE FORMOSO - «Porky's», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «Os Ladrões do Tempo», às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA - «A Vingança do Leopardo», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)

JULIO DINIS - «Revak, o Rebelde», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «Violência e Paixão», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L - «Androide», às 21.45 (12 anos)

PEDRO CEM - «Os Anos Loucos de Montparnasse», às 21.30 (16 anos)

RIVOLI - «O Raid Relâmpago dos Comandos», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «Octopussy», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALCANTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ARCO DO CEGO** - CHILE: São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **AREIRO** - APEA-DEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **ESTRELA**: Aurélio Rego, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA**: Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO**: Miranda, L. Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR**: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS VELHO**: Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVA**: Curie, Av. Mamade Curie, 15-A (T. 778439); **SÃO JOSÉ** - TIVOLI: Fernandes, R. São José, 187 (T. 326476); **ALGES**: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS**: Central Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**: Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS** - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José, R.

teatros

Lisboa

Porto

CASA DO INFANTE - «Onde Vaz Luis?», às 22.00 (13 anos)

TEP - «Florânia ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)

dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO**: Veritas, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BENFICA** - CHARQUINHO: Macedo, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **CAMPO D'OURIQUE**: Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ESTRELA** - POSSIDÔNIO DA SILVA: Tagus, R. Possidônio da Silva, 162-A (T. 669485); **MADRE DE DEUS** - POÇO DO BISPO: Grilo, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **SALDANHA**: Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **BURACA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **BRANDÃO**: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO**: Matis, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (T. 2750504) Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **LARANJEIRO**: Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911) Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO**: Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207) Permanente; **AMORA**: Nobre Guerreiro R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923) Até às 22 horas; **SEIXAL**: Soromenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560) Até às 22 horas; **MONTIJO**: Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230255); **MOITA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS**: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETUBAL**: Cunha Pinheiro, E. Cananinha, 32 Permanente, Lisboa, R. Dr. Paulo Borba. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECE**: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058) Até às 22 horas; **CARCAVELOS CENTRAL**: R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente;

PORTE
PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASÇENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro, 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
4.17	4,2 m	9.53	1,0 m
16.38	4,0 m	22.07	1,1 m
Dia 8			
4.56	4,1 m	10.30	1,2 m
17.18	3,8 m	22.42	1,3 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	1º		
BRAGANÇA	8º		
VILA REAL	8º		
PORTO	11º		
COIMBRA	11º		
CABO CARVOEIRO	16º		
PORTALEGRE	13º		
LISBOA	14º		
ÉVORA	12º		
BEJA	13º		
FARO	13º		
SAGRES	—		
PONTA DELGADA	12º		
FUNCHAL	17º		

PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ

Deu muito nublado. Vento fraco. O moderado de sudoeste. Chuva de tarde. Sem ventos fortes. A ocorrência de trovoadas.

último

DELINQUENTES ARMARAM-SE DE MADRUGADA quando assaltaram por meio de armamento as instalações da espingardaria Cândido e Martins, em Sacavém. Nada menos de 15 espingardas e grande quantidade de munições passaram a equipar o arsenal dos assaltantes para eventual utilização violenta ou, no mínimo, vender como pechinchas a pouco exigentes compradores.

VANDALISMO NA CAPELA das Galinheiras causou grandes prejuízos no telhado e no sacrário que foi arremessado ao chão. O objectivo do, ou dos autores do assalto perpetrado por escalamento, seriam as caixas de esmolas que continham pouco mais de 2 mil escudos, e foram encontradas vazias.

MOTORISTA DE TÁXI EXPEDITO conseguiu prender os dois jovens que o haviam a saltado. Foi esta madrugada quando o litógrafo Arnaldo e Joaquim Manuel, electricista, ambos de 20 anos, ao fazerem-se conduzir num táxi para Olival Basto, próximo de Odivelas, mandaram parar num lugar ermo. Exigiram então ao condutor a entrega de valores. Este só tinha 360 escudos. Não acreditando, passaram busca, mas nada mais encontraram. Forçaram o taxista a levá-los a casa para lhes dar dinheiro e foi no caminho que a vítima resolveu estacar junto da esquadra dos Terramotos, na Rua Maria Pia e ali... foi só entregá-los aos agentes de serviço.

Funcionários da Judiciária vão a Tribunal

Na sequência de um antigo contencioso que envolveu o então subdirector do Centro de Investigação de Drogas, Hernâni Duque de Lacerda e Lourenço Martins, à data director-geral da Polícia Judiciária, factos a que demos a devida cobertura, vai ser julgado este mês, no 7.º Juízo correcional de Lisboa, um processo contra dez funcionários desta Polícia, acusados de produzirem injúrias e difamação num documento emitido quando faziam parte do Conselho de Polícia.

Estes elementos da Judiciária, que no Conselho representavam todas as classes da corporação, terão tomado uma atitude de apoio ao director Lourenço Martins, após este ter sido visado em declarações públicas por Hernâni Lacerda. Essa tomada de posição no âmbito restrito do Conselho, seria divulgada pelos órgãos de Comunicação Social, por decisão do próprio colectivo.

Foi a partir daí que Hernâni Lacerda apresentou queixa contra o Conselho e os directores da PJ envolvidos, Lourenço Martins e Garcia Marques. Estes na qualidade de magistrados, seriam julgados em separado e absolvidos.

UNITA debate-se com graves convulsões internas

Savimbi contestado por "operacionais"

Brigadeiro Chiwale e numerosos oficiais foram detidos e destituídos dos cargos

A Unita debate-se com graves convulsões internas cujo desenvolvimento e consequências são neste momento difíceis de prever — soube o «DL» através de declarações de um ex-membro daquela organização, que desertou recentemente e se encontra a viver nos arredores de Lisboa.

De acordo com as informações recolhidas, o número 2 da Unita, brigadeiro José Manuel Chiwale, foi destituído de todos os cargos que exercia naquela organização e encontra-se detido e rigorosamente vigiado no Quartel-General, em Yamba.

Chiwale, que juntamente com Savimbi fez, de 66 a 68, um curso militar na China, é acusado pelo chefe máximo da Unita de «traidor às suas ideias». Savimbi acusa ainda Chiwale de ter feito tentativas de organizar um movimento fracionista no seio da Unita, com vista à sua eliminação física e posterior pedido de ajuda a algumas potências da Europa Ocidental e EUA.

Para além de Chiwale outras figuras importantes no sector militar da Unita (as FALA) foram destituídas dos cargos que desempenhavam e detidas. É o caso do coronel Waldear Pires Chindondo, presidente da chamada Comissão de Revisão e Controlo da Unita e da Comissão de Ordem e Disciplina das FALA e ainda os designados tenentes-coronéis Catari (acusado de tribalismo), Vicente Vihembá, Alberto Catabela, Catalães (desgraduado em capitão) e Njunju Yaumba (desgraduado e substituído por corrupção moral e desvio de fundos para benefício pessoal).

Operacionais contra políticos

De acordo com a mesma

fonte, há meses que se vem verificando uma contestação crescente em relação a Savimbi, acusado por muitos «operacionais» de andar quase sempre em viagem pelo estrangeiro, muitas vezes para fins que nada têm a ver com a Unita, enquanto eles têm que viver no mato, em condições extremamente penosas, «para aguentar o barco».

Acusações semelhantes — de vida fácil e por vezes até faustosa — são feitas igualmente a uma certa «entourage» de Savimbi.

No seio das FALA, além disso, o descontentamento pelas medidas tomadas pelo chefe da Unita contra Chiwale e os outros oficiais é grande, pois, diz-se, foram punidos sem que as acusações de que foram alvo tenham sido minimamente provadas. Savimbi quis mesmo mandar fuzilar Chiwale, a quem agora olha como um perigoso rival, só não o tendo feito por recear as reacções das FALA, onde Chiwale goza de inegável prestígio, derivado em parte do facto de ser ele, e o grupo agora em desgraça, quem aguentava o maior peso das dificuldades vividas no mato e quem conduzia, no terreno, a luta contra o MPLA as FALA.

Todas estas convulsões no seio da Unita tinham tomado forma embrionária no V Congresso da organização, em Junho de 82, em Mavinga, na província de Cuando-Cubango.

Em Agosto último as contradições no seio da UNITA agravaram-se e, embora as informações sobre o que se passa sejam escassas, tudo

indica que vão continuar a desenvolver-se.

A ofensiva do MPLA nos últimos tempos tem sido grande e cada vez é maior o número dos combatentes da Unita que se dizem cansados da guerrilha e que não vêem resultados práticos.

Ainda por cima — acrescentou o nosso informador — foi grande o descontentamento no seio dos «operacionais» da UNITA na altura em que Savimbi propôs a troca dos técnicos checoslovacos, que tinham sido feitos prisioneiros, por mercenários ingleses detidos em Luanda. «Ai todos perceberam que Savimbi e outros dirigentes não se interessam minimamente pela sorte dos elementos da UNITA que têm sido aprisionados pelo MPLA» — disse ainda o ex-membro da UNITA agora a viver nos arredores de Lisboa e que pediu, por enquanto, o anonimato.

«Em Lisboa há representantes oficiais da UNITA que gozam de grandes protecções e apoios no seio do aparelho de Estado português. É perigoso a um ex-membro da Unita falar a rosto descoberto» — disse-nos ainda o nosso interlocutor, que adiantou um bom par de histórias sobre essas protecções e sobre os nomes de figuras que em Lisboa se movem à vontade em nome da Unita.

Apesar dos esforços feitos pelo «DL» para falar com o actual n.º 1 da Unita em Lisboa — cujo nome, morada e telefone temos em nosso poder — tal não foi possível. Neste momento encontra-se no estrangeiro — em Londres, ao que supomos, pois aí se desloca com bastante frequência, utilizando o passaporte português de que dispõe. Em sua casa fomos informados de que deverá regressar ainda esta semana.

Não deixe documentos no carro

Elementos estatísticos fornecidos pela Polícia Judiciária respeitantes ao furto de automóveis durante o passado mês, indicam que 113 viaturas foram levadas para vários fins e 191 outras arrombadas para subtração de objectos ou acessórios.

O Gabinete Técnico de Prevenção daquela Polícia, informa que em cerca de 30 % dos casos se verificou o furto da documentação respeitante ao veículo e ao proprietário. Chama assim a atenção que para além do contratempo le-

vantado pela falta dos mesmos e a obtenção de segundas vias, subsiste o perigo de indevida utilização: movimentação de dinheiros, obtenção fraudulenta de novos documentos, transacção da viatura e outras fraudes.

Consumidor vai "pagar a factura"

Preço do arroz passa a ser livre

O preço do arroz passa a ser livre nos termos de uma portaria publicada na folha oficial que produz efeitos práticos a partir de hoje. Concretamente, o diploma do Ministério do Comércio e Turismo determina que a venda de arroz branqueado ou glaciado fique sujeita ao regime de margens de comercialização a incidir sobre os (menores) preços propostos pelos industriais.

A portaria entende por tabela de fabricante o menor preço de cada produto, incluindo ainda as despesas de transporte dos respectivos produtos. Permitindo que o industrial (fabricante) fixe o preço, refere que quando as vendas do produtor se processarem por intermédio de empresas distribuidoras (armazenistas), os preços praticados por estas terão de coincidir com os preços do fabricante. Neste caso, as empresas distribuidoras (armazenistas) efectuem a distribuição do produto em substituição do industrial. Mas qualquer que seja o número de intervenientes no circuito de comercialização, não é permitida a utilização de margens superiores às que a portaria do MCT fixa.

São estas de seis por cento para o armazenista, com cálculo sobre tabela do fabricante; e de 10 por cento para o retalhista,

calculada pelo preço máximo de venda pelo armazenista. Isto é: o arroz chega ao consumidor com mais 16 por cento sobre o preço fixado pelo fabricante, podendo o produtor ser, depois do consumidor, o agente mais prejudicado em todo o processo.

Note-se que antes da publicação deste diploma, no passado sábado, e que hoje mesmo entrou em vigor, o distribuidor tinha garantido um lucro de 3\$70 em cada quilo de arroz armazenado. Com a liberalização do seu preço, os seus lucros dependerão das quantidades que movimentar, mas nunca será inferior (bem pelo contrário) àquele montante. Até ontem, os preços dos diversos tipos comerciais de arroz vendidos ao público eram estes: carolino, 56\$00; gigante de 1.º, 41\$50; gigante de 2.º, 38\$50. O mercantil e o agulha quase se não vendiam, sendo último considerado verdadeiramente «de luxo» e por isso não importado.

Uma outra portaria inserida no último «Diário da República» proíbe a venda a granel de arroz dos tipos agulha, carolino e gigante. Mas essa proibição quanto ao gigante de 2.º não é aplicável a estabelecimentos militares, corporações militarizadas e a organizações de assistência.

Nem todas as AE's aceitam novo preço das cantinas

Nem todas as associações de estudantes do ensino superior aceitaram o novo preço de 55 escudos das refeições das cantinas universitárias imposto pelo ME a partir de hoje.

Espera-se que estudantes ligados a essas associações (que esta manhã não conseguimos apurar quais são) cumpram hoje uma jornada de luta, nomeadamente na cantina 1 da Universidade Clássica de Lisboa.

A maioria das associações de estudantes aceitou o novo preço por considerar que está em andamento o processo de negociação para satisfação das condições impostas pelos estudantes ao ministro, sem o que não aceitariam igualmente o novo preço.

Os estudantes exigem a elaboração de um inquérito para análise da gestão e funcionamento dos Serviços Sociais. Vai ser nomeada uma comissão de inquérito que deverá consultar a comissão coordenadora nacional das associações de estudantes, composta por um representante das AE's de todas as Universidades. Quanto à reestruturação dos

SS também exigida pelos estudantes, foi aberto um prazo de 30 dias para apresentação de propostas de reestruturação.

Quanto à actualização do montante das bolsas de estudo e do valor da capitação, o ministro anunciou que o problema vai ser em breve resolvido.

Outra condição apresentada pelas AE's diz respeito ao funcionamento daqueles órgãos representativos dos estudantes como parceiros sociais que devem participar na resolução destes problemas. O ministro afirmou aos representantes das AE's na semana passada que as considera interlocutores legítimos na questão dos Serviços Sociais e dispõe-se a negociar com as AE's para concretização destas condições.

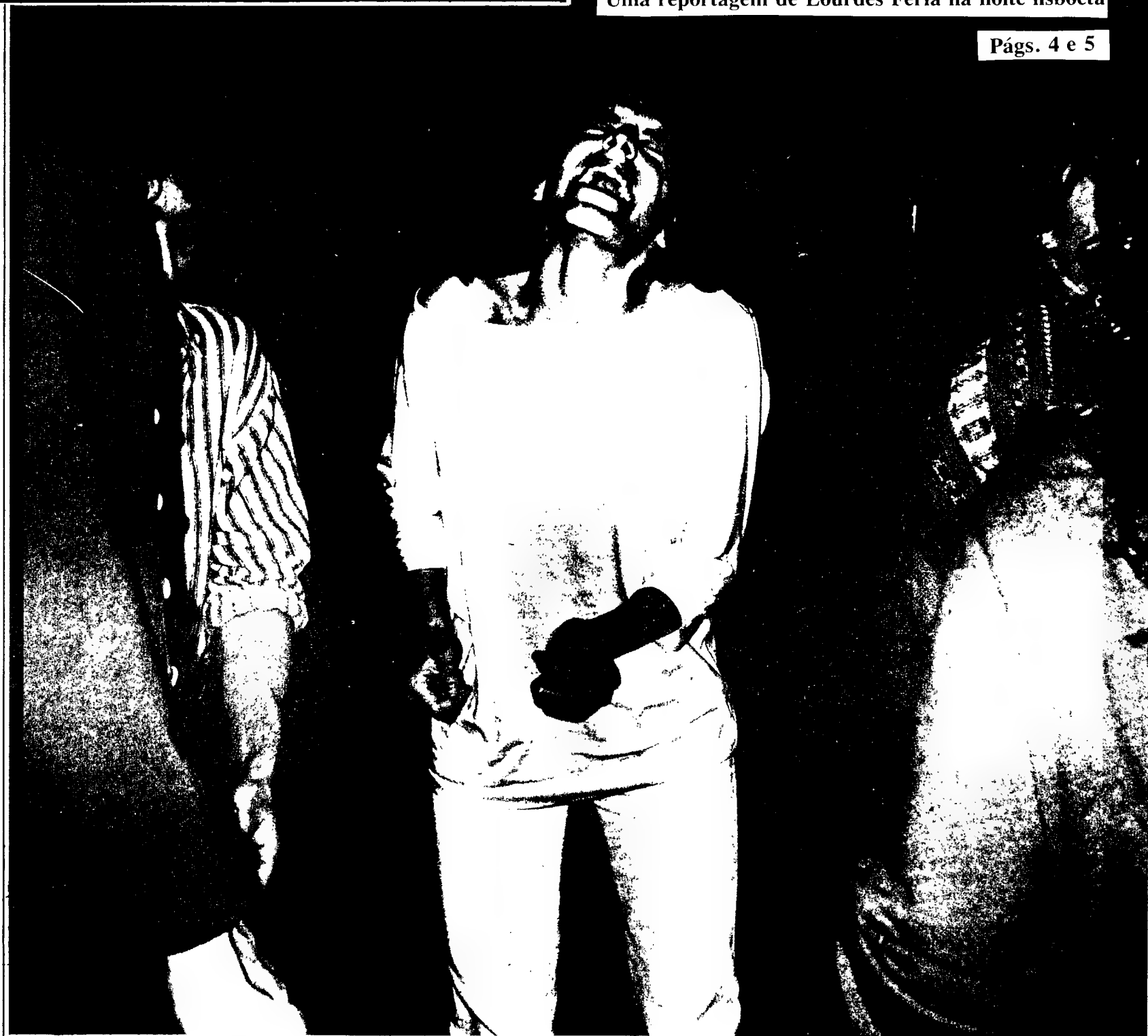
Um dirigente da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, afirmou-nos esta manhã que se o ME não cumprir as promessas, as associações que aceitaram o aumento do preço mediante condições radicalizarão também as suas formas de luta.

Sete Ponto Sete

PABLO a noite

Uma reportagem de Lourdes Féria na noite lisboeta

Págs. 4 e 5



O rosto da cultura de massas

Adriano Duarte Rodrigues

D

EFINIR a cultura de massas sem compreender a sua relação com o movimento que mobilizou as massas nos anos 30 e incendiou o mundo nos começos dos anos 40, projectando o modelo concentracionário de **Auschwitz** sobre a nova cidade do futuro é estar no meio da floresta e não ver as árvores, é esquecer a sua dimensão estratégica e guerreira de interiorização das normas da conformidade social (1). Por isso os ensaios que procuram defini-la a partir de textos dos seus pontífices, dos seus funcionários de serviço ou dos que passam o tempo nas antecâmaras dos seus santuários, acabam por construir uma manta de retalhos sem nexo, alardeando uma erudição de mau gosto que não engana senão os incautos ou então os idólatras da indústria cultural.

A cultura de massas é de facto

o instrumento da «guerra fria», da domesticação indolor, jogo ambivalente da dependência e da miragem da autonomia, feito de complicitades generalizadas e difusas, de que se alimenta o consenso social, o fabrico das maiorias, a forma democrática da dominação de todos sobre todos.

Se os **mass media** são agentes privilegiados da cultura de massas, a sua estratégia helica circula igualmente pelos restantes campos sociais, sob a forma discursiva ingénua da democratização das instituições (escola, família, Igreja, empresa, Estado), acabando por se tornar a forma generalizada das trocas simbólicas, desde a forma vestimentária (a moda), à forma dos objectos (o **design**), da forma comportamental (as **public relations**) à forma organizativa (o **management**).

A forma das trocas simbólicas converte-se assim em puro jogo estratégico de sedução domesticadora do regime pulsional, arcaizando por conseguinte o jogo da repressão fascista, tanto a forma concentracionária do nazismo como a forma nuclear de Hiroshima, economizando as formas dolorosas de

que se reveste habitualmente o processo de socialização, sob o modo da dissuasão. A violência física do extermínio das minorias nomádicas que não se ajustam ao modelo funcional burocratizado e taylorista substitui por isso a violência simbólica da modelização generalizada dos desejos; o rosto implacável do tirano ou do déspota converte-se na máscara sorridente e infantilizante dos clérigos da nova religião secularizada, dos sedutores profissionais da cultura do divertimento e da afabilidade postiza ao alcance das maiorias.

Os teóricos subalternos da cultura de massas caem habitualmente numa espécie de conversa fiada, dando literalmente «uma no cravo outra na ferradura», à maneira dos pretensos textos eruditos das colectâneas escolares, ora apostando nos sacrossantos valores democratizantes dos **mass media**, ora profetizando a destruição apocalíptica do bom gosto e das virtudes consagradas da cultura erudita. Não é, no entanto em relação à cultura erudita que a cultura de massas se situa, como se fosse uma espécie de «bodo aos pobres» ou o projecto finalmente conseguido, graças ao prodígio miraculoso das socie-

dades democráticas e dos seus apologetas humanistas, de pôr as obras eternas da humanidade ao alcance de todos. É em relação às figuras da domesticação do regime pulsional, à figura territorial do tirano e à figura paternalista do soberano que ela se situa, enquanto figura da gestão racional dos processos de simulação e dissimulação da economia libidinal. A publicidade é um exemplo excelente. Esta grande máquina de guerra, mais eficaz do que todos os mísseis, debita em pequenas doses as injunções que mobilizam as energias libidinais, impedindo assim que as cargas mortíferas das regras e do funcionamento da máquina produtiva paralise ou façam explodir o corpo social.

É que, contrariamente à máquina domesticadora territorial do déspota, que canaliza os fluxos selvagens, de acordo com o projecto ambivalente da extorsão e da apropriação pelo tirano demiurgo da mais-valia gerada pela sedentarização, a máquina domesticadora de gestão racional das massas canaliza os fluxos civilizados de acordo com o projecto psicadélico dos eldorado demiórgicos consumistas,

inflationando todos os valores possíveis, esquizofrenizando o corpo social, anulando todas as margens e todos os territórios concretos.

Contrariamente à máquina domesticadora, paternalista, do soberano, que canaliza os fluxos bárbaros que vegetam e se disseminam nas suas margens, de acordo com o seu projecto civilizador colonial, a máquina domesticadora da cultura de massas canaliza a energia libidinal livre, de acordo com os interesses do mercado dos bens simbólicos, fazendo-os proliferar como erva daninha (2).

Os **mass media**, nomeadamente a televisão clássica, com os seus modelos ditados pela mensagem do corpo social, reduzido à categoria numérica das percentagens de audiência, são o campo de concentração transferido para o imaginário colectivo sob a forma intersticial, viscosa, circulante e nomádica. A sua miragem participativa, alimentada pelo espectáculo dos concursos, da palavra dada, faz explodir para dentro, despoletando-as, todas as cargas pulsionais subversivas, «fazendo massa», de maneira perversa, medusando todos os usos.

O que a cultura de massas anula é a dicotomia sujeito/objecto, substituindo-lhe a ordem inviolável e perversa do modelo, graças à gestão infantilizante de esquemas figurais pré-simbólicos. Os concursos televisivos são um belo exemplo. Trata-se não de desenvolver um processo de relação do sujeito ao real, mas de adequar uma performatividade reflexa ao modelo prefabricado pelo «medium». A consagração mais espectacular desta adequação e desta elipse do sujeito é hoje o sucesso da telemática, nomeadamente dos jogos electrónicos. As suas regras impõem-se de tal maneira que até a instituição escolar resolve adoptar este modelo de aprendizagem da conformidade reflexa, da dexteridade digital. O sujeito transforma-se assim no terminal desajeitado das instruções do modelo incorporado no «medium».

(1) Cfr. Léo Scheer, *La société sans maître. Essai sur la société de masse*, Paris, ed. Galilée, 1978.

(2) Cfr. Gilles Deleuze et Felix Guattari, *L'Anti-Oedipe. Capitalisme et schizophrénie*, Paris, ed. de Minuit, 1977.

Para que servem os SS-20

André Fontaine

A

partir do momento em que, num mundo dividido em dois, já ninguém tem o poder de impor a sua arbitragem, os campos de batalha não podem deixar de se multiplicar.

Estes campos de batalha contam menos na relação geral das forças, e portanto na busca da decisão, do que o continente onde vivemos e do qual um milénio de guerras civis e estrangeiras fez o maior cemitério militar do mundo. O facto da sua parte ocidental onde se encontram concentradas populações, uma potência industrial e agrícola, recursos intelectuais iguais ou superiores aos de cada uma das superpotências entregues hoje, no essencial, aos Estados Unidos o cuidado de a defender, de tomar tão facilmente o seu partido no que diz respeito à separação com os países de leste que, Deus o sabe, não são menos «europeus» do que ela, dá a medida, se não da sua decadência, pelo menos da erosão da sua vontade.

Quando estava à testa do KGB, Andropov confiou a interlocutores do terceiro mundo a pouca consideração que tinha por uma Europa ocidental que, segundo ele, caíra nas mãos dos «mercadores».

Seria surpreendente que tivesse mudado de opinião. Ele preferiria decerto que esse enorme bloco de riqueza presentemente ligado à fortaleza do capitalismo mundial, a América, contribuisse para o desenvolvimento da fortaleza da Revolução.

«Desatrelar» os europeus

A ambição não é nova: o Reich tinha acabado de cair e já os seus vencedores começavam a disputar entre si os favores dos alemães. Falou-se há pouco tempo dos esforços de Kruchchev a partir de 1957, para liquidar o «tumor canceroso» de Berlim-Oeste.

Hoje, muito mais do que em 1957, a URSS dispõe, graças aos SS-20, de uma superioridade

que procura transformar em aquisição política duradoura, não sabendo se os Estados Unidos não conseguem, com o avanço económico e técnico de que dispõem, retomar um dia a vantagem.

Dai a pressão que exerce, como em 1957, sobre os membros europeus da aliança, para os convencer a recusar a instalação dos foguetes americanos precisamente destinados a anular a superioridade de que agora dispõe. A esperança estava em que uma recusa europeia converteria enfim os americanos a voltar para casa. A «separação» da Europa em relação aos Estados Unidos realizar-se-ia finalmente.

A parecença pára aqui. Em 1957 a instalação de foguetes americanos na Europa tinha em vista reduzir a vulnerabilidade do território americano. Desta vez, é de reduzir a vulnerabilidade do território europeu que se trata. Porque a ameaça provinha, em 1957, de avanço tomado pelos soviéticos no domínio intercontinental, enquanto que agora provém da existência de uns duzentos e cinquenta foguetes SS-20 apontados para a Europa, para não falar dos cento e oito que estão apontados para a China e para o Japão, sem que haja resposta a essa ameaça, visto que, já se disse e repetiu, os Estados Unidos não podem recorrer à sua força de dissecação sem se expor a represálias de insuportável amplitude.

Em 1957 era, em todo o caso, claro que o atraso americano em breve seria ultrapassado. Desta vez, se nada foi feito para equilibrar os SS-20, era em todo o caso necessário que os Estados Unidos tivessem um desenvolvimento técnico espectacular para impedir a U.R.S.S. de satelizar progressivamente o continente.

Foi essa a razão porque, quando da iniciativa do aumento dos Thor e dos Jupiter, surgiu em 1957 dos Estados Unidos, a do aumento de europeus veio da Europa e, mais precisamente, de Helmut Schmidt.

Este, que fora durante longo tempo especialista das questões de defesa no partido social democrata, foi, com efeito, um dos primeiros a compreender o alcance real do aumento dos SS-20, e a tocar o sinal de alarme.

Mas Jimmy Carter, que então ocupava a Casa Branca, imaginava que, reduzindo o esforço de armamento americano, levaria a U.R.S.S. a fazer o mesmo, e mandou o chanceler passear.

«Combatemos o fogo com o fogo, declarou ele, sem nunca pensar que é com a água que melhor se combate o fogo» (1).

O erro de Kennedy

Na altura não se mediu bem o erro cometido por Kennedy quando, uma vez restabelecido o avanço americano no domínio dos foguetes de longo raio de acção, retirou da Europa, como supérfluos, e a fim de ajudar Khrushchev a salvar a face depois da crise de Cuba, os foguetes intermédios destinados a compensar o atraso em relação à U.R.S.S.. Se tivessem ficado, teria sido possível substituí-los progressivamente, sem grande barulho, por engenhos mais modernos tal como os soviéticos substituíram a pouco e pouco os seus quinhentos e oitenta e seis SS-4 e SS-5, de carburante líquido, sem pedir autorização a ninguém, não só por SS-20 de carburante sólido mas por armas de mais curto alcance mas de precisão comparável, SS-21, 22 e 23.

Foi preciso que Schmidt utilizasse todos os recursos da sua célebre maneira de falar, lançasse um apelo público aos Estados Unidos em Outubro de 1977 perante a assistência particularmente conhecedora do Instituto de Estudos Estratégicos de Londres, e mobilizasse os seus amigos dos dois lados do Atlântico, Kissinger entre eles, para que Carter se deixasse convencer, e que o Conselho Atlântico adoptasse, em Dezembro de 1979 a «dupla decisão» que é a sua doutrina oficial.

Por outras palavras, que previse a criação, a partir do fim desse ano, de cento e oito Pershing-2 (supersónicos) na R.F.A. e quatrocentos e sessenta e quatro mísseis de cruzeiro (subsónicos) também na R.F.A., mas ainda na Grã-Bretanha, na Bélgica, na Holanda e em Itália, salvo alguma conclusão, com Moscovo, de um acordo limitando esta criação de armas ou tornando-a inútil.

A concessão de Reagan

Há quase dois anos houve pois uma negociação com vista a conseguir tal acordo. Uma fórmula de compromisso dita «passeio na floresta» (2) foi mesmo elaborada pelos chefes das duas delegações, americana e soviética, mas actualmente não há nenhuma solução em vista.

De momento, como durante tantas negociações entre as superpotências, está-se em plena batalha de opinião, visto o Kremlin contar com o desenvolvimento do movimento pacifista para levar os Ocidentais a reduzir o alcance do seu empenhamento, e também para baralhar completamente as cartas entre os Estados Uni-

dos e os seus parceiros europeus. Afinal de contas, a acreditar numa sondagem recente, 75 % da população da R.F.A. é hostil aos europeus.

O facto de a um ano da eleição presidencial, o partido democrata americano ter aceiteado a ideia (afastada à justa pela comissão dos negócios estrangeiros do Senado), de um congelamento nuclear, que consagraria a predominância soviética na Europa, só pode encorajá-lo. O próprio Reagan não acaba de fazer, pela primeira vez, uma grande concessão, sob o ponto de vista soviético, ao aceitar tomar em conta na negociação os bombardeiros de médio raio de acção, e renunciando a fazer figurar os SS-20 dirigidos contra a Ásia, no total que importa equilibrar?

Como era de esperar, Moscovo finge acreditar que não há nisto nenhuma modificação substancial. Claro que para mostrar que não é homem para fraquejar, o presidente dos Estados Unidos decidiu ao mesmo tempo transferir o quartel general volante de que disporia em caso de guerra nuclear, do hangar próximo da Casa Branca onde se tem encontrado até agora, para uma base situada em Indiana, a 700 quilómetros, considerada mais segura.

Que lição tirar desta demasiado longa história, se não que seria necessário uma espécie de milagre para que um novo acordo de limitação de armamentos arranque duravelmente as duas superpotências ao círculo vicioso da recuperação e do excesso? Tanto mais que às dificuldades políticas se juntam a complexidade e a crescente miniaturização dos armamentos, que tornam cada dia mais problemática a tarefa dos que seriam encarregados de verificar a aplicação de um acordo.

Só um entendimento sobre finalidades comuns, de natureza política e económica, à escala mundial, podia restabelecer entre as superpotências o mínimo de confiança, sem a qual os compromissos que conseguirem concluir estão votados a ser efémeros.

(1) Citado em *Situation strategique mondiale 1979*, Berger-Levrault, 1980.

(2) A fórmula encardida implicava a renúncia dos Estados Unidos ao desenvolvimento dos Pershing-2, cuja rapidez fez deles uma arma particularmente temível, e uma limitação entre 50 e 100 dos lançadores de mísseis de cruzeiro, com 300 cabeças nucleares, enquanto que os soviéticos aceitariam reduzir o número dos SS-20 na Europa a 75 (isto é, 225 cabeças nucleares) e bloquear o seu número na Ásia ao nível atingido na época, isto é, 90.

Limbo

Foi o que nos walesa!

S

EXTA-FEIRA, 28 de Outubro, enquanto a chuva tornava mais cinzento o fim de uma tarde sem sol, os olhos de milhões de portugueses estavam, mais uma vez presos ao pequeno écran mágico. Nessa noite, consumada a vitória da equipa nacional de futebol sobre a selecção polaca, o locutor de serviço ao Telejornal resumia, como raramente sucede, o acontecimento: «uma transmissão televisiva que deve ter saído caríssima à economia do País mas que compensou pela satisfação que deu».

No dia seguinte, o único jornal desportivo que sai aos sábados

constante bélica durante o desenrolar do desafio, o que só vem verificar uma verdade: há guerras más e guerras justas. Ou, antes, o dizer não à guerra não será apenas a negação de uma guerra imaginária, cinema-fotograficamente estereotipada, um botão vermelho que se prime e uma bomba que mata instantaneamente todos os habitantes de uma cidade, enquanto diariamente se vão celebrando os feitos viris de meia dúzia de heróis, sejam eles jogadores de futebol, uniformes verde azeitona de milícia nicaraguense ou soldados do rei impondo a legalidade democrática à Guardia Civil?

«Um francês assistindo a um jogo em Derby, exclamou que se os ingleses chamavam toda essa violência de «jogo», seria impossível encontrar palavras para dizer o que é uma guerra» (1). Mais do que a violência física concentrada no jogo em si e que o torna, no seu aspecto lúdico, numa manifestação do

Apesar de personalizado nos jogadores, um texto deste tipo não reflecte o sujeito mas sim os modelos colectivos de comportamento, transformado-se numa narrativa fechada que agrilhoa o jornalista e o impede de escrever algo como isto: «João Pinto, o proprietário de um Fiat 127, entrou em campo a pensar que bom era estar, pela primeira vez, na Polónia. Contente por saber que os seus vizinhos o estavam a ver na televisão jogou para lhes agraçar e só não marcou nenhum golo porque não chutou à baliza».

Pelo contrário, e porque este género de narrativa nunca é violentado, a análise individual de João Pinto passará exclusivamente pela contabilidade da sua integração à normal do sector a que pertence. Ou seja, a crítica individual é violenta porque assenta em pressupostos que já existem, independentemente dos jogadores que actuem, e que constituem o grande dogma da actuação das equipas, fazendo com que a defesa jogue bem se for, pela ordem indicada, tranquila, enérgica, colectiva, viril, digna, profissional, tecnicista, capaz, proprietária, humilde, veloz e imaginativa. Assim é que não sofremos nenhum golo contra os polacos mas levámos cinco dos soviéticos porque a nossa defesa esteve fundamentalmente mal colocada, incapaz, fatigada, irresponsável, suicida, vulnerável e individualista.

Eis os parâmetros, fascistas, diria Barthes, porque obrigam a dizer, pelos quais passa qualquer análise da actuação de uma defesa feita pela imprensa desportiva e perante os quais qualquer homem se cobre de ridículo ao afirmar que sofreu cinco golos porque não havia fruta no hotel.

Ignora-se, assim, uma especulação maniqueísta, o jogador actuou bem ou mal e privilegia-se a adjectivação especializada segundo o sector em que se integre o criticado. Desta forma, o meio-campo, com Oliveira ou sem ele, actuará tanto melhor, ontem, hoje ou amanhã, se conseguir cumprir as qualidades que vulgarmente se associam aos centro campistas, colaboração, primeira linha de defesa, servir o ataque, influência, antecipação, fulgor e velocidade e o ataque cumprirá os seus objectivos se os seus jogadores forem tecnicistas, enérgicos, voluntariosos, violentos, diligentes, únicos e capazes.

Como já se disse, esta proposição da verdade enunciada pelo crítico é violenta porque inquestionável, é o «branco é galinha o pó» do futebol e pelo criar de estereótipos de comportamento de cada sector de uma equipa consegue-se uma grelha de adjectivos universal e comum a qualquer jogo e que, tal como a Bíblia, se basta a si própria na sua verdade, independentemente de quais forem os jogadores que tenham actuado. É por isso que o lugar de onde se fala se torna violento

porque demonstrativo da necessidade da indentificação dos jogadores com os vários comportamentos ideais dos sectores da equipa, subordinando a exibição individual ao peso do nosso imaginário, do que deve e não deve ser, do bem e do mal. Bem e Mal que neste caso, porque postulados anteriormente à

realização do desafio, não se conseguirão concretizar na crónica do jogo de nenhum modo senão naquele que é subjacente às virtudes de cada sector da equipa: uma defesa jogou bem porque foi tranquilo e um atacante confirmou o seu momento de forma porque «explodiu» e batalhou.

Hão há expectativas neste tipo de enunciado e leitor que o leia uma vez tê-lo-à lido para sempre. Daí que se proponha, como minimamente falível, uma lista de algumas atitudes que a imprensa desportiva irá atribuir nos artigos de crítica individual dos jogadores após o jogo com a URSS.

Luís Andrade de Sá

dos esgotou a sua edição e quase todos os diários anunciavam a vitória na primeira página. Entretanto, os (poucos) jovens que integravam a manifestação pacifista desse sábado, vestidos nos seus impermeáveis de corte militar e intransigentes na condenação da política de Reagan, comentava o golo de Carlos Manuel: agora basta-nos ganhar aos russos.

Era o sábado da nossa afirmação, do combate, muito discutivelmente exclusivo, aos novos mísseis na Europa e da certeza de uma vingança sobre a esquadra soviética que, mesmo com as suas superstars Dasaev e Blokhine, não se salvaria do inferno do Estádio da Luz. Na paz cerravam-se os punhos contra a bandeira adiada, as listas e as estrelas que ensombram o céu azul de St. Georges, Granada, e na guerra, nessa santa guerra de vinte e dois rapazes em torno de uma bola, desse acto que, muito mais que qualquer massacre no Médio Oriente, suspende a respiração dos homens e leva, no vertente caso, os dez mil espectadores do estádio olímpico de Wrocław a cometerem o acto interdito de aplaudirem a equipa forasteira, como quem assobia o poderoso vizinho do Norte, na guerra, dizíamos, jurava-se uma vitória de facto contra a selecção maldita, a soviética.

Bom, efectivamente foi uma bela exibição da equipa nacional frente a uma Polónia francamente desmotivada e perante um público que, sem dúvida, prefere a presença portuguesa na fase final do Campeonato Europeu à Soviética. Foi o que nos walesa... Mesmo assim, o seleccionado nacional teve que suar, dar o litro e bater-se como se do resultado dependesse algum virar de página da nossa história. Fomos todos heróis, comentou o marcador do golo na hora da chegada e, de facto, a atendermos no que se escreveu sobre o encontro, houve uma

universo masculino, é pela arquitectura da narrativa ligada ao futebol que se chega, num determinado contexto, à identificação do futebol com a guerra, não com uma guerra impessoal, instantes, informatizada e asséptica, mas com uma batalha medieval, com os seus heróis, os seus feitos, a igualdade de oportunidades que garante a vitória ao mais astuto, que não ao mais sofisticado. Logo, o futebol e a escrita a ele ligada são pulsões de sentimentos agressivos e de satisfação de desejos de triunfo, podendo-se até, em certos casos, localizar o conflito no núcleo das notícias e a situação conflitual nos estádios.

Todavia, para além do levantamento das designações bélicas utilizadas pela imprensa na análise do Polónia-Portugal, e que poderão verificar a situação atrás descrita é o lugar de onde se fala, a crónica desportiva, que confere o carácter violento à narrativa pela enunciação da verdade proposta pelo crítico.

Defesa, meio-campo e ataque

Sempre que há um jogo importante, derby, final da Taça, competições europeias, etc, costumam alguns jornais desportivos fazer a análise crítica de cada jogador interveniente no desafio e em apêndice à análise do jogo, às entrevistas, às fotografias. Neste discurso, fundamentalmente normativo, o emissor assume a posição de árbitro a quem cabe decidir das qualidades e dos defeitos dos protagonistas numa impressão subjectiva que se pretende de acordo com o ponto de vista do Terceiro Anel e, assim, mais do que narrar, o jornalista descreve o espectáculo segundo uma lógica totalitária, de acordo com o que se pretende como padrões de comportamento de uma equipa.



DEFESA;

Se Portugal ganhar

Segurança
Energia
Colectivismo
Virilidade
Profissionalismo
Tecnicismo
Exclusividade técnica
Capacidade
Humildade
Velocidade
Imaginação

MEIO CAMPO:

Cooperante
Diligente
Velocidade
Antecipação
Fornecedor
Dominante
Influente
Exclusividade técnica
Energia
Diligência
Violência
Capacidade
Mérito
Colectivismo
Sobriedade

ATAQUE:

Se Portugal perder

Desorientação
Incapacidade
Fatigada
Irresponsável
Traição
Suicida
Vulnerável
Individualismo

Inexistente
Apatico
Inoperante
Lento
Ineficaz
Subjugado

Vulgaridade
Ineficaz
Amorfo
Pacífico
Inglório



Vem, noite antiquíssima e idêntica/ Noite rainha nascida destronada/ Noite igual ao silêncio/ Vem.

(Álvaro de Campos)



PARRÓO a noite

Lourdes Féria

Fotos de Luís Pavão

E

STA noite, pá, vou à noite, apetece-me beber. Há quem o faça por raiva, solidão, rotina, ou até numa atitude exibicionista. Isto das noites, pá, está cada vez mais difícil, uma grande confusão... só rábulas. Ainda outro dia deu-me ganas de escavar o Lontra. De facto, como dizia o Fausto Boavida, (esticou a corda à volta do pescoço e fei-se...) há noites, palavra de honra.

É um frequentador dos mesmos bares, dos mesmos restaurantes. A Noite para ele resume-se em desespero. Deixemo-lo e sigamos: No Tokio, lá em baixo no Cais do

Sodré, a noite é descontraída, sorvida com conta e medida. Boa música, ambiente quase saudável, daqueles que não provocam neuras, sabes? Não estou para entrar em cenas decadentes com malta que se encharca em álcool e obcecada pelo engate. Aqui não chateia; bebe-se uma cerveja, dá para dançar ... e com alegria. De trás do vidro, Vítor, o disco-jockey põe música com um critério rigoroso. Nada de disco nem funky. Anos sessenta, sobretudo. Do melhor que em sessenta se fez. A maioria dos discos são meus; os outros fui buscá-los à tulha das antiguidades, caso dos Beach Boys, Small Faces, Animals... Insisto muito nos Rolling Stones e nos Doors.

Assim se comporta Vítor, trinta anos, disco-jockey à noite (das oito às três da manhã) no Tokio e figurante, na ópera de S. Carlos quando calha. Trabalha no Cais do Sodré por acaso, não pertence à «zona» nem à

fauna que a habita. Um emprego como outro qualquer, a ocupação que se agarra, a que se deita mão porque a bucha não cai do céu. As noites eram iguais, de uma monotonia assustadora. Normalmente desenrolavam-se com frouxidão. Mornas e enfastiantes. Os fregueses que conversavam com as raparigas, sob o olhar atento e protector dos chulos — o costume. Por vezes, avalanches de estrangeiros enchiam o bar, vindos do mar com ganas de aturimento. Muito coreano, muito japonês, raros portugueses se atreviam a entrar no Tokio nessas ocasiões. Marinheiros têm geralmente má reputação e péssima bebida. A solta nos portos intimidad pelo mistério que as suas origens contêm. Os mais dados às cenas de violência são os americanos... mas também se gravavam rivalidades entre os coreanos e japoneses por causa das mulheres.

Os fins de tarde no Tokio eram tranquilos. Era a hora dos funcionários bancários, dos empregados das companhias de navegação e agências de viagens se entregarem à lassidão. Gente que apreciava beber o seu aperitivo antes do regresso ao ninho: à pantufa, ao jornal desportivo. Uma espécie de brinde que faz a si próprio, a compensação de um dia tenso e maneira também de evitar o trânsito das horas de ponta, seja nos comboios da linha ou nas ruas calhadas de corpos com pressa de chegar ao destino.

Inferno

Ao escurecer, com o declínio da claridade, como por artes mágicas, a atmosfera do bar mudava. Luzes vermelhas incidem sobre a pista e as mulheres começam a aparecer, olheirinhas e cansadas. Júlio Iglésias ou Roberto Carlos (tanto faz) contam aquelas melodias adocidadas sobre o amor: Que você me aqueça neste Inverno e que

tudo o mais vá para o Inferno. Lena acende o quinto cigarro, mãos trémulas. Discute o último episódio da telenovela e comenta a crise que atinge o sector profissional em que se integra porque isto de crise toca a todos. Ainda a safa são os barcos que passam por Lisboa... mas também esses escasseiam.

Até que no dia 5 de Fevereiro o Tokio sofre uma transformação. Vítor rejubila — foi ele quem arrancou com a iniciativa, quem convenceu os donos do bar da necessidade de mudança. De que era preciso conquistar outra freguesia. Embora o Tokio conserve a decoração antiga, na base de napa e da fôrmica, abre com outra disposição. Acontecimento festejado com uma paródia aos «heróis». Está equivocado: os heróis não eram os «Heróis do Mar». Eram os da banda desenhada do Tim-Tim, tudo bons rapazes. Quanto à música desfilaram os craques dos anos sessenta, numa onda de revivalismo, o que houve de pujante sem perda de qualidade, no tumultuar do tempo.

E a coisa pegou. A partir daí o bar é invadido por malta nova, estudantes universitários, intelectuais... malta que não vai muito em modas. Vendo o panorama, as «senhoras da vida» deram o fora convencidas que aquele pessoal não lhes interessava. No que respeito à estrangeirada, a desertão foi notória mas não de uma forma radical. Americanos e canadianos das esquadras da NATO ainda surgem, de vez quando, vêm matar saudades do supergrupo «Crosby, Stille, Nash and Young», dos bons tempos.

Vítor deseja ardentemente imprimir uma personalidade ao Tokio, torná-lo lugar aberto a iniciativas culturais. Já organizou uma noite de pintura ao vivo com alunos das Escolas das Belas Artes, enquanto os dançarinos, na pista, davam largas à



imaginação. Resultado: um painel, de cinco por dois metros, que esteve exposto durante uns meses. Música ao vivo é outra ideia em que se empenha, desde que ache motivo e músicos.

Meia noite, um sábado, Edmundo (vinte anos) esguio e pávido, denuncia timidez, ao transpor a porta do Rock Rendez-Vous. É torneiro mecânico e doido pela música. Tem uma aparelhagem National e uma colecção de discos onde os Doors abundam. De Jor Division colecciona praticamente tudo — é a sua banda preferida.

Iam Curtis no aspecto vocal lembra-me Jim Morrison. Ambos eram rebeldes e angustiadíssimos... Eu também tenho fases depressivas. Este tipo de sociedade não me satisfaz. Só vejo hipocrisia à minha volta.

Sou operário mas não me identifico com a maneira de pensar da classe a que pertenço. Não me reconheço a procura de estabilização, de um futuro medíocre. Os meus sonhos são limitados: é comprar um carro, casar, ter filhos... ou o fato que vou vestir no domingo. Estou-me nas tintas para o futebol, nem sei o nome dos jogadores. Ligo pouco a essas coisas. Política? Nem pó: sempre a mesma conversa. Nunca votei. Para quê?

Toda a tarde no Rossio, para-dos, entre o Picnic e o antigo café Gelo, bem à vista com as suas boas listradas que ocultam as trançinhas do cabelo crespo. Pretendem-se rastas, imitação perfeita de Bo Marley,

o príncipe negro do reggae. O seu negócio é a erva e o pó quando possível. Pela noite, noite fora, surgem no bar Jamaica, onde se exibem já toldados pelo fumo. Dançam maravilhosamente. Sangue africano que responde à batida tropical do reggae.

Da Jamaica viajamos (meia dúzia de metros) para o Tokio. Lou Reed domina ali, nesse instante. É um som frio, de morte, como a heroína. Urbaníssimo, embora sofisticado. De seguida podem vir os Doors, mola que leva trintões e adolescentes ao encontro na pista. Momentos que se prolongam até ao «Spanish Caravana», tema que permite a Vítor sair para Paco de Lúcia. E daí pega na «Passagem por Sevilha» dos Trovante — espaço dedicado à música por-

tuguesa em que cabem Sérgio Godinho, Fausto, José Afonso e poucos mais. Os Beatles e os Rolling Stones servem para fechar a noite. Deixam vontade de mais de continuar noite dentro mas os bares têm regras, horas, licenças a cumprir.

Amanhã há mais.

Vstiu-se com extremo cuidado, sem descurar nenhum pormenor. A roupa condiz com o cabelo à futurista. O cinto e os sapatos não destoam do conjunto, correspondem igualmente ao estilo que Carlos cultiva. Uma última olhadela ao espelho; a confirmação de que o seu visual está apto a ir ao Trumps, a juntar-se aos outros que ali proliferam. É um habitué de boîtes, sobretudo daquela, cuja característica principal coincide com uma certa



ambiguidade, provavelmente fingida. Desde as escadas que conduzem à cave como se fosse uma star do rock and roll, num clube londrino. Mostra-se. **Venho gozar a vida. Gosto de dançar... não gosto é do trabalho que faço. Sou funcionário público. Não, não vou assim vestido para o emprego... tento apresentar-me mais discreto. O meu sonho era ser rico e não fazer nada. Moda? Sim sigo a moda. Este ano estamos no futurismo... vou nessa. Música? Adoro música funky... uma loucura!**

Há limites para tudo, diz-se. Também existe um limite para a estupidez. Para o vazio. Este jovem, de vinte três anos, lembra-me uma canção de Neil Young: «... Já que não tens nada que fazer / Põe-te diante de um espelho / E pinta os teus cabelos...» E há quem os pinte às madeixas amarelas, verdes, rosa, azuis jogando com a assimetria do corte. Modelo de penteado em que António Variações se esmera e todos os cabeleiros gay com o gosto do feérico, do brilho da lantejola. O Trumps é isto — a fauna que ali curte o espectáculo é isto.

Brilho

Era um grupo de quatro: uma delas, secretária, quarto ano do Britânico, o que lhe facilita a conversação em inglês. Ana emerge, ao fim-de-semana, do subterrâneo que é a sua vidinha. Emprego, casa — a rotina. Desforra-se nas roupas, nos trapos que compra nas boutiques dos centros comerciais, nos cabeleiros, nos cremes «de contos de réis» que adquire a prestações através das vendedoras de cosméticos que batem as secções dos bancos, ministérios, e empresas. À hora do almoço come qualquer coisa num sanduiche-bar, de pé, após ter lutado pela conquista de um lugar ao balcão. Finalmente encaixa-se, cotovels contra outros cotovels.

Come com rapidez e antes de recomeçar o serviço ainda tem tempo de folhear a revista «ELA». Leituras substanciais, muito raro tê-las. Quando o rei faz anos, com esforço, lê até ao fim um best-seller, sobretudo se for Nobel porque assim sempre tem assunto de conversa no emprego. Ana canaliza as suas energias para as noites de sábado. Exuberante e pintada, com excesso, **come a noite na discoteca. Sente-se uma rainha.**

Estava de licança, numa pausa dos afazeres. Penso: será boxeas? — É que tem o nariz achatado: será guarda-costas? Não me contive e perguntei-lhe o que fazia na vida. Quando me disse que era comando olhei-o com curiosidade. Sozinho bebia uma cerveja no Souk, um dos bares mais «pesados» de Lisboa. O mal afamado Intendente perante este antro é um lugar angelical. **Isto aqui é frequentado por marginais do piorio. Estou preparado para o que der e vier embora não me meta com ninguém. Manda vir uma cerveja — a segunda — e ajeita o blusão de cabedal negro e dispõe-se a falar. Venho aqui porque gosto da música... como vê é na base do hard-rock, batida dura.**

Não se identifica. Um comando **não deve perder a linha.**

Conceder entrevistas a jornais pode perigar a sua imagem no quartel. Não fuma para **não prejudicar a forma.** Erva? Às vezes, depois dos exercícios ariscados que exigem coragem e perícia. **Fui eu que escolhi vir para os Comandos... ao menos faço uma tropa a sério. De resto, a outra tropa é uma bandalheira. Um comando sempre é um comando, tropa de elite.** Encomenda mais uma cerveja. Três no máximo, média que não ultrapassa. É um tipo controlado.

Esta Helena que não se parece nada com a de Tróia foi com os

companheiros de fim de curso ao Roller, no Parque Mayer. Jantaram juntos, satisfeitos, numa atitude chamada de confraternização. E todos muitas fraternos uns com os outros foram patinar. Às tantas perdem-se. Cada um para seu lado. Assim pesquei Helena, finalista do curso de Secretariado. O fato de saia e casaco, os saltos altos — conjunto muito clássico — ajustavam-se com a profissão que vai encetar se o mercado de trabalho lho permitir. No entanto, não é aquilo que gostaria de fazer. **Queria matricular-me em Sociologia, mas...** A sua surtida dessa noite à noite era ocasional. Por sistema os pais opõem-se à vida de bares e «boites»... **têm medo da droga e da violência.**

Atilada, Helena medita sobre os problemas que afectam a juventude. De uma juventude mole, **sem força de vontade para criticar**, que se deixe ir ao sabor do vento sem sequer consultar o boletim meteorológico. O seu caminho é a fuga. **Por isso se metem na droga... há muita nas escolas. Desde os mais mal vestidos aos mais bem vestidos todos fumam. Vejo a sociedade tão decadente...** Talvez a juventude se tenha cansado de ser combatente de batalhas sem vitória — uma suposição minha.

Rábula

Patinam ao som dos Roxy Music, altos e sólidos eles e elas, com descontração. O seu aspecto recorda, vagamente, o dos filhos de uma América burguesa — há outras, não esquecer. Muito novos e frescos... como o Manuel, estudando do 10.º ano, que ainda não decidiu o que quer fazer quando for altura de escolher o curso. **Em princípio economista. Tanto o meu pai como o meu avô são economistas... coisas de família.** Loiro e bronzeado (conserva ainda a cor das praias do

Sul) goza a patinagem como se fosse folgado da infância. A sua **noite** termina à meia-noite, prazo acordado com os pais. Os conflitos familiares desconhece-os. **Tenho um bom ambiente em casa, muito liberal... felizmente. Um dos princípios que assimilou e aplica na sua curta experiência de vida (16 anos) é o respeito. Respeita os mais velhos, as opiniões dos outros, o trabalho que cada um faz. Tolerante? Nem por isso. Há coisas intoleráveis. Não desperdiça as energias, diverte-se comedido. Contudo o seu caso, dentro de uma juventude — anos oitenta e portuguesa — não é exemplar. Pertence a uma família que vive bem, ilustrada, semiprogressista, sem preconceitos, o que não é muito vulgar. E comporta-se como tal.**

A cultura dos bares só é expressiva em dois ou três. O que se faz nos bares? Sei lá. Rábulas. Um gajo está lixado, as ligações amorosas não resistem... um ano ou dois e acabam. Quem se realiza no trabalho? Só os atrasados mentais, os contentinhos. Estes investiram demasiado na política, nas paixões ou até na literatura. O apelo constante para o perfeito redundou numa profunda desilusão. Daí a sua indiferença, agora, fatalista pelo futuro. E a propensão para a ruptura.

Patenteiam um certo cinismo que é capa, armaduras, máscara que se se coloca para encobrir o desespero. Os que ainda não puderam dessacralizar todos os mitos agarram-se a um único que evocam e nomeiam quando a rábula toma posse da sua vida. Ainda precisam de ter uma amarra nem que seja de vidro.

Fui para a cama com fulana... estava tão bêbado que nem sei o que me passou pela cabeça. (Mais outra rábula.) Para estes a noite não tem sortilégio. Nem sequer é terna... É noite todos os dias.

Purgatórios

Reagan encontrou maior apoio na opinião pública do que na classe política



Soldados americanos cercam a embaixada cubana na capital da ilha ocupada.

A intervenção em Granada e suas repercussões

O

alistamento militar dos Estados Unidos em Granada é cada vez mais maciço, e o seu fim cada dia parece mais afastado. Uns 6 000 soldados americanos estão activamente presentes na ilha, indicou, com efeito, no dia 28 de Outubro, durante uma conferência de Imprensa, o almirante Wesley McDonald, comandante-chefe da região Atlântica, que se recusou a excluir a hipótese da criação de uma base americana na ilha. Neste momento preciso os Estados Unidos não têm esse projecto, disse ele, mas acrescentou que Washington não afastaria essa possibilidade conforme aquilo que se passasse na América Latina e Central.

Tomando no mesmo dia a palavra perante o comité do Senado para os assuntos de informação, o director da CIA, Casey, indicou que se pronunciaria a favor da invasão de Granada, porque ela era susceptível de fazer compreender aos cubanos e aos soviéticos que a sua presença na Nicarágua não era

aceite pelos Estados Unidos. Essa operação, teria ele dito, segundo o «Washington Post», mostra a Havana e a Moscovo que a Nicarágua não está ao abrigo de uma intervenção americana, e que Washington pode e quer atacar para proteger os interesses americanos na região.

Isto não significa que se esteja na véspera de novos alistamentos militares dos Estados Unidos a sul das suas fronteiras, mas é certo que Washington quer explorar a fundo a presença de soldados cubanos em Granada, para denunciar os perigos da influência da URSS e dos seus aliados na América Latina e Central, e aumentar a pressão militar contra a Nicarágua.

O almirante McDonald também afirmou, baseando-se em documentos secretos que teriam sido descobertos em Granada, que Cuba se preparava para enviar para a ilha 4341 militares, 341 dos quais seriam oficiais, (para além dos 1100 que já lá se encontram). Tendo em conta as forças propriamente granadinas, a ilha onde Cuba pretendia, segundo o almirante, impor o «seu» governo, teria assim uns 6800 homens preparados para o combate.

Em todo o caso, a administração americana ainda não tinha tornado públicos estes documentos no dia 28 de Outubro, à hora em que vários dos seus porta-vozes já se referiam à persistência de combates de

Bernard Guetta

«vanguarda» em Granada. O almirante McDonald falou, por sua vez, de campos de milicianos nas montanhas do centro da ilha e de várias «bolsas» de resistência, principalmente no sudeste, perto do campo militar de Calivigny. Essa resistência seria animada por uns 350 cubanos que ainda não foram apriados, e por milicianos granadinos considerados «duros».

As perdas americanas seriam agora de 11 mortos, 67 feridos e 7 desaparecidos; 638 cubanos (soldados profissionais muito bem treinados) e 17 granadinos teriam sido feitos prisioneiros; 49 soviéticos, 24 norte-coreanos e vários búlgaros e alemães de Leste ter-se-iam refugiado na Embaixada da União Soviética. O almirante desmentiu que essa embaixada tivesse sido voluntariamente transformada em alvo pelos seus homens, como Moscovo afirmara depois de um dos seus diplomatas ter sido ferido.

Ao receber no dia 28 um segundo grupo de jornalistas, que fizeram uma visita acompanhada a Granada, outro militar americano, o almirante Letcalf, indicou que, para além dos homens alistados na ilha, mais de 10000 encontravam-se a bordo dos barcos de guerra ancorados ao largo de Granada. 36 cubanos foram mortos e 56 feridos, revelou ele, explicando que os

soldados americanos têm agora problemas com atiradores emboscados, e que a resistência «organizada» terminou.

Para além dos «rangers» que deviam abandonar Granada no dia 28, 500 «marines», diz-se no Pentágono, podiam ser retirados da ilha no espaço de uma semana, o que reduziria os efectivos a 5500 homens principalmente pertencentes à 82.ª divisão aerotransportada de Fort-Bragg (Carolina do Norte). No início das operações, o corpo expedicionário contava oficialmente com menos de 2000 homens.

A resistência cubana ou granadina podia pois ser mais forte do que aquilo que se diz, a menos que os soldados americanos sejam agora chamados a tarefas policiais às quais o almirante McDonald pareceu aludir ao falar do processo de identificação dos granadinos «leais» aos antigo governo, e dos que apoiaram o último golpe de Estado.

Em violação da lei internacional

Apesar de uma confusão maior do que nunca sobre as intenções políticas de Washington e a situação militar, a invasão de Granada beneficia

(acreditar numa sondagem realizada pela cadeia CBS e o «New York Times» no dia 28, dia seguinte ao do discurso de Ronald Reagan), de um amplo apoio da opinião pública americana: 65% das pessoas interrogadas aprovam o presidente, 85% acham que Granada ia efectivamente tornar-se uma base militar cubana, e 65% pensam que os imigrantes americanos estavam em perigo.

Em contrapartida, no Congresso, o Senado, de maioria republicana, como o fizera na véspera uma comissão da Câmara dos Representantes, aprovou por 64 votos contra 20 uma resolução limitando a sessenta dias a presença das forças americanas em Granada. No fim desse prazo, o presidente em virtude da lei sobre os poderes de guerra, deveria, ou chamar o contingente ou pedir ao Congresso autorização para o manter. Trata-se, por parte dos congressistas, de um apelo às suas prerrogativas, mas que tem tanto mais significado quanto o «speaker» (democrata) da Câmara, O'Neill, rompendo o silêncio que até então se impusera, acaba de declarar que o presidente violou a lei internacional ao decidir intervir em Granada.

Tanto Glenn como Mondale evitam, por seu lado, condenar a decisão de Reagan, e contentam-se com reservas mais

ou menos vigorosas. O primeiro diz-se assustado com o facto dessa administração escolher com demasiada frequência uma linguagem belicista ou a opção militar, sem estudar outras soluções, mas acha que o perigo corrido pelos imigrantes americanos justificava uma operação militar, que aprova. Glenn também se ergue contra toda e qualquer comparação entre Granada e o Afeganistão ou a Polónia, sublinhando que não havia nesses países cidadãos soviéticos em perigo nem soldados ocidentais vestidos de operários.

Mondale diz que «se» os americanos estavam em perigo e «se» Granada se ia tornar uma base soviética de subversão, também ele teria agido assim. Infelizmente, acrescenta, Reagan não consultou suficientemente os aliados dos Estados Unidos nem respeitou o princípio da não-intervenção, e o caso de Granada «corrói» a autoridade moral da América. Se o mundo acaba por acreditar que nós empregamos em primeiro lugar a força, teremos que pagar um preço muito pesado, disse ele depois de ter precisado que não pode na verdade julgar o fundo da questão, porque a administração bloqueia toda e qualquer informação objectiva.

Le Monde

Infernos

Quando os bonzos começaram a deitar fogo às roupas



Há vinte anos, o Vietname

OS bonzos de roupas cor de aça-
rão, na posição de lotus, trans-
formados em tochas humanas...
As inexpressíveis palavras da be-
líssima — mas terrível — pri-
meira dama do Vietname do Sul
censurando aquele churrasco...
Em pano de fundo silhuetas já
mais confusas. A de Diem,
chefe do clan dos Ngo, gordo
mas austero, autocrata um
pouco anacrônico, tão teimoso
que não admitia que o «seu»
povo lhe retirasse o «mandato
do céu»... A de seu irmão Nhu,
sem dúvida mais inteligente mas
mais tortuoso e mais frágil, apa-
nhado nos turbilhões do fim do
reino... As dos primeiros conse-
lheiros americanos, ao serviço
de uma contra-guerrilha nos es-
pelhos de água, atrentes mas
implacáveis que são os arrozais
do delta do Mekong e os panta-
nos da planície dos Juncos. Fi-
nalmente as dos seus adversá-
rios, os vietcongs, homens bai-
xos de pijama preto, que sal-
tando de diques em diques,
continuam, sob a direcção de
um Ho Chi Minh já velho, um
combate iniciado trinta anos an-
tes.

Ao evocar estas recordações,
velhas de vinte anos, tem-se a
impressão de mergulhar na
pré-história daquilo que foi a
segunda guerra da Indochina.

No dia 2 de Novembro de
1963 o antigo mandarim cató-
lico da corte imperial de Hué
morreu, com efeito, num veí-
culo blindado ligeiro, que o
conduzia de uma igreja de Cho-
lon onde se refugiara na noite
precedente, para o estado-maior

general das forças armadas
sul-vietnamitas, na periferia de
Saigão. Seu irmão Nhu, que es-
tava junto dele, sofreu a mesma
sorte. Na altura ainda se ignora,
mas, ao encorajar um «putsch»
de generais a derrubar a cansada
oligarquia, os Estados Unidos
acabavam de dar um passo de
gigante na direcção de uma in-
tervenção militar directa, e,
sobre tudo, no esboço daquilo
que seria a sua «guerra suja».

Frustrados com uma vitória
militar, devido aos acordos de
Genebra de 1954, os comunistas
vietnamitas foram obrigados —
pelos seus grandes irmãos so-
viéticos e chineses? — a deixar
que fosse estabelecido, a sul do
décimo sétimo paralelo, um re-
gime pró-occidental, vigorosa-
mente apoiado pelos Estados
Unidos. A zona desmilitarizada
tornou-se uma fronteira. O refe-
rendo sobre a reunificação não se
efectuou. Para substituir um
Bao Dai sem ambições, Ngo
Dinh Diem regressou de um
longo retiro nos Estados Unidos
e impôs, no Sul, a sua person-
agem de patriarca solitário, hirto
e certo dos seus direitos, muito
sensível às pressões do seu clan
e sobretudo às cóleras da cun-
hada, a esposa de Nhu. Os co-
munistas, retirados no Norte,
concederam-lhe um descanso de
três anos, visto que só reactiva-
ram em 1959, como o admitti-
ram depois, a pista Ho Chi
Minh, a fim de encaminhar para
o Sul tropas, quadros e material.
Em 1960 abriram-se as hostili-
dades com a criação de uma
Frente de libertação do sul do
Vietname. Desde então, em
face do renascimento de guerri-
lhas a sul do décimo sétimo pa-
ralelo, Washington escolheu
armar Saigão e enviar-lhe,
como reforço, um numero cres-
cente de conselheiros militares.

A crise budista

Quando os bonzos — sinal
percursor de uma mudança —

lançam a sua campanha contra o
regime diemista, já está a fa-
zer-se o braço de ferro com Ha-
noi. Em face dessa ofensiva es-
condida nos campos, a oligar-
quia diemista reagiu mal. As
intervenções da polícia secreta
são cada vez mais impopulares,
principalmente devido aos seus
métodos expeditivos. Saigão vê
os vietcongs — comunistas
vietnamitas — um pouco por
todo o lado. Afastado das reali-

de troça a senhora Nhu.

No dia 11 de Junho, desta vez
em Saigão, quando as prisões se
enchem de tudo o que parece ser
da oposição, o bonzo Quang
Duc, um velho religioso, foi o
primeiro a imolar-se pelo fogo.
Essas imolações alertam a opi-
nião pública internacional. O
regime endurece. Diem apoia-
se cada vez mais em Nhu e na
mulher deste. Parece tanto
menos disposto a ceder quanto

Jean-Claude Pomonti

dades e cada vez mais sob o
domínio dos Nhu, Diem não
pensa na impopularidade cres-
cente do sistema, inclusive
junto da influente minoria cató-
lica, em parte natural do Norte,
e na qual ele se apoia. O auxílio
americano aumentou mas o re-
gime está cada vez mais isolado.

Foi no dia 8 de Maio de 1963
que a crise budista estalou com a
repressão de uma manifestação
religiosa — uma mulher e oito
crianças mortas, umas por ba-
las, outras esmagadas — em
Hué, onde o irmão mais novo de
Diem, Ngo Dinh Can, tinha um
feudo. O governo atribuiu aos
vietcongs a responsabilidade do
«incidente». A hierarquia de
uma Igreja budista renascente
— sob a influência da escola
cinghalesa — organiza com
surpreendente rapidez sob o im-
pulso do bonzo Tri Quang que
mais tarde se refugiara na Em-
baixada dos Estados em Saigão.
Nesse Estado policial, que pro-
tege os católicos — o irmão
mais velho de Diem, monsenhor
Ngo Dinh Thuc, é arcebispo de
Hué — a Igreja budista pode
exprimir e eventualmente cata-
lizar, um descontentamento. Os
bonzos fá-lo-ão, tanto mais que
o regime que os despreza, não
lhes reconhece nenhuma autori-
dade moral nem espiritual.
**Deixem-nos queimar-se, po-
demos aplaudi-los, diz em ar**

os Americanos que lhe conce-
dem um auxílio anual de meio
milhão de dólares, pedem-lhe,
cada vez mais abertamente, que
alargue a base do seu regime e
mesmo que se desembarace do
casal Nhu. Entre os políticos
próximos do presidente Ken-
nedy, salvo raras excepções,
duvida-se de que se possa ga-
nhar a guerra contra o vietcong,
com um regime tão impopular.
Aqueles que pensam que Diem
ainda se pode «reformar», per-
dem terreno, e a ideia de uma
mudança faz caminho.

Num primeiro tempo Ken-
nedy substitui o embaixador
Nolting, considerado «pró-
diemista», por Cabot Lodge,
um republicano, enquanto que
em Saigão a repressão para com
os budistas aumenta e antigos
partidários de Diem, principal-
mente o doutorinho, Tran
Kim Tuyen, chefe da polícia
secreta, começam a conspirar
com oficiais católicos julgados
extremistas. Estudantes da fa-
culdade e do liceu são presos.
Os políticos e os oficiais com-
preendem que o regime está no
fim. Os vietcongs exploram a
situação para tecer a sua teia de
aranha nos campos. Diem não
se mexe. Nhu tentará então co-
locar toda a gente perante um
facto consumado, no dia 20 de
Agosto, fazendo com que as
milícias do regime tomem de

assalto os pagodes, e atribuindo
a responsabilidade dessa san-
grenta «defenestração» dos
bonzos, ao Exército. Cabot
Lodge, que chega dois dias de-
pois a Saigão, encontra aí uma
situação muito mais grave do
que previra. Aparentemente
Nhu passou à frente do presi-
dente.

Washington propõe ao seu
embaixador que encare a hipó-
tese de abandonar Diem, se este
recusar desembaraçar-se do ir-
mão. No debate, muito ani-
mado, no seio da equipa Ken-
nedy, nunca se trata de uma reti-
rada do Vietname. Agora trata-
-se de encorajar, cada vez mais
claramente, um golpe de Estado
militar. O presidente Kennedy
toma assim a responsabilidade,
não de derrubar, mas sim de
facilitar a queda de um prote-
gido dos Estados Unidos, cató-
lico como ele, esperando em
todo o caso que os generais lhe
salvem a vida.

Setembro e Outubro são,
pois, em Saigão, dois meses de
preparativos, de valsa hesitan-
tes, de boatos e de manobras.
«Lou» Coneim, oficial supe-
rior, agente da CIA, é encarre-
gado por Cabot Lodge de man-
ter contacto com os generais e
tentar saber quais são os seus
planos. Ele vê regularmente,
num dentista, o general Tran
Van Dôn, um dos cérebros do
«complot» com os generais Le
Van Kim e Mai Huu Xuai. Eles
juntarão à sua causa, aprovei-
tando-se da sua vaidade, o go-
vernador militar de Saigão, ge-
neral Ton That Dinh. A figura
de proa do grupo será o general
Duong Van Minh, o «grande
Minh», de quem Diem descon-
fia o bastante para ter feito dele
seu conselheiro militar sem po-
der, e que voltará à testa do
Estado doze anos mais tarde, o
tempo de decidir a rendição. À
excepção de Dinh estes generais
pertencem à burguesia «su-
lista».

O golpe de Estado está mar-
cado para 1 de Novembro. É
facilitado por um erro de Nhu,
que se engana nos combates e
pensa que se trata do «falso
golpe» que ele próprio organi-
zou. Quando os dois irmãos
compreendem o que se passa, é
demasiado tarde. As tropas
fieis, estacionadas na província,
não se mexem. O assalto do pa-
lácio, protegido pela guarda
presidencial e pelas forças es-
peciais de Diem é feito — os
generais pensaram em tudo —
por elementos da 5.ª divisão da
infantaria, estacionada em
Bien-Hoa e comandada por um
jovem coronel católico, origi-
nário do Centro, Nguyen Van
Thien, que em breve tinha um
lugar ao sol, visto que seria
chefe do Estado durante nove
anos.

A tomada do poder pelos mi-
litares suscita cenas de regozijo
popular. De momento Washing-
ton pode felicitar-se com tal so-
lução, apesar do assassinio de
Diem e de Nhu. Nessa altura
não se pensa que os generais
serão afastados do poder três
meses depois, por um dos mais
jovens, o general Nguyen
Khanh, nova carta americana,
que a guerra está afinal de con-
tas a começar e que cinco anos
mais tarde mais de meio milhão
de soldados americanos estarão
estacionados no Vietname. E
que os Estados Unidos, vinte
anos mais tarde, continuarão
profundamente marcados pela
sua incrível desventura.

* Os dois trabalhos de referência
sobre este período, são *The Penta-
gon Papers*, editado pelo New York
Times em Junho de 1971 (Bentam)
e *Vietnam, a History*, por Stanley
Karnow, que acaba de ser publicado
nos Estados Unidos (Viking Press),
em relação com a difusão, por PBS,
de uma série de emissões de televi-
são que retratam a história do ali-
stamento americano no Vietname.

Sete
Ponto
Sete

doces crônicas

Crip

• Uma paixão correspondida: eis o que espera, esta semana, os amantes do «western». O local de encontro é a Cinemateca Nacional, onde, às 18.30 e 21.30, John Ford, na sua primeira fase (entre 1917 e 1939) ocupará o «écran». «Just Pals»; «The Iron Horse»; «North of Hudson Bay»; «The Blue Eagle»; «Mother Machree» e «Hangman's house» são alguns filmes de Ford a exhibir durante a semana que hoje se inicia.

• Se é noctívago e aprecia bons filmes para acabar a noite, não perca «Bullit» de Peter Yates com Steve McQueen e um modo especial de ver S. Francisco. No Quarteto, às 23.30 e até dia 8. Também no Quarteto, à mesma hora, pode rever Os-hima com o seu «Império da Paixão» e, no dia 11, Win Wenders com «O Amigo Americano».

• Continuando nas «fitas», lembre-se que no Apolo 70 e no Satélite continua em exibição «Os Quatro Amigos» de Arthur Penn. Um filme que tem, no mínimo, um pouco de cada um de nós. E, no Quarteto, um «Pacto com o Diabo» à maneira de Fassbinder-Querelle. Mas se hoje não é a «sétima arte» que tenta, vá pelas 22 horas, à Casa da Comédia. «Marlowe» (lembra-se de Chandler?) está aí em cena.

• Também hoje, pelas 18.30, na Gulbenkian, pode ouvir obras de um dos maiores nomes da música do nosso século: Anton Webern que, com Schoenberg, formou a chamada «Segunda Escola de Viena». A interpretação é do grupo Die Reihe dirigido por Friedrich Cerha. Se gostar, volte amanhã (terça-feira) à mesma hora.

• E, se nestas andanças, passar por uma livraria, não hesite. Entre e compre a primeira tradução portuguesa de «Ulisses». O autor é James Joyce e o preço é 980 escudos. Mas, não espere pelo Natal... lembre-se que este ano não há 13.º mês.



URSS progride no campo da telepatia

Washington, 7 de Nov. — A União Soviética realizou progres- sos «significativos» no campo de telepatia, segundo revela um estudo das Forças Armadas terrestres dos EUA.

Este estudo, realizado há dois anos, manteve-se em total sigilo até hoje e é agora publicado numa obra de Martin Ebon, intitulada «A guerra psíquica: ameaça ou ilusão?»

Os seus autores afirmam que a União Soviética fez «progressos significativos no desenvolvimento das armas psicotrónicas». O termo «psicotrónico» — neologismo, abreviado por «psicoelectrónico» — é utilizado para descrever «a projecção ou a transmissão da força mental» por diversos processos, incluindo a utilização de aparelhos de microndas.

Assim, segundo Ebon, o «bombardeamento» — provavel-

mente desde 1953 — da Embaixada dos Estados Unidos em Mos- covo, por microndas, não visaria espionar os diplomatas americanos ou a baralhar as suas comunicações, como se pensou geralmente, mas a «realizar transmissões de pensamento, entre os membros do pessoal da Embaixada ou a tentar decifrar os seus pensamentos».

Um relatório preparado recentemente pelo serviço de investi- gação do Congresso estabeleceu que tais técnicas, ainda balbucian- tes e envoltas no maior sigilo, podem efectivamente ser utilizadas para uma recolha de informações e para operações de polícia.

O relatório sublinha, igualmente, que a URSS consagraria algumas dezenas de milhões de dólares, por ano, para estudos, nesse domínio.